



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Pedro Valentim Eccher

Problematizando o Gênero na Psicanálise: entre discursos e práticas clínicas

Florianópolis

2023

Pedro Valentim Eccher

Problematizando o Gênero na Psicanálise: entre discursos e práticas clínicas

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção de grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Profa. Dra. Mériti de Souza

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Eccher, Pedro Valentim
Problematizando o Gênero na Psicanálise : Entre
Discursos e Práticas Clínicas / Pedro Valentim Eccher ;
orientadora, Mériti de Souza, 2023.
115 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa
de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Psicanálise. 3. Gênero. 4. Sociedade.
5. Política. I. de Souza, Mériti . II. Universidade Federal
de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
III. Título.

Pedro Valentim Eccher

Problematizando o Gênero na Psicanálise: entre discursos e práticas clínicas

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 14 de abril de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Dr.(a) Marcela de Andrade Gomes, Dr.^a

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Leonardo Lemos de Souza, Dr.

Universidade do Estado de São Paulo

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.(a) Mériti de Souza, Dr.(a)

Orientador(a)

Florianópolis

2023

Aos amigos e familiares que partiram nos últimos anos, tanto aqui quanto lá.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às orientações tão acolhedoras, potentes e inspiradoras da Prof.^a Mériti de Souza. Agradeço por apostar nesta pesquisa de mestrado, por compartilhar seu conhecimento e por incentivar o desenho de outros e novos horizontes.

Agradeço à minha família, à minha irmã e ao meu cunhado, Ana e Chico; aos meus sobrinhos, Bernardo e Isabela, por me apontarem outras formas de convivência. Além disso, agradeço à minha avó Maria por me fornecer estrutura para encarar a vida adulta.

Agradeço aos meus pais, Valdemar e Ana, por terem me ensinado a construir e a costurar desde muito cedo. Além disso, agradeço aos meus tios, Bruno e Anilza, por me ensinarem o que é acolhimento.

Agradeço aos meus amigos pelos suportes e incentivos. Amizades que sempre me alegraram e apontaram saídas para muitos impasses, em especial: Adriana, Ana, Andreia, Breno, Bruno, Daniel, Fabiano, Gustavo, Luiza, Maurício, Matheus e Matheus.

Agradeço aos/às professores/as com quem tive o prazer de conviver desde o jardim de infância até a universidade. Minha escrita foi possível também graças aos endereçamentos destes outros, em especial: Gustavo, Ângela, Fátima, Marisa, Geisa, Jeisa e Pedro.

Agradeço aos bons encontros com professores/as, colegas e grupos de orientação no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC, em especial ao grupo de sábado composto pelos/as orientandos/as da Prof.^a Mériti.

Agradeço aos/às psicanalistas com quem pude realizar minhas análises pessoais e supervisões, pois suas escutas me mobilizaram a forjar meu estilo, a percorrer meu percurso.

Agradeço à FAPESC pela confiança no meu trabalho. Esta dissertação foi concluída com qualidade graças aos incentivos financeiros dessa instituição.

Cabem, enfim, agradecimentos aos/às psicanalistas que se disponibilizaram a colaborar com esta pesquisa a partir dos seus estilos e percursos. Os bons encontros com Anna, Ernesto, Joana, Joaquim e Vicente contribuíram para minha trajetória acadêmica e profissional e foram fontes de inspiração para minha prática clínica.

Quando o luto tiver terminado, verificar-se-á que o alto conceito em que tínhamos as riquezas da civilização nada perdeu com a descoberta de sua fragilidade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de forma mais duradoura do que antes.

Sigmund Freud

Escrever é caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido

Gilles Deleuze

O amador não é obrigatoriamente definido por um saber menor ou uma técnica imperfeita [...], mas, sim, por isto: ele é o que não se mostra, o que não se faz ouvir

Roland Barthes

RESUMO

Esta dissertação foi fundamentada teoricamente em referências que consideram o gênero plural, para além do masculino e feminino, constituído por aspectos psíquicos e sociais distantes de quaisquer prescrições patológicas e generalizadas. Reconhece como as questões de gênero, presentes em diversas áreas do conhecimento, também marcaram e contribuíram para o surgimento da psicanálise, sublinhando a relevância dessa categoria analítica em pesquisas sobre a constituição subjetiva e as práticas clínicas. A partir desses pressupostos, os objetivos direcionam-se para localizar e problematizar bibliografias sobre a constituição subjetiva e seus atravessamentos com as dimensões analítica e instrumental do gênero; bem como para analisar discursos de cinco psicanalistas que residem no Brasil a respeito do gênero, considerando as ressonâncias das suas concepções sobre essa categoria analítica em suas práticas clínicas. Foi realizada uma pesquisa em psicanálise extramuros que aborda o universal e o singular, dado que esses atravessam as grandes categorias identitárias e a constituição psíquica. As entrevistas puderam promover a enunciação de pontos ainda não escutados nas histórias dos/das psicanalistas, perlaborando temas por meio da transferência, da livre associação e da atenção flutuante. Juntos, tecemos outros saberes na trama psicanalítica, especialmente sobre como o gênero pode ser um conceito apropriado e operado após ter sido discriminado na história psicanalítica; o quanto as questões de gênero atravessam tanto analistas quanto analisantes e compõem transferências e contratransferências; e a função do trabalho de base com a categoria analítica de gênero nas transmissões e formações. Entendemos que as questões de gênero se apresentam como problemáticas de pesquisa à psicanálise, pois tensionam revisões e expansões de discursos e práticas clínicas, além de exigirem que as práticas que envolvem a escuta do sujeito dialoguem com outras disciplinas. Também interessou escutar o gênero e outros aspectos da nossa subjetividade e da cultura brasileira, problematizando como essa escuta reverbera nas diversas práticas culturais, educacionais, psicológicas, dentre outras.

Palavras-chave: Psicanálise; Gênero; Psicanalistas; Extramuros; Entrevistas.

ABSTRACT

This dissertation was theoretically grounded in references that consider the plural gender, beyond the male and female, constituted by psychic and social aspects distant from any pathological and generalized prescriptions. It recognizes how gender issues, present in various areas of knowledge, also marked and contributed to the emergence of psychoanalysis, emphasizing the relevance of this analytical category in research on subjective constitution and clinical practices. Based on these assumptions, the objectives are aimed at locating and problematizing bibliographies on subjective constitution and its intersections with the analytical and instrumental dimensions of gender; as well as analyzing the discourses of five psychoanalysts residing in Brazil regarding gender, considering the resonances of their conceptions of this analytical category in their clinical practices. An extramural psychoanalysis research was carried out that addresses the universal and the singular, given that these cross the great identity categories and psychic constitution. The interviews were able to promote the enunciation of points that had not yet been heard in the stories of the psychoanalysts, elaborating themes through transference, free association, and floating attention. Together, we weave other knowledge in the psychoanalytic plot, especially about how gender can be an appropriate and operated concept after being discriminated in psychoanalytic history; how much gender issues affect both analysts and analysands and compose transferences and countertransferences; and the function of work based on the analytical category of gender in transmissions and formations. We understand that gender issues present themselves as research problems for psychoanalysis, as they tension revisions and expansions of discourses and clinical practices, as well as requiring practices involving listening to the subject to dialogue with other disciplines. We were also interested in listening to gender and other aspects of our subjectivity and Brazilian culture, problematizing how this listening reverberates in various cultural, educational, psychological, among other practices.

Keywords: Psychoanalysis; Gender; Psychoanalysts; Extramural; Interviews.

LISTA DE SÍMBOLOS E ABREVIACÕES

COVID-19	Significa em inglês: coronavirus disease 19.
FAPESC	Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina.
LGBTQIAP+	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queer, assexuais, intersexuais, pansexuais...
ONU	Organização das Nações Unidas
PACS	Pacte Civil de Solidarité (Pacto Civil de Solidariedade).
SAF	Situação Antropológica Fundamental.
SARS-CoV-2	Significa em inglês: coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave.
TCLE	Termo de consentimento livre esclarecido.
TSG	Teoria da Sedução Generalizada.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
2. Histórias Sobre o Gênero na Psicanálise: subversões, contradições e horizontes.....	20
2.1 Por um Freud mais desnaturado.....	22
2.2 A potência criativa das [auto]críticas.....	31
2.2.1 <i>Esfolamentos contratransferenciais.....</i>	<i>37</i>
2.3 Gênero, um conceito possível à psicanálise.....	40
2.3.1 <i>Pluralizar a prática clínica.....</i>	<i>47</i>
3. Estratégias de Produção do Conhecimento.....	53
3.1 Pesquisa em psicanálise e entrevistas: repetir, perlaborar, assumir.....	53
3.2 Recortes do método: parcialidade e cientificidade.....	58
4. Análises Acionadas por Transferências Comuns.....	62
4.1 Dois termos na mesma sentença.....	63
4.2 Psicanalista tem gênero?.....	73
4.2.1 <i>Naturalidades da transferência e da contratransferência.....</i>	<i>81</i>
4.3 Apropriações do gênero: transmissão e formação.....	85
4.3.1 <i>Interseccionalidades entre inconsciente, gênero, raça, classe e.....</i>	<i>93</i>
5. Considerações Finais.....	97
6. Referências.....	101
Apêndice 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	110
Apêndice 2 - Perguntas Disparadoras.....	114

1. Introdução

Devemos sempre lembrar que o dogma significa o fim da psicanálise.
(Christopher Bollas, 1998, p. 140).

Início com histórias, percursos e transferências. Apresento brevemente experiências que me mobilizaram a pesquisar para costurar minha história com as propostas desta dissertação. Assim, escrevo a partir de uma estilística singular, que me possibilitou tecer sentidos na trama psicanalítica e forjar uma pesquisa em psicanálise na pós-graduação. Uma trama ramificada, não linear, que se expande por diversos [con]textos.

Escrevi a primeira versão desta dissertação no mesmo período em que articulava as análises do meu artigo de conclusão da graduação, intitulado: “Psicanálise, o pulsional e a coletividade: a escuta da história brasileira projetada por Bacurau”. A proposta desse escrito era pensar, a partir de uma psicanálise extramuros, as (im)possibilidades de vida coletiva propostas pela teoria freudiana bem como as histórias brasileiras de violências e colonização ilustradas nessa obra cinematográfica. Seguindo tais movimentos de pesquisa, deparei-me com outros pontos de interpretação, constatando as relações dos habitantes de Bacurau com a pluralidade de gênero, com o manejo dos conflitos internos e com o acolhimento das diferenças. Naquela época, na dificuldade de incluir tudo em um único artigo, estendi meus questionamentos sobre as ligações entre a psicanálise e os estudos de gênero para o pré-projeto de mestrado. Algo transbordava. Dessa forma, aproximando-me ainda mais das leituras que interligam essas perspectivas, tive inúmeras perguntas. Portanto, foram alguns atravessamentos com a arte e o cinema que me mobilizaram a compor, elaborar, escrever e pesquisar.

Falando em arte, nos últimos três anos, desenvolvo um projeto de extensão vinculado ao Instituto Federal Catarinense (IFC) — Câmpus Brusque, em que penso as potências de performances artísticas em instituições escolares, de modo a transformá-las em espaços habitados, criativos e significativos para a comunidade local. O projeto busca participação efetiva da comunidade na vida escolar e nos espaços urbanos, apropriando-se das potências artísticas e da filosofia da diferença¹ para propor movimentos escolarizados. Durante essas proposições, conheci

¹A Filosofia da Diferença se firmou no decorrer do século XX, provocando modificações nos pressupostos hegemônicos da filosofia, inaugurando outros caminhos para o pensamento a partir da diferença e da repetição. Dois autores que trabalham com essa perspectiva são Gilles Deleuze e Félix Guattari (Grisotto, 2010).

e estive transferenciado com a arte errante, especificamente com Francis Alÿs, um artista belga. Alÿs cria performances, errâncias e andanças, problematizando territórios, fronteiras e segmentações, principalmente no Oriente Médio e na América Latina. Assistindo suas exposições, senti-me cada vez mais afetado, mobilizado a transitar, transgredir. Hoje, escrevendo este texto num segundo tempo, escuto como o percurso junto dessas propostas artísticas transformou minhas concepções sobre a vida e, conseqüentemente, sobre a psicanálise, a escrita e a pesquisa.

Acolhendo as transitoriedades inerentes à vida e buscando alternativas para continuar minha formação acadêmica e profissional, encontrei, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP), na área de Psicologia Social e Cultura e no grupo de orientação com a Prof.^a Mériti, entradas para trabalhar e assumir uma psicanálise que dialoga com a filosofia, a literatura, a história, a sociologia, entre outras disciplinas. As interseccionalidades permitiram-me abarcar os problemas de gênero, os processos de subjetivação da atualidade e as implicações da herança freudiana com a cultura, herança como um conteúdo que é transmitido às gerações posteriores, mas que não se fixa, podendo ser assumida, questionada e expandida (Derrida & Roudinesco, 2004).

Esses espaços de ensino, pesquisa e extensão foram propícios para a ampliação das composições iniciais do pré-projeto de mestrado. Recentemente, na clínica, também tenho escutado histórias de pessoas que se reconhecem como trans e não binárias, e essas histórias têm suscitado questionamentos sobre os fundamentos da minha escuta. Com o passar do tempo, aliando leituras clínicas com as referências trabalhadas no mestrado bem como articulando a metapsicologia e o intrapsíquico com as relações transferenciais e os processos intersubjetivos desses casos², constatei que minhas interpretações eram constantemente tomadas pelo desconhecido, pela surpresa e pelo inesperado. Foram as aberturas às singularidades e as transmissões de referências psicanalíticas que consideram o gênero plural e despatologizado, somadas às supervisões, que balizaram minhas intervenções nas sessões e possibilitaram-me escutar pontos até então emudecidos nas histórias dessas pessoas. Essas experiências clínicas despertaram minha curiosidade sobre como outros analistas concebiam e escutavam o gênero na atualidade.

Antes da passagem à temática da pesquisa propriamente dita, acredito ser necessário mencionar o cenário pandêmico gerado pelo vírus SARS-CoV-2 e a doença COVID-19 em 2020,

²André Green e Fernando Urribarri (2019) fazem uma discussão sobre a necessidade de articular essas duas dimensões e escapar do binarismo da relação da pulsão e do objeto que atravessa a psicanálise. Esses autores argumentam que o intrapsíquico e o intersubjetivo estão imbricados numa prática clínica.

2021 e 2022, um cenário que modulou as subjetividades dos pesquisadores e a formação em Psicologia. A pandemia no Brasil atinge marcas lamentáveis de aproximadamente 700.000 mortes³, tendo estreita relação com as políticas mortíferas disseminadas durante esse tempo trágico, especialmente pelo governo federal de extrema direita em exercício durante esses anos e seus apoiadores — desinformação proposital; sucateamento dos programas vinculados à educação, à saúde/às vacinas; discursos ditatoriais e violentos contra adversários políticos e minorias; e manifestações repugnantes, tal como a ocorrida nos dias sete de setembro de 2021 e 2022. Levando isso em conta, após a vacinação da população e após os novos tempos de mudança política, esta dissertação, que envolveu entrevistas com pessoas para sua efetivação, foi escrita com sensibilidade ante as gravidades da pandemia, sensibilidade essa que impacta diretamente na composição do texto.

Nesse sentido, considerando os afetos e os saberes que me atravessaram, não esgotados neste escrito, desenhei contornos de uma pesquisa em psicanálise voltada às questões sociais e políticas atreladas às questões de gênero da atualidade. Sustentei uma investigação que deve tensionar e ser tensionada, que não visou nem criticar desnecessariamente aspectos da transmissão freudiana nem idealizar concepções psicanalíticas como pressupostos irrefutáveis; o mesmo valendo para as teorias feministas e de gênero. Foi proposto um escrito de diálogo e de movimento entre fronteiras teóricas, de escuta das diferenças e das contradições advindas dos encontros entre a psicanálise, as subjetividades do nosso tempo e outras disciplinas que problematizam o gênero. A partir disso, a pesquisa foi endereçada aos discursos de cinco psicanalistas (de diferentes: gêneros, sexualidades, escolas e gerações de formação, regiões do Brasil) a respeito das suas concepções sobre as influências das questões de gênero em suas práticas clínicas, escutados/as em entrevistas únicas e qualitativas realizadas durante a pesquisa⁴.

Introdutoriamente, vale sublinhar que a psicanálise é múltipla, transmitida por diferentes autores, teorias, escolas e perspectivas. A respeito das interações da psicanálise com o gênero, podemos elencar opiniões diversas, em espectros completamente distintos, que culminam em diferentes posicionamentos. Pedro Ambra (2016) descreve três grupos que representam

³Brasil, Painel Coronavírus (2023).

⁴Aqui, é importante ressaltar o posicionamento adotado em relação à questão da linguagem neutra de gênero, uma vez que é um tema muito debatido, sem uma definição definitiva sobre a sua estratégia de escrita. Portanto, ao longo do texto, optei por utilizar a linguagem universal para descrever os sujeitos, mas sem deixar de assumir uma posição crítica em relação às hegemonias de gênero. Durante as análises, para me referir aos entrevistados, utilizei os pronomes "ele/ela" porque as próprias pessoas entrevistadas se identificaram dentro desses espectros.

dissemelhanças no campo psicanalítico a respeito dessa discussão. Resumidamente, o autor caracteriza da seguinte forma: 1) um primeiro grupo enxerga a contemporaneidade como um apocalipse simbólico, defendendo que psicanalistas precisam lutar contra discursos de apagamento da diferença sexual anatômica, mantendo a figura do Nome-do-Pai intocável; 2) um segundo, muito próximo ao primeiro, argumenta que a psicanálise é uma clínica e que não se envolveria com questões sociais, sendo a postura de abstinência total um modelo ideal ao analista para se distanciar da sociologia; 3) um terceiro, que tende a ser mais próximo das universidades, legitima articulações da psicanálise com outros saberes, teórica e praticamente, tensionando os limites de conceitualizações e transmissões⁵.

Na qualidade de autor, assumi uma postura próxima da terceira via citada por Ambra (2016), acreditando que todo estudo psicanalítico individual é, ao mesmo tempo, social, dado que a pessoa sempre se relaciona com os outros, seja como ideal, objeto de amor ou oponente (Freud, 1921/2011). Trabalhei, portanto, com uma psicanálise atenta às mudanças sociais e às negociações imprevisíveis do pulsional para problematizar o modelo da diferença sexual e tratar o gênero pluralmente, com leituras que questionam leituras binárias e reducionistas. Para isso, referenciei-me em psicanalistas e bibliografias que procuram não restringir o gênero pela heteronormatividade e pelo falocentrismo⁶, renunciando a modelos etiológicos, patológicos e generalizados, por exemplo: Jean Laplanche, Joel Birman, Judith Butler, Márcia Arán, Patrícia Porchat, Pedro Ambra, Silvia Bleichmar, Thamy Ayouch, entre outros. Apropriei-me dessas referências para articular como as questões atuais atreladas ao gênero atravessam escutas, transferências e contratransferências, clínicas e teorias no campo psicanalítico brasileiro.

Neste estudo, tornou-se fundamental demarcar uma psicanálise atenta às questões sociais e políticas, pois, nos meandros do século XX, as conceitualizações de Freud para explicar sujeitos históricos da modernidade tenderam a se tornar teoricamente inquestionáveis e universais, especialmente acerca do território clínico, do saudosismo em torno do divã. A respeito desse período, Jurandir Freire Costa (1988, p. 49) argumenta que “[...] começa-se a pensar um sujeito em abstrato e isso coloca a psicanálise numa direção um pouco monista e exclusivista. O que eu não

⁵O parágrafo visa situar o leitor. Por vezes, não há uma separação tão nítida entre esses grupos nem uma estagnação, onde só na universidade se tensionariam conceitos, por exemplo. Todas as vias visam à produção de saberes, sejam clínicos, “neutros” ou de fronteira. As descrições são parciais, mas se referem a movimentos comuns no campo da psicanálise. Nesse sentido, assumi uma postura próxima, mas não total.

⁶Provisoriamente, heteronormatividade e falocentrismo podem ser definidos como conceitos apropriados para explicar hegemonias de pensamento e de produção subjetiva presentes nas sociedades marcadas pela colonização e pelo patriarcado. Esses dois conceitos serão esmiuçados durante os marcos teóricos.

acredito que tenha sido o elã inicial do empreendimento freudiano”. No campo psicanalítico, foram constatadas proposições destoantes das potências freudianas de escutarem as mudanças do psiquismo em diferentes épocas e civilizações, de abarcar investigações sobre a cultura e a dinâmica dos povos — como “Totem e tabu” e “Moisés e o monoteísmo” (Freud, 1913/2012; 1939/2018).

Sabemos que nem todos os estudos psicanalíticos tinham esse caráter exclusivista. Entretanto, segundo o autor, são exclusões que ainda se alastram. Reconhecendo esse traço histórico da psicanálise e seu distanciamento de questões sociais, pesquisas em universidades públicas brasileiras propagam uma expansão psicanalítica na cultura, enfatizando interdisciplinaridades próprias do universo acadêmico e de suas aberturas para produzir conhecimento. Resgatando estudos desde Freud, pesquisas fomentam temáticas empobrecidas pelo arquivo psicanalítico, instigando a herança freudiana a produzir em conjunto com outras disciplinas — arte, política, sociologia, antropologia e história. Uma característica desses trabalhos é justamente desengessar as ênfases do território clínico, de modo a criar fins socialmente significativos e desmistificar verdades a-históricas institucionalizadas por uma parcela da comunidade psicanalítica (Birman, 2016).

Esta dissertação foi inserida nesse cenário, afunilando-o para as questões de gênero. Além disso, aliados aos processos de releitura de premissas psicanalíticas associadas aos elementos da cultura do nosso tempo, os estudos de gênero e os feminismos, a rua, a cidade, o aumento do público LGBTQIAP+ nos consultórios particulares e nas instituições públicas, as reivindicações políticas provocam psicanalistas a revisitarem suas escutas. As mulheres e as subjetividades que eram vistas como subversivas à normatividade começam a construir espaços habitados, pontes de diálogo e a resistir à mortificação da diferença. Pessoas protestam, rompem, fazem barulhos nas avenidas e nas teorias, demandando ser escutadas para além de hierarquias e psicopatologias, inaugurando outras possibilidades de amar e de sofrer distintas do que a psicanálise se acostumou a escutar no século passado (Porchat, 2018).

Considerando a atualidade desse debate, a partir do meu percurso pessoal e acadêmico articulado com os processos históricos, teóricos e sociais sobre o gênero na psicanálise a serem explorados nos capítulos seguintes, compus o problema de pesquisa. Sustentando um olhar para a

singularidade⁷ e a transferência do pesquisador em um estudo, questioneei: como as questões de gênero são concebidas no campo psicanalítico brasileiro? De forma específica, perguntei-me: quais são as ressonâncias dessas concepções numa prática clínica fundada na psicanálise? Como há uma vasta gama de escutas, teorias, estilísticas e posicionamentos no campo psicanalítico, essa problemática, uma vez associada às entrevistas com analistas e à pesquisa em psicanálise, pôde costurar saberes sem estagnar em uma única escola teórica, captando aspectos singulares e universais compartilhados por psicanalistas, que residem no Brasil, a respeito do gênero.

Para direcionar essas proposições e elaborar os problemas da pesquisa, foram traçados o objetivo geral e os objetivos específicos. De forma ampliada, a ideia foi analisar discursos de psicanalistas a respeito do gênero a partir de entrevistas, considerando as ressonâncias das suas concepções sobre essa temática nas suas respectivas práticas clínicas. De forma específica, o estudo propôs: localizar e problematizar bibliografias endereçadas às práticas clínicas da psicanálise; estabelecer pontes de diálogo entre pressupostos psicanalíticos e outras referências que se debruçam sobre o gênero; e ampliar o conhecimento sobre como as concepções sobre o gênero reverberam na prática clínica de um psicanalista.

Almejei, com esses objetivos, escutar possíveis decomposições e recomposições provocadas pelos barulhos de gênero nos cotidianos de cinco psicanalistas. Produzir um escrito associado às pluralidades em psicanálise, principalmente a respeito das concepções atreladas ao gênero, possui o intuito de continuar a atualizar a transmissão freudiana. Sustentando esses argumentos, a pesquisa, uma vez preocupada com questões políticas e sociais, singulares e universais, pôde problematizar concepções moduladoras de escutas e discursos que se balizam nos pressupostos psicanalíticos. Consequentemente, assumindo tais movimentos de pesquisa, com novos arranjos sobre a temática pesquisada, pretendi contribuir para as subjetividades, os profissionais e os saberes atravessados pelas potências da psicanálise.

Essa proposta forjou um trabalho que envolveu uma temática universal sem apagar o singular, sem desmerecer a estilística de cada pessoa entrevistada, sendo uma estratégia formulada para prospectar outras possibilidades de interpretação e escutar as alteridades para costurar outros sentidos a respeito do gênero na trama psicanalítica. A pesquisa acolheu concepções passíveis de serem formuladas, traduzidas e enunciadas por cinco psicanalistas, concepções essas escutadas em

⁷O singular diz respeito necessariamente ao que se denomina como próprio ao sujeito no seu entrelace ao grupo e à cultura. Assim, o conceito de singular na psicanálise e na leitura pós-estruturalista diz respeito ao entrelace entre o que na tradição moderna se denomina como social e individual (Souza, 2018).

entrevistas realizadas remotamente, utilizando-se de instrumentos de vídeo e gravação para sua realização. A dissertação pôde ampliar noções a respeito da transmissão e da formação em psicanálise, explorando como histórias progressas e atuais sobre o gênero mobilizam estilísticas, patogêneses e/ou contribuições em práticas clínicas fundadas nos pressupostos freudianos, como a sexualidade infantil e o inconsciente.

Optei por escrever os capítulos em um modelo de guarda-chuva, ou seja, existe uma temática que norteia a escrita. Segundo essa temática geral, escrevi marcos que recortam e ilustram problematizações fundamentais para a existência desta pesquisa e do meu percurso no mestrado. Os temas e os conceitos apropriados falam, portanto, de uma estilística e de transferências produzidas conforme eu adentrava os campos de estudo.

O capítulo 2 “Histórias Sobre o Gênero na Psicanálise: subversões, contradições e horizontes” foi dividido em três marcos: 2.1 “Por um Freud mais desnaturado” explora alguns pressupostos freudianos em torno da sexualidade e sua relação com o inconsciente, os indícios de gênero em Freud bem como as subversões, as contradições e as fragilidades produzidas pelo inventor da psicanálise ao longo de sua obra; 2.2 “A potência criativa das [auto]críticas” entrelaça referências que produziram [auto]críticas criativas a alguns pressupostos psicanalíticos trabalhados no capítulo anterior, focando nos esfolamentos contratransferenciais produzidos no campo psicanalítico e na potência de conhecermos essas críticas; e 2.3 “Gênero, um conceito possível à psicanálise” trabalha o gênero como possibilidade de conceito a ser operado na trama psicanalítica, afunilando como a legitimação dessa ideia possibilita a pluralização da prática clínica.

Apresento no capítulo 3 “Estratégias de Produção do Conhecimento” os fundamentos que sustentaram esta pesquisa. O título desse capítulo traz uma mudança em relação às clássicas e positivadas definições de “metodologia de pesquisa”, aproximando-se dos pressupostos psicanalíticos e de suas articulações com a universidade. O marco 3.1 “Pesquisa em psicanálise e entrevistas: repetir, perlaborar, assumir” contém argumentações teóricas para introduzir e justificar as especificidades do modelo psicanalítico de pesquisa, enquanto o marco 3.2 “Recortes do método: parcialidade e cientificidade” define os parâmetros utilizados para realizar as entrevistas gravadas com cinco psicanalistas — de diferentes gêneros, sexualidades, territórios, atuações, escolas e gerações de formação — e modula as análises das transcrições das gravações.

Já o capítulo 4 “Análises Acionadas por Transferências Comuns” é destinado às análises desta pesquisa a partir das transferências cruzadas produzidas com os/as entrevistados/as,

organizado em três marcos: 4.1 “Dois termos na mesma sentença” trabalha a categoria analítica e instrumental de gênero, enfatizando como as dúvidas e as concepções singulares dos/as psicanalistas são atravessadas por produções históricas; 4.2 “Psicanalista tem gênero?” demarca às escutas e às perlaborações dos/as psicanalistas sobre suas próprias identidades de gênero e sexualidades, bem como articula como essas amarrações contribuem para o manejo da transferência e a problematização de contratransferências no campo psicanalítico brasileiro; e 4.3 “Apropriações do gênero: transmissão e formação” destaca como o gênero é trabalhado nas transmissões e nas formações em psicanálise, além de sublinhar a importância das interseccionalidades, das universidades e das instituições de formação em trabalhos de revisão e expansão de pressupostos.

Os saberes contidos nesta dissertação são costurados conforme o tempo de trabalho e a subjetividade de seu pesquisador, sem a pretensão de esgotar os textos citados, nem mesmo seus conceitos, mas que procuraram problematizar pontos cruciais para contextualizar o problema e a relevância da pesquisa. Sabendo que a proposta foi uma pesquisa em psicanálise, método de investigação consolidado, segundo Renato Mezan (2002), num segundo tempo após as experiências e as transferências do pesquisador com os conteúdos investigados, conforme o texto foi escrito, tópicos advindos nas orientações e nas entrevistas foram transformados e expandidos na incorporação de capítulos teóricos num só depois.

Cabem alguns últimos comentários sobre a escrita desta dissertação. Desde seu início até hoje, a psicanálise possibilita: a escuta do inconsciente e seus destinos imprevisíveis; a perlaboração das resistências e dos recalques; a escuta das angústias, das inibições e dos sintomas; e o acolhimento das demandas silenciadas e não reconhecidas. Reconhecer essa história demonstra que o inconsciente, seja na análise ou na pesquisa, é uma instância contrária a qualquer possibilidade de prescrição generalizada e de saber total, pois instaura sua lógica absolutamente singular. Pôde-se, então, defender uma pesquisa precisamente submetida ao funcionamento da realidade psíquica, em que existe uma plasticidade quando tratamos da constituição do sujeito perante a cultura. A escrita foi aberta à alteridade, ao disruptivo que não cessa de se inscrever no campo psicanalítico, distanciando-se de dogmas e hegemonias.

2. Histórias Sobre o Gênero na Psicanálise: subversões, contradições e horizontes

Somos agentes discursivos bem menos profanos do que gostaríamos de crer.
(Pedro Ambra, 2016, p. 107).

Podemos constatar, ao longo da herança freudiana, histórias que ilustram as tentativas de psicanalistas de traduzirem enigmas do gênero bem como as aproximações desses enigmas com o inconsciente e a constituição psíquica de um sujeito. Histórias ora revolucionárias, ora reacionárias, que retratam dilemas de determinadas épocas e culturas. Histórias nada lineares, transmitidas e assumidas em suas maiores potências e irrupções, mas que, ainda assim, possuem conteúdos recalcados e contradições. Os próximos marcos apresentam algumas dessas histórias. Tendo isso demarcado, foram fundadas bases transmatriciais⁸ de uma pesquisa sobre as ressonâncias das questões de gênero nos discursos e nas práticas clínicas de diferentes psicanalistas.

Para nos localizar entre essas histórias, torna-se fundamental especificarmos algumas terminologias apropriadas neste estudo. Podemos encontrar o termo “gênero” em diferentes apropriações, além de empregado de diferentes maneiras: gênero neutro ou fluido, identidade de gênero, gênero não binário, transgênero, cisgênero, categoria analítica de gênero, entre outras terminologias adotadas para explicarem as relações dos sujeitos com seus corpos e suas sexualidades. Todas essas diferenças podem dificultar e confundir a compreensão do texto, principalmente para leitores não familiarizados com as discussões sobre essa temática nos recortes históricos propostos neste escrito (Cossi, 2011).

De forma furtiva e resumida, trago uma contextualização histórica da utilização desse conceito. A ideia clássica sobre o gênero foi abordada como uma composição de elementos de personalidade, afetivos, morais e de comportamento que diferenciam socialmente o masculino e o feminino. Num primeiro momento, o conceito foi empregado por psicólogos e psicanalistas como Robert Stoller (1968) para diferenciar esses aspectos sociais do sexo biológico do homem e da mulher. Entretanto, ganhou potência na década de 1970 com o escrito de Gayle Rubin (1975): “O Tráfico de Mulheres: Notas sobre a Economia Política do Sexo”. As feministas se apropriaram

⁸Remete ao termo “Psicanálise Transmatricial” proposto por Luís Cláudio Figueiredo (2018). Esse autor, inspirado no termo “Psicanálise Contemporânea” formulado por André Green, defende que, atualmente, é possível e necessário sustentar uma postura que articule diferentes matrizes teóricas da psicanálise para suplementar a escuta do inconsciente e das variabilidades de constituição psíquica constatadas ao longo da herança freudiana.

desse conceito para agregá-lo às suas críticas produzidas desde o século XIX. Elas o articularam para desconstruir a naturalidade em torno do masculino e do feminino, além do estatuto da diferença sexual que regia as relações de poder e priorizava os homens em relação às mulheres nas sociedades impregnadas pelo patriarcado.

Após essa primeira característica conceitual, surgiram outros estudos para complementar as discussões sobre o gênero e explicá-lo tanto em aspectos objetivos quanto em aspectos subjetivos. Esses novos estudos trataram de mapear as relações de poder que marcam as relações do sujeito com a sociedade e consigo, assim, desconstruíram a ideia de continuidade e de linearidade entre identidade, sexo, gênero, práticas sexuais e desejo, pensando o gênero fluido para além do masculino e do feminino. Essa linha de pensamento ganhou força principalmente após a ascensão das perspectivas queer⁹ a partir de 1990, pois confrontou estudos pautados em concepções patológicas sobre as denominadas minorias e após a publicação de “Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade”, de Judith Butler (2003). Em outras palavras, além das relações de poder entre os gêneros masculino e feminino, foi defendido que outras pessoas, reconhecidas como gays, lésbicas, trans e não-binárias, pudessem existir sem serem patologizadas e sem corresponderem à lógica binária e hierárquica de gênero.

Inspirado nos movimentos e nas mudanças desses estudos, distancio-me da separação entre “sexo” anatômico de um lado (homem e mulher) e “gênero binário” (masculino e feminino), culturalmente adquirido, do outro, considerando que essa clássica concepção binária e hierárquica restringe a escuta e o olhar perante as subjetividades produzidas na atualidade. Para mais, neste escrito, o termo “gênero” tende a remeter ao reconhecimento singular que um sujeito estabelece com seu corpo e, a partir dele, com o coletivo e suas relações de poder e saber. Portanto, tende a remeter a um processo volátil formado por pluralidades psíquicas e sociais de reconhecimento dos sujeitos traduzido em identidades de gênero¹⁰ cis, trans, femininas, masculinas, não binárias, fluidas, entre outras coreografias possíveis. Já o termo “sexualidade” tende a remeter à vida sexual dos sujeitos, que, quando lido por um viés psicanalítico, não resume o erotismo, o desejo e as

⁹A palavra "queer" era empregada como uma ofensa contra as chamadas minorias de gênero, pois significava algo deformado ou bizarro. No entanto, como estratégia de resistência, as próprias vítimas dessas ofensas se apropriaram do termo para lutar contra as violências sofridas, desativando sua carga ofensiva e mobilizando movimentos sociais e teorias sobre o assunto (Butler, 2003).

¹⁰Identidade de gênero remete à experiência de pertencimento interna e externa do sujeito com o gênero no qual se reconhece. LGBTQIAP+, mulheres e homens, héteros e cisgêneros são identidades de gênero, porque implicam como o sujeito se identifica e se expressa, sem obrigatoriamente ter relação linear com desejo, práticas sexuais e/ou sexo biológico. Implica, portanto, concepções coletivas sobre a identidade. É fundamental, num trabalho psicanalítico, demarcar o que de singular se produz e escapa às definições universais (Martins, 2019).

práticas sexuais —hétero, homo, bi — às genitálias e/ou ao coito; também é plural, não linear e associado aos processos inconscientes de constituição psíquica (Bosco & Paiva, 2021).

Esta é uma inserção dos marcos teóricos que visa facilitar a diferenciação e a assimilação de conceitos que por vezes se [con]fundem no imaginário popular e até mesmo em trabalhos psicanalíticos (Cossi, 2011). No desdobrar do texto, esses termos serão trabalhados e explicados com mais propriedade, pois possuem relações dinâmicas entre si e exigem uma robusta argumentação teórica. A categoria analítica de gênero, como um elemento de estudo e análise, foi trabalhada principalmente com referenciais próximos da herança freudiana para pensá-la, resgatando discussões sobre as questões de gênero desde o início dessa herança. Os termos “gênero” e “sexualidade”, mesmo que por vezes articulados em confluência com estudos feministas, queer e/ou de gênero, foram apropriados majoritariamente por referenciais que os tornam possíveis de ser costurados na trama psicanalítica, referenciais esses que legitimam pressupostos como o inconsciente.

2.1 Por um Freud mais desnaturado

Na psicanálise, as questões de gênero estão presentes desde os primeiros escritos de sua história, anteriores à “Interpretação dos sonhos” conforme Freud (1900/2019). Após escutar as denominadas históricas, predominantemente manifestadas por mulheres do século XIX e XX, o inventor da psicanálise constata que elas sofrem justamente por não se encaixar na norma do saber médico quantificável e qualificável da sua época; que seus sofrimentos advinham de outros lugares, de reminiscências; e que somente elas, pela associação livre, poderiam desvelar os enigmas das suas condições físicas e psíquicas (Freud, 1893 — 1895/2016). Ao escutar as reivindicações das mulheres, Sigmund Freud rompe com depreciações biomédicas sobre os corpos femininos, possibilita novas estratégias de tratamento e inaugura o método psicanalítico.

No entanto, Freud nunca abordou o termo “gênero” propriamente dito. O que podemos encontrar são indícios de “gênero” em seus escritos; indícios, dado que a língua alemã apropriada pelo inventor da psicanálise não contemplava especificamente o termo “gênero”. Nesse idioma, a palavra “geschlecht” significava tanto “gênero” quanto “sexo”. Embora a primazia do “sexo” tenha prevalecido na obra freudiana, discute-se a possibilidade dessa palavra assimilar-se a “gênero” em alguns escritos. Um exemplo está no texto “Sobre as teorias sexuais infantis” (Freud, 1908/2015).

Nele, Freud conjectura a visita de um ser de outro planeta à Terra que, logo, ao deparar-se com nossa realidade, constataria imediatamente a diferença entre dois “sexos”. Na concepção de Jean Laplanche (2015), a tradução mais adequada seria dois “gêneros”, pois o visitante, ao visualizar e contatar a humanidade, antes do sexo anatômico, perceberia os hábitos que diferenciam homens e mulheres.

No marco teórico 2.3 “Gênero, um conceito possível à psicanálise”, argumento que divisões entre psíquico, biológico e social não precisam ser tão antagônicas quando trabalhamos com a categoria analítica de gênero. Provisoriamente, a partir dessa especificidade do inventor da psicanálise, que fala sobre as questões de gênero da sua época por outros termos, seguem, nos próximos parágrafos, pressupostos freudianos e suas influências potentes, mas por vezes nocivas e contraditórias na transmissão psicanalítica. Esse marco resgata pontos da obra freudiana necessários para nos contextualizar entre os debates atuais sobre os lugares do gênero na Psicanálise. Apontando [con]fusões freudianas que tenderam a universalizar os dois sexos, homem e mulher, torna-se possível formularmos as estratégias de trabalho perante o conceito de gênero na pesquisa, na clínica e em outros [con]textos possíveis bem como traçarmos as aproximações e os distanciamentos com esse conceito.

Outras aproximações da obra freudiana com as questões de gênero aparecem nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” de Freud (1905/2016). Na versão inicial desse escrito, a sexualidade é ligada ao infantil e apresentada sem prescrições. A simples passagem do tempo não forma o psiquismo, o infante é perverso-polimorfo e busca satisfação no contato das suas zonas erógenas com os objetos externos. Toda atividade psíquica traça um arranjo pulsional singular e anárquico, crivado apenas num segundo momento pelas apreensões do infante ante os endereçamentos dos adultos. Em outras palavras, as barreiras psíquicas ao sexual como vergonha, nojo e moral são erguidas conforme as experiências do infante. Os termos “perverso” e “polimorfo” são empregados no sentido de ser avessos às moralidades sexuais e às determinações instintivas.

A subversão da primeira versão deste trabalho, ao abordar o pulsional, o corpo erógeno e a sexualidade perverso-polimorfa, desnaturaliza os processos de sexuação. Tanto no primeiro quanto no segundo ensaio, denominados “As aberrações sexuais” e “A sexualidade infantil”, Freud (1905/2016) contraria a opinião popular, que tende a associar sexualidade à reprodução, desligando a pulsão de quaisquer objetos prévios ou fixos. A desnaturalização da sexualidade desdobra novas estratégias de escuta sobre a constituição psíquica de um sujeito. Quando a finalidade da

sexualidade não é a anatomia nem a reprodução, os destinos da sexualidade podem ser relativizados. Assim, concluí que as sexualidades destoantes da lógica burguesa (homem-hétero-viril — mulher-hétero-passiva) não necessariamente são patológicas, mas, sim, outros destinos tomados pelos sujeitos marcados pela pulsão e pelo inconsciente.

Freud viveu entre os séculos XIX e XX em cidades europeias marcadas pelo patriarcado e pela moral moderna. Argumentações sobre a sexualidade humana, ainda mais infantil, confrontam não só a ciência de sua época, mas valores hegemônicos quase incontestáveis, principalmente sobre as crianças, a família e o lugar do homem em sobreposição ao lugar da mulher; alguns valores ainda perpetuados na atualidade. Além disso, pessoas que se desviassem das imposições burguesas, como os homens cis homossexuais, eram punidas, discriminadas e brutalmente atacadas apenas por experienciarem outras coreografias, por possuírem práticas sexuais e desejos dissidentes da moral hegemônica (Molina, 2011).

Pela lógica pulsional, radicalmente indeterminada, a definição binária dos sexos torna-se conflituosa, e a diferença anatômica é problematizada; a oposição entre o masculino e o feminino é insuficiente, confusa: “É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa se tornar polimorficamente perversa, ser induzida a todas as extensões possíveis” (Freud, 1905/2016, p. 98). Nessa concepção freudiana, o genital não determina o desejo do sujeito. As pulsões são parciais, e o corpo é erógeno, pois possui outras áreas de excitação como a boca, o ânus e o olhar. Aspectos denominados masculinos e femininos são transmitidos ao bebê, que carrega consigo traços ativos e passivos, independentemente da genital e do ser homem ou do ser mulher, traduzindo a cultura do seu tempo sobre seu corpo somente no pós-natal.

As argumentações sobre a plasticidade da sexualidade em relação à hegemônica opinião popular resgatam e expandem teorizações do próprio autor anteriores ao século XX, nas cartas endereçadas a Wilhelm Fliess: “Para explicar porque o efeito da experiência sexual prematura é, ora a perversão, ora a neurose, valho-me da bissexualidade de todos os seres humanos” (Freud, 1896/1986, p. 213). Para além do conteúdo teórico dessa carta, escrita por um Freud ainda muito marcado pela medicina e pela binaridade, ler que ele, no início de sua obra, abordou aspectos psicosssexuais e subverteu matrizes anatômicas revela a potência de sua obra em confrontar e desestabilizar discursos moralmente instituídos.

No entanto, ainda em Freud (1905/2016), terminologias como “aberrações sexuais” e “invertidos” eram empregadas para se referir às práticas sexuais (majoritariamente associadas aos

homossexuais cis masculinos) que contrariavam a opinião popular, mantendo uma referência à normatividade da sua época, principalmente no terceiro ensaio, “As transformações da puberdade”: “É como se houvesse [...] uma ruptura entre a orientação dada ao primeiro e ao segundo ensaio, de um lado, e ao terceiro, de outro, na medida em que no último, diferentemente dos primeiros, a sexualidade aparece associada a um certo finalismo organicista” (Amaral, 1995, p. 72). Esse texto foi editado quatro vezes pelo autor ao longo da sua trajetória acadêmica. Por exemplo: o tópico “Fases de desenvolvimento da organização sexual” é acrescentado somente em 1915. Assim, o autor, com o desenrolar de sua obra, fez um desvio ao biológico e amenizou o polimorfismo da sexualidade, pois adotou fases orgânicas para a circulação da libido no organismo.

Outra dinâmica de subverter inatismos sobre a sexualidade, mas, logo após, se contradizer, também apareceu em escritos dedicados às pulsões. Na considerada primeira teoria das pulsões (trieb)¹¹, Freud (1915/2010) desenvolve uma tese referente a impulsos interiores que se manifestam por meio do corpo em busca de satisfações constantes. Segundo essa tese, as pulsões fluem entre o somático e o psíquico, em processos anárquicos que confrontam a moral. A descarga de excitação produzida pelo contato do corpo erógeno com os objetos desemboca no seu exterior, independentemente de qualquer regra biológica. Os contrastes das excitações corporais com a realidade externa são crivados pela cultura conforme as experiências do sujeito, destinando as pulsões para quatro possíveis vicissitudes: a reversão no contrário, o voltar-se contra o próprio Eu, o recalque e a sublimação. Os quatro destinos das pulsões apontam para suas negociações com os acordos civilizatórios.

No primeiro momento dessa tese, Freud (1915/2010) acreditava exclusivamente que as pulsões consistiam em processos psíquicos, em quantidades de energia psíquica que fariam o psiquismo trabalhar. As pulsões de autopreservação preservariam a existência do Eu do sujeito. Já as pulsões sexuais buscariam destinos em objetos com o destino de preservação da espécie e de satisfação sexual. A relação entre essas duas pulsões seria que as de cunho sexual se vinculariam às de cunho autopreservativo, ligando-se de modo a obter satisfação com objetos que preservassem a vida. Explicar o funcionamento das pulsões contribuiu para ideia de sexualidade freudiana e sua relação com os conteúdos inconscientes, os conflitos neuróticos e as leis do aparelho psíquico.

¹¹A palavra Trieb (impulso interno), na língua alemã, pode ser empregada em vários sentidos. Um deles é como sinônimo de Instinkt (instinto). Contudo, Freud tendia a empregar o sentido de instinto para referir-se ao inato, hereditário, comumente usando exemplos de animais, não de humanos.

A primeira teoria pulsional fundamenta, por exemplo, apresentações na 22.^a conferência de Freud (1917/2014). Nela, o autor discorre sobre o funcionamento do recalçamento e o adoecimento neurótico, propondo uma fabulação. A história apresenta a vida de duas meninas, uma filha de um zelador e uma filha de um rico proprietário burguês, que descobrem a sexualidade quando, desde crianças, brincam juntas de “papai e mamãe”, “médicas” e outras brincadeiras. Ao final do conto, a filha do zelador se tornou uma adulta saudável, e a filha do pai rico uma adulta que sofria intensamente por sua neurose. A primeira aceitou bem as fantasias sexuais, as práticas autoeróticas e os jogos sexuais; já a outra não, censurou e reprimiu, angustiada por não direcionar bem sua libido.

Independentemente do conteúdo metapsicológico contido nessa fabulação, é possível lermos nas entrelinhas limites teóricos e influências históricas nas teorizações enunciadas. É possível lermos preconceitos sobre a categoria de classe social¹²: um contra o proletariado e outro contra a burguesia e os destinos que pessoas reconhecidas nessas classes conseguiriam dar ao pulsional. Há, contra as mulheres, um terceiro preconceito sobre a categoria de gênero, pois não ocorre para Freud que meninos também possuiriam jogos secretos (Figueiredo, 2018). O contra-argumento de que esse conto é um exemplo isolado é insustentável, principalmente quando somamos outras narrativas sobre as meninas e os meninos na obra freudiana. Esse é um ótimo exemplo para demonstrarmos como teorizações produzidas pelo autor passam por um crivo histórico e cultural, mesmo que criassem subversões e quebras de paradigmas.

A partir de Freud (1920/2010), na considerada segunda teoria das pulsões, essas duas faces (autopreservação e sexual) da pulsão são compactas em “pulsões de vida”, e o autor acrescenta a “pulsão de morte” em mais um desvio ao inatismo do organismo. Nesse segundo momento, a pulsão de morte tem uma tendência a eliminar a estimulação do organismo. Sua função está na descarga até a falta de vida. Assim, o organismo está destinado a buscar sempre estados inorgânicos, anteriores à vida e à existência. O movimento do organismo à mudança e à transformação é enganador, porque, devido às pressões externas, precisa tomar desvios de sua atividade conservadora para alcançar estados antigos. O ponto central dessa segunda teoria para esta dissertação é a legitimação por parte do autor de estados orgânicos, a justificativa inatista que regeria os processos inconscientes. Desconsiderar a pulsão de morte e do organismo na

¹²Conceito de Karl Marx (2012). É definido como classes que compõem uma sociedade, mas que se diferenciam a partir de características econômicas, políticas e culturais. A burguesia e o proletariado são duas classes sociais antagônicas em que a primeira possui os meios de produção no capitalismo e oprime a segunda devido ao seu poder político e econômico.

metapsicologia psicanalítica é algo que acredito ser insustentável. Contudo, a pergunta que fica é: por que Freud embasou a pulsão de morte em premissas puramente biológicas após já ter produzido trabalhos sobre o desprendimento da pulsão e do sexual de premissas inatas ao organismo?¹³

Mais deslocamentos inatistas aparecem no texto “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” de Freud (1925/2010), que fundamentou uma condição bissexual e uma herança cruzada, ambas inerentes à condição humana; uma condição formada tanto por aspectos masculinos quanto femininos. Entretanto, nesse caso, a bissexualidade é retratada como algo inerente ao humano desde seu nascimento. Os determinismos genitais, binários e hierárquicos, uma vez contestados, são posteriormente resgatados, introduzidos e legitimados, levantando novas controvérsias. Existe nesse escrito uma condensação entre aspectos que contrariam a opinião popular e aspectos próprios de um finalismo organicista.

Em “Análise terminável e interminável”, Freud (1937/2018) descreve as maiores resistências na análise para os homens, como a luta contra seus traços passivos e femininos para com outros homens; já para as mulheres, a inveja do pênis, a vontade de possuir o órgão genital masculino, distanciando-se da sexualidade perverso-polimorfa e justificando-se em destinos da sexualidade referenciados no falo. A concepção freudiana sobre falo remete ao órgão genital masculino (Freud, 1923/2011a)¹⁴. Essas explicações se tornam problemáticas não por anunciar a diferença sexual e seu caráter genital, assim como os discursos morais produtores de sofrimento envolvendo cada gênero, mas por contrariar os pressupostos sobre o anarquismo pulsional e por validar efeitos inatistas da genitalidade na formação do aparelho psíquico sem contextualizá-los historicamente, universalizando os destinos da sexualidade.

Entre essas ambiguidades, constatamos que o autor, como um homem do seu tempo, fixou estruturalismos erógenos e anatômicos da sexualidade, amenizando a relação anárquica-objetual e priorizando a hierarquia do pênis em relação à vagina, além de estagnar a triangulação edípica: pai-mãe-criança. As exigências do Complexo de Édipo freudiano impunham que a mãe seria o objeto de investimento sexual, e o pai seria o promotor da castração. A castração em Freud define-se como a constatação infantil da ausência do pênis – o menino precisa lidar com a angústia de castração do

¹³Para Laplanche (1992), que resgata as ideias iniciais de Freud sobre as pulsões, a pulsão de morte seria uma “pulsão sexual de morte”, implantada a partir da relação do sujeito com o outro, disso que fica desligado no psiquismo a partir do excesso desse outro durante a constituição psíquica, por exemplo.

¹⁴Vale mencionar as constatações de Jacques Lacan (1958/1998) sobre o falo, quando enuncia que esse conceito não remeteria exclusivamente ao pênis, mas a significantes fontes de desejos dos sujeitos. Para ele, falo é associado ao pênis pela primazia do homem na história ocidental.

seu pênis por parte do pai, e a menina precisa lidar com sua condição de castrada, invejando quem “ainda” possui o falo (Freud, 1923/2011a)¹⁵. Nesse modelo edípico:

[...] a identidade sexual aparece como algo muito linear, especialmente para os meninos, que desde sempre se identificam com o pai (lembramos do recurso ao pai da pré-história pessoal), e em um grau menor até mesmo para as meninas que, para ascender à feminilidade dita normal, apenas têm que aceitar sua condição de castradas: no final, tudo acontece como decorrência da diferença anatômica já que, para Freud, o que chamamos hoje de gênero é sempre ordenado pelo sexo anatômico. Como já vimos, uma anatomia imaginária, sendo talvez mesmo um resquício das teorias sexuais infantis dentro da própria psicanálise (Lattanzio, 2011, p. 23).

Com a constatação da castração e da diferença sexual, o autor também acreditava que a mulher tomaria três possíveis destinos psíquicos na sua constituição psicosexual: 1) a inibição sexual, pois, ao se ver castrada, a menina abandonaria sua sexualidade; 2) a virilização, em que a mulher recusa o reconhecimento da castração e exagera seus traços masculinos; e 3) a feminilidade “normal”, que só acontece se o desejo do pênis for trocado pelo desejo de uma criança, ou seja, a gravidez. Para mais, a maternidade é a única opção encontrada pelo autor para explicar o preenchimento da condição de falta da mulher (Freud, 1923/2011a).

Aparece certa normalidade influenciada por um modelo familiar hegemônico nas composições freudianas sobre o regime da diferença sexual e o Complexo de Édipo e de castração. Uma família patriarcal, constituída por funções paternas ligadas a atividades maternas ligadas à passividade e suas crianças identificadas com cada função conforme seus sexos. Tal configuração triangular foi denominada “Complexo de Édipo Positivo”. Para explicar os traços homossexuais, a relação com as figuras de parentesco aconteceria inversamente, denominada “Complexo de Édipo Negativo” (Freud, 1923/2011a). A positividade e a negatividade poderiam ser encontradas na mesma pessoa, mas positivar o hegemônico e negatizar o dissidente bem como o masculino se

¹⁵Essa é a definição freudiana de castração. São válidas as contribuições de Lacan sobre esse conceito. Ele aponta que a castração não é exclusivamente uma operação sustentada no Édipo e no falo freudianos. Antes disso, é uma operação de inscrição da linguagem em que a criança é refreada à medida que, repleta de angústia, é incapacitada e impossibilitada de realizar seus desejos infantis (Sales, 2017).

vincular à atividade e o feminino à passividade são ideias a serem problematizadas no próximo marco teórico.

Entretanto, em “O Ego e o Id”, Freud (1923/2011b) sinaliza que o Eu se assemelha a um mosaico de identificações possíveis a partir dos objetos disponíveis ao sujeito desde o pós-natal. As diversas manifestações psíquicas e sexuais manifestadas na cultura seriam possíveis de ser escutadas sem um caráter discriminatório, dado que o Eu é investido e constituído por inúmeros elementos para além das regras moralmente instituídas. É ingenuidade acreditar numa divisão rígida da obra freudiana em dois momentos, um desnaturado e outro biológico. Portanto, interessa-me problematizar como a obra do autor contém elementos subversivos, mas também contraditórios, e como seus escritos podem ser revisitados para debatermos a relação entre inconsciente e gênero no atual campo psicanalítico brasileiro.

Freud encontra uma saída para a diferença sexual prescrita e avessa aos instintos animais, porém, tendeu a formular respostas que retratam aspectos patriarcais característicos da burguesia de sua época. Ele resgatou pressupostos organicistas, acreditando que somente assim sua obra assumiria um caráter científico. Como constatado, esses conflitos são complexos para ser abordados, pois Freud não determina um posicionamento definitivo ao longo dos seus escritos. Ora rompe com a lógica patologizante daquilo que foge às condutas da família nuclear, ora dissemina argumentações normalizadoras sobre a sexualidade justificadas por fins anatomistas (“Sobre a Sexualidade Feminina” e “A Feminilidade” [Freud, 1931/2010; Freud, 1933/2010]).

Inevitavelmente, Freud precisou responder às polêmicas geradas pelas suas premissas binárias e hierárquicas, provocadas pelas teorizações sobre os momentos edípicos da sexualidade infantil: “A grande polêmica dos anos 30 no seio da psicanálise envolveu as contestações mais importantes feitas por psicanalistas (na maioria mulheres) às elaborações freudianas sobre Édipo, castração, feminilidade” (Lago, 2010, p. 200). As concepções mais falocêntricas sobre as sexualidades também foram criticadas por referências pós-freudianas. Melaine Klein, Luce Irigaray, Julia Kristeva e Juliet Mitchell são fortes exemplos disso (Fejgelman & Knudsen, 2014).

O inventor da psicanálise reconheceu o inconsciente como fator fundante e marcante de um sujeito, subvertendo a noção cartesiana de sujeito da razão e da consciência, tecendo críticas criativas ao discurso positivista. Ele abriu caminho para novas ideias sobre o tratamento das neuroses, escutando que as causas de sintomas clínicos estão alojadas no inconsciente. Associa esse inconsciente a uma sexualidade que se forma desde muito cedo, após o nascimento do sujeito,

incompatibilizando a cultura com o princípio do prazer, prezando pela singularidade do sujeito. A título de exemplo material, contraria muitos dos seus colegas de associação e estudo, considerando válido o ingresso de analistas homossexuais e mulheres no campo psicanalítico, posição disruptiva para sua época (Bulamah, 2014).

Entretanto, por vezes se contradiz e ignora as condições históricas que balizam a produção desse inconsciente, assumindo posicionamentos universalizantes (Deleuze & Guattari, 1976). Há, ao final da sua extensa obra (impossível de ser resumida em uma única pesquisa), o privilégio de uma estrutura familiar patriarcal, assim como uma leitura que escamoteia as premissas anárquicas e perverso-polimorfos tão caras para suas primeiras teses em torno da sexualidade infantil. Em vez de ler os desvios para o biológico como um avanço teórico e prático, concordo com Laplanche (2015) e outras referências ampliadas no próximo marco teórico: que as tendências ao inatismo despotencializam a psicanálise. São sintomas produzidos por recalcamientos frente às malhas sociais em que os saberes foram costurados. Algo foi se apagando na transmissão psicanalítica e não foi um mero acaso.

De todo modo, sublinho a potência de revisitarmos essas especificidades da herança freudiana, porque os atuais movimentos psicanalíticos e suas clínicas (teorias winnicottianas, laplancheanas, ferenczianas, lacanianas, kleinianas, psicanálise contemporânea, entre outras) e suas composições particulares se apropriam da mesma herança. Mapear as linhas e as entrelinhas dos primórdios da psicanálise em torno da sexualidade infantil e do inconsciente oportuniza lermos com mais propriedade os conteúdos subversivos e/ou contraditórios que até hoje podem ser encontrados em diferentes posicionamentos práticos e teóricos sem precisar forçar uma leitura evolucionista e linear.

A proposta não é exigir de Freud respostas que só foram possíveis de ser formuladas em épocas posteriores, mas sim rastrear seus passos para também sabermos quais estradas percorremos hoje e como as percorremos: “Perguntas, exigências, discursos que se tornaram possíveis pelas dinâmicas políticas dos movimentos, da vida social, e pelo próprio avanço das teorias” (Lago, 2010, p. 201-202). As análises históricas das teorias, das escutas e das formações vão desdobrando outras interpretações que não eram possíveis de ser formuladas por autores fundadores, reivindicando exigências que não existiam em cenários anteriores. A psicanálise se ramifica, sustenta alguns pressupostos e muda outros. Cabe a cada psicanalista minimamente conhecer esse processo e se apropriar dele conforme seu percurso singular.

2.2 A potência criativa das [auto]críticas

A psicanálise é vasta e plural. Nela, podemos localizar diferentes matrizes que se apropriaram da obra freudiana que revisitaram, repetiram e expandiram seus pressupostos¹⁶. Entretanto, mesmo sendo marcado por diferenças internas, o movimento psicanalítico se ramifica a partir de transmissões comuns. Há pressupostos balizadores de um contorno: inconsciente, sexualidade infantil, transferência, Complexo de Édipo, recalque, entre outros. Para seguir com as problematizações sobre as reverberações do gênero nas práticas clínicas, este marco articula referências que produziram [auto]críticas criativas a determinadas concepções psicanalíticas sobre gênero e a sexualidade, críticas que nos ajudam a problematizar aspectos discriminativos comumente compartilhados dentro da psicanálise sem aboli-la e cercá-la por completo¹⁷.

Início pelo conceito de falocentrismo proposto por Jacques Derrida (1995; 1999), que aborda os posicionamentos, as escritas e os discursos sustentados pela convicção da superioridade masculina e da razão nas civilizações ocidentalizadas. A palavra “falocentrismo”, em sua complexidade, condensa os termos “falocentrismo” e “logocentrismo”. Falocentrismo possui suas raízes na psicanálise devido às transmissões dogmáticas centradas no falo, à superioridade masculina em relação às outras faces da diferença. Logocentrismo se refere à centralidade do logos, do discurso racional, cognoscente e linear no pensamento e nas estratégias de produção do conhecimento da denominada ciência.

O conceito de falocentrismo se articula a uma desconstrução da linguagem ancorada na metafísica da presença e da lógica formal, de acordo com Derrida (1995; 1999). Esse conceito fornece condições para questionarmos e transformarmos o modelo científico hegemônico, marcado pela lógica da substância, do contínuo, da materialidade e da binaridade. Questionar esse modelo torna-se necessário, dado que o saber científico como verdade neutra, binária e universal instaura modelos de subjetividades individualizadas. Conforme Mériti de Souza (2011, p. 76): “Essas concepções são legitimadas e se mantêm, entre outros aspectos, em decorrência do discurso que tanto se qualifica como universal e neutro, bem como desqualifica concepções não elaboradas

¹⁶Figueiredo (2018) argumenta a existência de duas principais matrizes teóricas que compõem o movimento psicanalítico, “Matriz Freud-Kleiniana” e “Matriz Ferencziana”, são espécies de guarda-chuvas que comportam diversas referências, diferenciadas a partir da abordagem sobre a constituição psíquica de um sujeito.

¹⁷Frequentemente, encontramos o termo “psicanálises”, no plural, para distinguir as tantas escolas de formação presentes no campo psicanalítico que se diferem em determinados pressupostos e se aproximam de autores fundadores distintos. Opto por trabalhar “psicanálise”, no singular, a partir das ideias de Figueiredo (2018) sobre diferentes matrizes e contornos comuns.

segundo suas premissas”. Logo, tudo que se distancia das hegemônicas produções subjetivas e de conhecimento — vazio, afeto, descontínuo, ausência — é desqualificado, excluído e escamoteado.

Considerando as ideias de Derrida (1995; 1999), a problemática apresentada nesta dissertação coaduna o conceito de falocentrismo quando abordamos o par “masculino feminino”. Nas sociedades ocidentais, encontramos uma supervalorização do denominado masculino na ciência, na cultura e no laço social. Em contrapartida, o denominado feminino tendeu a ser desvalorizado, a ser tratado como inferior se comparado ao seu par. Nas civilizações marcadas pelo falocentrismo, aspectos voltados à atividade, à substância e ao poder foram historicamente associados ao masculino. Já aspectos voltados à passividade, ao vazio e à subserviência se associaram ao feminino. Assim, a lógica hegemônica se mantém “[...] ao organizar práticas e discursos saturados de sentidos que sustentam a hierarquia qualificando um dos pares binários em detrimento do outro” (Souza, 2011, p. 75).

Quando ressaltamos as ideias freudianas ancoradas no falo, na castração e na diferença sexual definida pela binaridade e pela hierarquia entre dois sexos, percebemos que elas estão incluídas nas denúncias sobre o falocentrismo. Há uma naturalidade e uma universalidade em trabalhar o masculino e o feminino, em limitar a constituição psíquica de um sujeito a partir dessa binaridade estática, como se não houvesse outras possibilidades de existência. Por mais disruptiva que fosse, a herança freudiana também se ancorou em pressupostos hegemônicos. Para lidar com essas problemáticas, a saída apontada é a desconstrução dos modos de conhecer e subjetivar, pois, assim, haverá a possibilidade de mudança nessas hierarquias (Derrida, 1995; 1999).

Suplementarmente, ao final do século XX, Michel Foucault (1988, p. 106) formulou uma crítica criativa à psicanálise a respeito das relações familiares. Ele dissertou que os posicionamentos favoráveis à dissolução do Édipo com destinos possíveis apenas pelo masculino e pelo feminino, da diferença anatômica entre os sexos e da relação “falo-castração” sublinham normatizações históricas do sujeito psicanalítico:

Mas, eis que a psicanálise, que parecia, em suas modalidades técnicas, colocar a confissão da sexualidade fora da soberania familiar, reencontrava, no próprio seio dessa sexualidade, como princípio de sua formação e chave de sua inteligibilidade, a lei da aliança, os jogos mesclados dos esponsais e do parentesco, o incesto. A garantia de que lá, no fundo da sexualidade de cada um, ia-se encontrar a relação pais-filhos permitia, no momento em

que tudo parecia indicar o processo inverso, manter a fixação do dispositivo de sexualidade sobre o sistema da aliança. Não havia riscos de que a sexualidade aparecesse, por natureza, estranha à lei: ela só se constituía pela lei (Foucault, 1988, p. 106).

Para esse autor, a obra freudiana teve condições de ser inventada devido ao contexto histórico e cultural da modernidade. As fortes relações de parentesco e o advento de um sujeito marcado e atravessado pelo capitalismo industrial abriram espaços para se pensar o inconsciente e a sexualidade por outras tramas, mas tramas ainda costuradas nas malhas de uma época formada por discursos hegemônicos. Caso escutemos as pessoas que se reconhecem como não binárias seguindo os parâmetros da modernidade, por exemplo, arriscamos cair em reducionismos e dualidades que se pautam em discursos naturalizados ao longo das produções de conhecimento ocidentais. A articulação teórica do autor possibilita que outras verdades possam ser produzidas conforme as constantes mudanças históricas, culturais, econômicas e subjetivas.

Articulando-se com as ideias de Derrida e Foucault, além de outras referências como Deleuze, Judith Butler (2003) compôs ideias complementares a esta discussão: heterossexualidade compulsória, normatividade e gêneros inteligíveis¹⁸. Pela heterossexualidade compulsória, reconheceu a existência de uma prerrogativa cultural, historicamente instituída em manter o sexo naturalizado, diferenciado em formas de caráter binário e dicotômico. Em outras palavras, a matriz heterossexual se sustenta no processo de subjetivação e define seus termos na separação das pessoas entre homens e mulheres: “o ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos” (p. 45-46). A heterossexualidade compulsória é uma premissa que aponta uma falsa coerência entre sexo, gênero, corpo e desejo. Tendo isso demarcado, a discussão está para além de uma imposição de que todos os membros de uma sociedade sejam heterossexuais por natureza. É isso, mas também é mais.

A normatividade de gênero se materializa no corpo, na carne e na subjetividade. O princípio normalizador da heterossexualidade compulsória institui a força repetitiva de uma relação de coerência e linearidade entre sexo, gênero e prática sexual. Isso tende a tornar os gêneros produções inteligíveis, inquestionáveis e universais. A inteligibilidade heteronormativa produz, como um de seus efeitos, matrizes rivais de gênero denominadas incoerentes: trans, não binárias, lésbicas, gays,

¹⁸Recorto esses três conceitos para dar continuidade à discussão proposta. Contudo, outros conceitos postulados por Butler poderiam ser facilmente introduzidos nessa discussão, como: performatividade, vulnerabilidade, entre outros.

bissexuais, intersexo... Dado que o gênero é constituído, não possuindo um fim pré-determinado, a normatividade é uma tentativa de padronizá-lo. As pessoas que dissidem da ordem de sexo, gênero e desejo instituída pela heteronormatividade são comumente deslegitimadas, tratadas num caráter de anormalidade, excluídas e restringidas por justamente ser uma ameaça ao modelo que dita as relações de poder e saber.

A psicanálise replicou essas normatividades no momento em que se limitou a trabalhar seus pressupostos de forma hegemônica — que se difere de um sentido absoluto — com dois gêneros inteligíveis, isto é, o masculino e o feminino. Para mais, correspondeu a certas imposições burguesas advindas com o capitalismo e replicou normatividades no momento em que tendeu a desconsiderar outras identidades de gênero como coreografias possíveis para um sujeito, hegemonicamente tendo como referência a anatomia como destino (Butler, 2003).

Referências como Derrida, Foucault e Butler são complexas, pois abordam problemáticas sem se fixar em disciplinas específicas. Construíram pontes de diálogo entre produções do conhecimento e se apropriaram de diversas fontes para compor seus trabalhos. Com isso, poderiam ser produzidas dissertações específicas sobre cada uma dessas referências, considerando suas críticas e suas contribuições. Com o objetivo de recortar conceitos para abordar a temática da pesquisa, interessa-me como as ideias articuladas ajudam a ler e a problematizar aspectos da herança freudiana, porque esta, quando fechada em seu domínio, possui muito mais dificuldade de rever crenças e discriminações.

Ainda assim, mesmo com críticas às teses mais falocêntricas e heteronormativas encontradas desde Freud, escutamos restos de uma história institucional pós-freudiana que reforçou os ideais de normatividade na psicanálise. Lucas Bulamah (2014), em sua pesquisa, constatou uma regra não escrita de proscrição de candidatos homossexuais à formação psicanalítica em sociedades filiadas à Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Esse autor realizou uma pesquisa histórica apropriando-se de códigos, livros, artigos, revistas e depoimentos que indicaram uma história de rejeição desses candidatos para se tornarem psicanalistas, por não corresponderem às exigências do Édipo clássico. Bulamah (2014) então observou proscricões fundadas em narrativas patologizantes a respeito da homossexualidade que perpassam a história dessas sociedades.

Acyr Maya (2007) promoveu um estudo em uma instituição brasileira que é lugar de transmissão da psicanálise, escutando como analistas concebem a homossexualidade. Essa pesquisa identificou que a maioria dos analistas entrevistados assumiram um posicionamento

próximo do modelo biomédico curativo, tratando a homossexualidade como um desvio da heterossexualidade, justificando-se nas proposições dos Complexos de Édipo e Castração inerentes ao humano. Nesse estudo, apenas dois analistas, embora não tenham dito propriamente, aproximaram a homossexualidade do desejo, considerando-a mais uma via possível à constituição psíquica de um sujeito.

Em uma situação análoga, os posicionamentos contrários ao Pacte Civil de Solidarité (PACS), aprovado em 1999, na França, produziram discursos problemáticos. De acordo com outro estudo de Maya (2008), a reivindicação de uma união homossexual de direito, legitimada juridicamente, desencadeou atos violentos e homofóbicos por parte de diversos segmentos da sociedade, inclusive da psicanálise. Conceitos psicanalíticos foram apropriados por especialistas em parentesco e família, sendo umas das principais bases para argumentações contrárias à possibilidade de união estável entre homossexuais. Por parte de uma parcela de psicanalistas, preferiram-se argumentos que somente um casal heterossexual estaria inscrito numa ordem simbólica da diferença anatômica. A reivindicação dos homossexuais foi descrita como uma “paixão pela dessimbolização”: “Mais uma vez negativada, a homossexualidade é colocada fora do padrão de normalidade estabelecido, no caso do PACS, fora do simbólico” (p. 2).

Escutando discursos patologizantes proferidos por psicanalistas, Patrícia Porchat (2010), em uma entrevista com Judith Butler, problematizou restos falocêntricos e heteronormativos defendidos por forças do campo psicanalítico e transmutados em pontos de explicações universais do psiquismo. Adotar um padrão para os prazeres corporais, aprovar a singularização pela diferença anatômica dos sexos, defender um estruturalismo edípico nos processos familiares e de constituição psíquica, escutar pessoas trans num caráter psicótico e simplesmente imaginário e desvalorizar uma psicanálise ligada à política e ao social; são concepções que se repetiram quase como uma reparação psíquica do trauma provocado pelas subjetividades que escancaram os enrijecimentos de pressupostos psicanalíticos preenchidos de contradições.

Devido às transmissões binárias e hierárquicas ainda presentes no campo psicanalítico internacional, Paul B. Preciado (2019), numa apresentação proferida em sessão plenária, na 49.^a Jornada da Escola da Causa Freudiana: “Mulheres na Psicanálise”, demarcou que uma parcela de psicanalistas ainda é influenciada por discursos naturalizados e morosidades políticas. Em seu discurso, incentivou o início de uma mudança de paradigma na psicanálise: “[...] o regime da diferença sexual com o qual a psicanálise trabalha não é nem uma natureza, nem uma ordem

simbólica, mas uma epistemologia política do corpo; e que, como tal, ele é histórico e é mutável" (p. 12). Para ele, somente assim a psicanálise pode assumir o seu lugar nos debates sobre as subjetividades contemporâneas.

Mais discursos e escritos problemáticos estão nas produções recentes de Jacques-Alain Miller, muitas delas em resposta a Preciado (2019). Tentando contestar as argumentações e as novas configurações de escuta sobre as pessoas trans, Miller constantemente profere ataques e ironias contra analistas e referências de outros campos do pensamento próximos do debate sobre a pluralidade de gênero. Além dele, em 2021, nas páginas virtuais de *La Règle du Jeu* e na edição de número 928 do *Lacan Quotidien*, cujo título é “2021, O ano trans”, propagam-se artigos de autores da Associação Mundial de Psicanálise (AMP) concordando com seus argumentos. Discursos e escritos dessa ordem, principalmente os que envolvem as pessoas trans, são caracterizados mais pelos ataques e pelas críticas com rasa fundamentação teórica do que pelas articulações possíveis de serem debatidas na metapsicologia psicanalítica e no âmbito de práticas clínicas possíveis (Cunha & Ambra, 2022).

As pessoas trans cada vez mais aparecem nos discursos e nos escritos de diferentes referências, pois convocam outros e novos arranjos sobre a constituição psíquica de um sujeito. Elas suscitam um movimento semelhante ao instigado pela homossexualidade cis masculina nos primórdios da obra freudiana. A título de exemplo, para ilustrar o aumento do trabalho em torno dessa temática, existe um dossiê produzido no Brasil intitulado “Corpo, Política, Psicologia e Psicanálise: A Produção de Saber nas Construções Transidentitárias”, publicado pela *Revista Periódicus* (2016), que apresenta estratégias possíveis de como a psicanálise pode [re]pensar conceitos e práticas.

Referente às relações da psicanálise com as pessoas trans nesse dossiê, Thamy Ayouch (2016), psicanalista francês, descreve três descasos históricos da literatura psicanalítica, associando-os com formas de violência: 1) descaso clínico e arbitrário no momento em que se exige uma adequação a uma conformidade binária de gênero, estruturando nosografias e psicopatologias correspondentes ao modelo jurídico-psiquiátrico modernista; 2) descaso teórico, pensando que a literatura psicanalítica possuiu uma despreocupação alarmante com relação às realidades históricas e clínicas atreladas às produções de subjetividades; 3) descaso ético, porque profissionais pouco se interrogaram sobre suas contratransferências vinculadas à temática da diferença sexual, colocando-se em pedestais de peritos inquestionáveis sobre a sexualidade. Os principais protestos à psicanálise

surtem devido a esses profundos descasos contratransferenciais de psicanalistas, seja com sua própria teoria, seja com pessoas que dissidiam da heteronormatividade.

Esse marco contém ideias que desnaturalizam convicções, trabalha com conceitos que oferecem outras roupagens para dilemas teóricos e clínicos. Esse movimento de resgate e crítica nos auxilia a interpretar elementos da herança freudiana que desvirtuaram sua potência de acolher a imprevisibilidade do humano e de ofertar espaços de escuta para a plasticidade psíquica. Teorias formadas por pessoas, repletas de transferências e de identificações, inscritas nas malhas históricas do tempo, inevitavelmente, possuem conteúdos deslocados e condensados. Mesmo sendo discussões recorrentes há algumas décadas, os saudosismos em torno do gênero e da sexualidade não cessaram de se repetir. Portanto, apresento o conceito de contratransferência e sua relação com as ideias produzidas neste marco para afunilar e complementar a discussão.

2.2.1 Esfolamentos contratransferenciais

Dentre os três descasos históricos citados por Ayouch (2016), destaco o conceito de contratransferência citado pelo autor'. Isso porque a contratransferência está amalgamada ao conceito de transferência e aos fundamentos de uma prática clínica, os enfoques do método desta pesquisa. Basicamente, a transferência é considerada uma manifestação inconsciente em que o sujeito recria o padrão infantil com novas pessoas e situações. De acordo com Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis (2011, p. 514), significa “o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada”. Na clínica, a transferência é produzida junto da figura do analista quando o analisante transfere, inconscientemente, seus conteúdos infantis durante os atendimentos. Transferir é conferir outros sentidos à figura determinada pelos desejos.

A contratransferência pode ser escutada e interpretada por diferentes vias. Recorto, neste marco, duas delas. A primeira, no sentido textual e de quando foi postulada, é pensá-la como um aspecto necessariamente prejudicial, pois os afetos reverberados no analista pelos discursos escutados em sua prática entravam o tratamento. A partir da transferência, o analista é tomado por reações afetivas e inconscientes frente aos endereçamentos do seu analisante. Nessa leitura, a contratransferência, inevitável devido aos limites impostos pela condição humana, é problemática,

pois diz mais da história do analista (receptor) do que da de seu analisante (emissor), sendo contornada por uma postura de neutralidade. Caso não escutada e perlaborada, produz efeitos mortíferos por dificultar o processo analítico e a relação transferencial (Freud, 1912/2010).

A segunda via, iniciada por Sándor Ferenczi e comumente apropriada pelo denominada Escola Inglesa de Psicanálise, difere-se da primeira quando considera a contratransferência para além da reação afetiva do analista para com seu analisante. Nela, os conflitos do analista são tomados como parte da análise, e seus afetos não precisam ser ocultados e/ou excluídos permanentemente da relação transferencial. Essa ideia defende ser possível nos apropriarmos da contratransferência para utilizá-la como instrumento analítico. A benevolência e o acolhimento frente ao sofrimento psíquico são exemplos disso. Mesmo que o manejo dos próprios afetos seja uma tarefa árdua, como postulado no primeiro modelo contratransferencial, esse esforço tende a fornecer condições para que o analista maneje a relação transferencial. O ponto central dessa perspectiva não é ignorar as dificuldades impostas pela contratransferência numa análise, mas criar outros destinos para o tratamento a partir da escuta dos afetos que a produzem (Leitão, 2003)¹⁹.

Conforme Ferenczi (1933/1992), escamotear propositalmente ou deixar de perlaborar afetos contratransferenciais durante uma análise pode gerar insensibilidade em vez de neutralidade. A tentativa de um posicionamento de neutralidade levado à radicalidade pode culminar no recalque de afetos contratransferenciais mobilizados pelos conteúdos do analisante, afetos esses difíceis de serem suportados pela consciência do analista. Aqui, recalque remete à clivagem dos conteúdos insuportáveis à consciência, tornando-os inconscientes pela separação do afeto da representação; recalcar na qualidade de defesa psíquica, de suportabilidade do sujeito sobre as experiências que o transbordam (Laplanche & Pontalis, 2011).

A neutralidade idealizada cumpre um papel muito mais próximo do recalque do que um posicionamento facilitador para os desdobramentos da história escutada. Para Ferenczi (1933/1992), os afetos do analista não devem ser endereçados de qualquer modo. Precisam ser compartilhados com um objetivo, considerando as especificidades da relação transferencial e a condição egoica do analisante. O que me interessa no conceito de contratransferência e na problematização de como apropriá-la na clínica são os pontos de inflexão possíveis de ser

¹⁹Existe ainda uma terceira, postulada por Lacan (1992). Segundo esse autor, o emprego do conceito de contratransferência é questionável, porque seria impossível separar os entrelaçamentos da relação transferencial entre analista e analisando. Tudo seria transferência. Particularmente, acredito na potência analítica e instrumental da apropriação do conceito de contratransferência a partir das referências apropriadas.

articulados com a temática desta dissertação. Pergunto-me: quais são os destinos dados às contratransferências surgidas nas escutas desses casos?

Pensando nas contratransferências produzidas pelas escutas direcionadas às pessoas trans (e, por que não, às outras expressões possíveis para o gênero que dissidem da heteronorma?): “O receio desses teóricos remete à Unheimlichkeit provocada por uma mistura de inquietude, medo, fascinação e familiaridade suscitada em cada um(a) de nós por um motivo transidentitário” (Ayouch, 2015, p. 26). A escuta das histórias e as fantasias ao olhar para os corpos que não correspondem a um padrão binário, nem homem-cis-pênis nem mulher-cis-vagina, em vez de promover escuta e perlaboração, provocou contratransferências que correspondiam aos afetos dos psicanalistas em acolhê-las. Isso propiciou violências propagadas por uma parcela de psicanalistas sobre sujeitos dissidentes da norma, pois não são movimentos puramente teóricos, tendo estreita relação com as capturas sociais e o infantil pulsional e passional desses psicanalistas.

O artigo de Bulamah e Daniel Kupermann (2016) nos fornece excelentes exemplos. Os autores apresentam uma revisão bibliográfica acerca dos relatos clínicos de psicanalistas próximos da década de 70 sobre atendimentos com pessoas trans, ilustrando diferentes espectros das reações contratransferenciais produzidas nesses encontros. Após analisar diagnósticos, manejos e relatos clínicos, os autores concluem que “a psicanálise manifestava a vontade de encontrar a ‘verdade’ sobre condições tidas como nosológicas, e expressava-se [...] em concordância com parâmetros convencionais e conservadores de saúde, sexualidade, filiação e gênero” (p. 79). Nos casos clínicos apresentados nesse artigo, a problemática não é necessariamente a percepção da diferença sexual por parte dos psicanalistas, mas, sim, a precariedade de escuta e perlaboração dos próprios psicanalistas citados sobre expressões sexuais e de gênero não convencionais.

Mesmo com a presença da sexualidade no seu sentido mais polimórfico, na história pós-freudiana, a anatomia muitas vezes é tomada como destino, como estrutura simbólica do psiquismo. Portanto, encontramos um modelo “biológico curativo” e uma normalidade sexual arraigada na herança freudiana, em escritos e instituições formativas. A respeito disso, Ayouch (2014, p. 61) problematiza: “Terá realmente o campo biológico a última palavra na diferença dos sexos, ou interviria este campo metafísico-biológico apenas como o índice do enigma irreduzível da sexualidade?”. Ele argumenta que a psicanálise, na qualidade de corpo teórico e método de investigação e tratamento, mesmo criando rupturas, foi inscrita num sistema de concepções simbólicas historicamente instituídas: “Se o feminino e o masculino são relativizados, polissêmicos

e desnaturalizados, eles procedem, porém, da atribuição de identidades historicizadas de homem e mulher, apresentadas como ‘rocha biológica’ (Ayouch, 2014, p. 70).

A dificuldade em acompanhar o pulsional e suas aberturas ao enigma, junto das tradições ocidentais, propiciou entraves no pensamento psicanalítico. Em outras palavras, é como se as questões de gênero sofressem recalques desde os primeiros escritos freudianos, esfoladas por normatividades justificadas na teoria psicanalítica em seu traço mais inatista e anatomista. Esses recalques influenciaram diretamente nos fundamentos das práticas, das formações e das transmissões pós-freudianas. Com o passar do tempo, na proposta de ser subversivo, o campo psicanalítico tornou-se mais negligente e normativo do que esperava. Ainda assim, a psicanálise está em transição. No próximo marco teórico, constataremos que existem outras interpretações possíveis para casos semelhantes aos citados que produzem outros discursos e outras práticas clínicas, principalmente após a década de 70.

2.3 Gênero, um conceito possível à psicanálise

Após as críticas às normatividades presentes nas teorias psicanalíticas e o reconhecimento dos prejuízos em desconsiderá-las, este capítulo costura o gênero na trama psicanalítica, na qualidade de um conceito possível de ser apropriado e articulado. Trabalhar com o gênero possibilita outras e novas articulações sobre os destinos das pulsões, além de dar corpo para escutas e explicações quando somadas aos pressupostos do inconsciente e da sexualidade infantil. Esse movimento de introduzir, problematizar e expandir conceitos caracteriza a psicanálise como uma “revolução permanente” em vez de uma “revolução passada”, presa em saudosismos e distante das mensagens que lhe são comunicadas (Figueiredo, 2018).

Para elucidar a necessidade de questionarmos e superarmos determinados paradigmas científicos, Freud (1917/2010) apresenta três feridas narcísicas da humanidade, produzidas por: 1) Copérnico, com seu modelo heliocêntrico que se opõe ao modelo ptolomaico e à Bíblia; 2) Darwin, com sua Teoria da Evolução das Espécies que se opõe às explicações criacionistas sobre o surgimento da vida; 3) si mesmo, com o reconhecimento do inconsciente perante uma hegemonia da racionalidade nos sistemas de pensamento ocidentais. Laplanche (2016) se apropria dessas argumentações e emprega o termo “Revolução Copernicana Inacabada” para se referir à psicanálise. Para ele, a psicanálise, além de reconhecer o inconsciente, deve sair de um movimento

ptolomaico e chegar em um movimento copernicano, sempre constante e inacabado. Movimento ptolomaico: a Terra como centro do Universo, uma teoria fechada e um sujeito fechado. Movimento copernicano: a Terra orbita o Sol, uma teoria descentrada e um sujeito descentrado em que o outro e a problemática estão no centro do sistema relacional.

Um psicanalista nunca pode se fechar por completo, pois o inconsciente possui um caráter imprevisível, anárquico e indeterminado. Estagnar os conceitos das teorias contrapõe os próprios fundamentos que as permitem existir para além da lógica racional, cognoscente. As negociações do pulsional estão em constante mudança e variam conforme estabelecem contato com a cultura e os outros. Os conceitos devem ser provisórios, sendo introduzidos, excluídos e/ou transformados à medida que se articulam (ou não) com o material estudado (Freud, 1915/2010), e inserir e/ou fazer trabalhar um único conceito reconfigura as formatações de toda uma teoria (Laplanche, 2016). É a partir dessas argumentações que o gênero pode ser tecido na trama psicanalítica.

Inicialmente, penso em conjunto com o artigo de Felipe Lattanzio e Paulo Ribeiro (2018). Os autores resgatam uma pré-história do gênero desde sua criação com John Money (1955), atravessam as ideias de Ralph Greenson sobre simbiose e desidentificação com a mãe (1966) e terminam com os estudos de Robert Stoller (1968) associados ao “transexualismo”²⁰. Essas referências trabalhavam com o gênero num caráter clínico, sendo as duas últimas reconhecidas como psicanalíticas. Demarcam como uma pré-história, dada que a criação do conceito para problematizar as relações de poder é comumente atrelada às teorias feministas. As feministas se apropriaram da potência desse conceito para questionar as relações hierárquicas e de poder estabelecidas entre os sexos. Elas apontaram com precisão e genialidade que o sistema de pensamento ocidental é regido por valores masculinos.

Com o passar das décadas, houve uma cisão entre as contribuições da psicanálise e das teorias feministas. Os estudos de gênero foram hegemonicamente direcionados para um viés sociológico, focados nas relações desiguais entre os sexos e nas transformações coletivas perante a normatividade. Em contrapartida, as determinações inconscientes, a influência do gênero na constituição subjetiva e a sua participação nos conflitos psíquicos do sujeito foram invisibilizadas, esquecidas, desconsideradas. O aspecto clínico foi tão esquecido que uma parcela considerável de psicanalistas desconsiderou — e ainda desconsidera — o gênero como um conceito possível à

²⁰Termo utilizado pelo autor na época de publicação de seu trabalho. Atualmente, o sufixo “ismo” remete a sentidos patológicos e excludentes, não sendo mais indicado (Miskolci & Campana, 2017). Aproprio-me durante a dissertação de termos como “pessoas trans”, “transexualidade” e “transidentidades”.

psicanálise, tratando-o como estritamente social, exclusivo às teorias feministas (Ambra, 2016; Lattanzio & Ribeiro, 2018).

A cisão do gênero em, de um lado, um aspecto político e social (feministas), de outro, um aspecto clínico e singular (psicanálise) produziu uma dilaceração do conceito. Entretanto, revela uma interdependência, dados os limites impostos a apenas uma abordagem dicotômica, mesmo que essa relação entre as duas disciplinas seja marcada por conflitos constantes (Lattanzio & Ribeiro, 2018). É importante sublinharmos que os autores em nenhum momento desqualificam as teorias feministas, pelo contrário, reforçam as contribuições de suas teses para as análises das relações de poder presentes nas sociedades. Mencionam, inclusive, excelentes trabalhos de autoras como Judith Butler, Joan Scott, Donna Haraway, Gayatri Spivak, entre outras. Atualmente, assim como uma parcela da psicanálise transformou hegemonias, teorias feministas e estudos de gênero também transmutaram pressupostos. Contudo, os dois autores apontam histórias desconsideradas em ambas as frentes de pensamento, indicando outras possibilidades de [re]leitura.

A separação entre essas disciplinas foi tão marcante que, no Brasil, por exemplo, Porchat (2018) relata, a partir da sua história, que até 2007 esse conceito não era tão comum: “Gênero e psicanálise já estavam em diálogo na Argentina desde 1980 e Butler já havia sido traduzida [para o espanhol] na década de 1990. Em 2007, quando defendi minha tese de doutorado, ninguém falava disso no Brasil” (Porchat, 2018, p. 38). Apenas após esse período, de 2010 em diante, a autora percebe um aumento da presença desse conceito nos discursos de psicanalistas bem como uma maior aproximação por parte do campo psicanalítico brasileiro das temáticas associadas às pessoas trans e às teorias feministas, queer e de gênero. Neste marco, interessa-me esse lado borrado da psicanálise e como psicanalistas podem se apropriar do gênero em suas escutas e teorizações²¹.

Após esse histórico relatado por Porchat (2018), atualmente, no Brasil e na América Latina, há uma gama de obras que problematiza o conceito de gênero nas suas relações com a psicanálise. Entre elas, seguem quatro livros que me foram apresentados durante o percurso de mestrado, que me nortearam em algumas ideias expostas nesta fundamentação teórica e que aparecerão com ainda mais força nas análises das entrevistas. Acredito que apresentar as ideias contidas nessas bibliografias serve para compartilhar quem está trabalhando com as questões de gênero no campo psicanalítico brasileiro e o quão potente é [re]conhecer essas referências.

²¹“Gênero: uma Categoria Útil para a Análise Histórica”, de Scott (1995), é uma referência articulada com as teorias feministas que recomendo fortemente, mesmo não assumindo sua linha de pensamento nesta dissertação. Nela, a autora fundamenta o gênero como categoria analítica, histórica e instrumental.

O primeiro livro, “Psicanálise, sexualidade e gênero: um debate em construção”, organizado por Paulo Ceccarelli et al. (2019), propõe um retorno ao conceito de gênero no campo psicanalítico, dadas que suas primeiras apropriações e articulações aconteceram nesse campo. A obra também opera a diferenciação entre “sexualidade” e “gênero”, convidando diversas referências de diferentes perspectivas teóricas para então fazer trabalhar determinados pressupostos psicanalíticos e suas interações com os estudos queer, de gênero e feministas. A linha de pensamento contida nessa obra sublinha que foi por conta dos trabalhos propostos por esses saberes externos que as questões de gênero ganharam relevância nos debates do campo psicanalítico.

O segundo livro, “Histeria e gênero: sexo como desencontro”, organizado por Ambra e Nelson da Silva Júnior (2021), trabalha como as discussões atuais sobre a histeria e suas expressões no século XXI podem potencializar as produções sobre as questões de gênero no campo psicanalítico e fora dele também. Os dois organizadores e demais referências contidas na obra sustentam uma ideia geral de que a histeria, na qualidade de conceito e constatação clínica, expressa-se de maneiras distintas daquelas constatadas por Freud entre os séculos XIX e XX. Além disso, articulam como os estudos perante outras e novas expressões da histeria são motores para fazer pensar as identidades, os sexos, os gêneros e as sexualidades. O livro faz trabalhar as relações dinâmicas entre esses conceitos e suas particularidades, considerando aspectos singulares e universais para estruturar teses sobre eles.

O terceiro livro, “FACES DO SEXUAL: fronteiras entre gênero e inconsciente”, organizado por Rafael Cossi (2019), convida referências que operam majoritariamente com as teses de Jacques Lacan. A obra apresenta contribuições para as discussões atuais sobre gênero e inconsciente, articulando pressupostos lacanianos fundamentais como a teoria da sexuação. Na minha concepção, mesmo não me apropriando tanto das ideias desse autor fundador nesta dissertação, as teses contidas sobre as identidades de gênero como ficções e as atualizações de conceitos lacanianos potencializam e agregam para a desconstrução de paradigmas engessados, assim como desconstróem releituras equivocadas sobre Lacan por uma parcela de psicanalistas.

O quarto livro, “O ser sexual e seus Outros: gênero, autorização e Lacan”, escrito por Ambra (2022), convida o leitor a se aproximar da teoria da sexuação lacianiana em uma nova perspectiva: a autorização sexual como elemento que articula a singularização do sujeito e as normas sociais. O autor trabalha com pressupostos lacanianos para produzir uma obra politicamente implicada e historicamente localizada. A obra mapeia as questões de gênero, debatendo com as perspectivas

queer para explicar as formas de assunção do gênero e as configurações que balizam o processo de sexuação de um sujeito.

São quatro obras que ilustram como as questões de gênero ganharam relevância e estão sendo trabalhadas pela psicanálise no Brasil e na América Latina. Desperta-me a atenção o fato de serem obras recentes, publicadas próximas da escrita desta dissertação, com menos de cinco anos de diferença. Para mais, são obras compostas em sua maioria por uma gama considerável de autores/as, o que nos sinaliza a potência contida no diálogo com diferentes perspectivas teóricas. Assim, é possível encontrarmos outras vias em comparação às décadas passadas, em que o gênero fora escamoteado no pensamento psicanalítico, e as subjetividades dissidentes da heteronorma eram vistas e escutadas em sua hegemonia por vieses discriminativos. Sinaliza-nos, portanto, como os saberes sobre o gênero são construídos por várias mãos²².

Já no arquivo psicanalítico internacional, encontro em Laplanche (2015, p. 141) recursos para assumir uma concepção potente sobre o gênero. Para dar conta dos recalques produzidos na herança freudiana, denominando-os “desvios biologizantes”, esse autor propôs a noção de gênero plural, despatologizado. Ele identificou que o apagamento do sentido “gênero”, quando comparado a “sexo”, não fora um mero erro de tradução, mas sim mais um possível recalque das teses freudianas próximas do anarquismo pulsional. Retoma, portanto, os pressupostos de uma sexualidade perverso-polimorfa²³ e introduz o gênero na qualidade de conceito psicanalítico:

O gênero é plural. É geralmente duplo, com o masculino-feminino, mas não o é por natureza. É muitas vezes plural, como na história das línguas e na evolução social.

O sexo é dual. Ele o é pela reprodução sexuada e também por sua simbolização humana, que fixa e engessa a dualidade em presença/ausência, fálico/castrado.

O Sexual é múltiplo, polimorfo. Descoberta fundamental de Freud, ele fundamenta-se no recalque, no inconsciente, na fantasia. É o objeto da psicanálise.

Proposição: o Sexual é o resíduo inconsciente do recalque-simbolização do gênero pelo sexo.

²²Recomendo também o livro “Psicanálise e Gênero: Narrativas Feministas e Queer no Brasil e na Argentina” (Françoa, Porchat & Corsetto, 2018).

²³Questão abordada no primeiro marco teórico desta dissertação. Remete à discussão em que a obra freudiana tendeu a misturar aspectos hegemônicos com subversivos sobre o sexo, o gênero e a sexualidade, momentos pendendo mais para uma disjunção da naturalidade desses elementos, momentos pendendo mais para o anatomismo e sua influência no psiquismo.

Essa concepção resgata os dois primeiros ensaios de Freud (1905/2016). Nela, o gênero é anterior ao sexo no processo de constituição psíquica, pois, hegemonicamente, nas sociedades ocidentalizadas, o adulto designa a constituição da criança em menina ou menino, bombardeando-a com mensagens e prescrições, antes mesmo que a criança constate sua diferença anatômica. As mensagens são enigmáticas e carregam os conteúdos inconscientes do adulto, seus enigmas e dilemas sobre sua constituição psicosexual. No imaginário sobre o parental, as expressões sexuais incidem nas identificações de gênero da criança que podem corresponder ou não às normatividades. Na tentativa de traduzir os enigmas e as prescrições de gênero, o infante simboliza as mensagens a partir do seu sexo anatômico marcado pela dualidade e pelos códigos sociais impostos às genitálias, ao homem e à mulher. O Sexual²⁴, pulsional, é o resíduo inconsciente não traduzido após o recalçamento do gênero perante o sexo dual. O Complexo de Édipo é então localizado, mutável, um esquema narrativo produzido pela criança a partir das suas relações assimétricas e enigmáticas com as figuras de parentesco.

Existem três pontos centrais dessa proposição de Laplanche sobre o gênero, pautada na sua Teoria da Sedução Generalizada (TSG)²⁵: 1) são relações fundadas no envio e na recepção de mensagens, sendo “mensagem” entendida para além de uma lógica da linguagem; 2) existe uma relação fundante do inconsciente entre o adulto e a criança; e 3) aborda uma dissimetria básica das mensagens do adulto em comparação à capacidade de tradução da criança devido aos enigmas impostos nesse encontro, pois o adulto desconhece seus próprios conteúdos inconscientes, e a criança ainda não possui um aparelho psíquico constituído. As relações assimétricas entre gerações e as tentativas de tradução dos enigmas por ambos os lados são denominadas “Situação Antropológica Fundamental” (SAF), sendo um fenômeno necessário para a constituição psíquica do sujeito (Tarelho, 2012).

A diferenciação entre sexo, gênero e Sexual articulada por Laplanche (2015) também tem como inspiração outras teses freudianas, especificamente a “[...] diferença entre Unterschied e Verschiedenheit, entre ‘diferença’ e ‘diversidade’. A diferença é a correspondente ao par fálico/castrado, enquanto a diversidade corresponde ao conjunto de atributos que articulam modos distintos da sexualidade” (Bleichmar, 2021, p. 114). Nessa linha de pensamento, as expressões

²⁴Com letra maiúscula para demarcar a diferença do Sexual psicanalítico do sexual presente na opinião popular.

²⁵Teoria que resgata os pressupostos da Teoria da Sedução formulada por Freud, principalmente antes do lançamento da “Interpretação dos Sonhos” (Freud, 1900/2019). Em suma, implica novas configurações sobre essa teoria inicial, reconhecendo alguns pontos abandonados pelo autor como recalques. Fornece outras roupagens para a relação de sedução entre o adulto e a criança para além da literalidade do “adulto perverso”, trabalhando com a sexualidade num sentido ampliado.

sexuais são plurais e singulares, produzidas pelo sujeito na SAF. Trata-se de uma proposição que possibilita reconhecer a plasticidade sexual e também de gênero sem patologizar e sem abdicar da hipótese do inconsciente, pois se a diversidade sexual é diversa perante a diferença, as formas de como o sujeito se reconhece e relaciona com elas também podem ser.

Assim, torna-se fundamental dissociar as relações diretas de reconhecimento (uma pessoa cis, trans e não binária, por exemplo) das práticas sexuais (homo, hétero e bi, por exemplo) sem tornar isso uma relação linear com o sexo anatômico ou com determinações inconscientes. Para agregar à releitura de Freud por Laplanche, Ceccarelli e Eduardo Andrade (2018, p. 233) demarcam a importância de diferenciarmos o recalque do Sexual e a repressão da sexualidade, exemplificando a gravidade de traduzi-los como a mesma instância:

O primeiro movimento, o recalque (*Verdrängung*), diz respeito à barreira do incesto, que nos obriga a abandonar nossos primeiros objetos sexuais [...] presente em toda cultura, o recalque é condição inegociável para que ela exista; é o movimento que diferencia e organiza o humano. Já a repressão (*Unterdrückung*) da sexualidade guarda profundas relações com a moral sexual e aos sistemas de valores que sustentam o imaginário.

Os autores alertam, a partir de uma influência foucaultiana, sobre os perigos de lermos constantemente as repressões da sexualidade impostas por dispositivos controladores do uso da libido e do prazer, confundindo-as com o Sexual que não cessa de traçar seus caminhos sem destino fixo. Certos retornos à teoria foram enviesados por contradições conceituais e verdades institucionais que historicamente excluíram a pluralidade dos debates. Em outras palavras, defender uma ideia universal de identidade de gênero ou de prática sexual impossibilita o trabalho sobre a radicalidade singular do sujeito. É fundamental o reconhecimento da plasticidade perante o instituído, pois não há possibilidade de existência para apenas dois gêneros, não há uma única prática sexual possível, assim como não há uma masculinidade ou uma feminilidade.

Para ilustrar a aplicabilidade dessas ideias em teorizações psicanalíticas, temos o artigo de Viviana Martinez e Ivy Souza (2014) sobre o mito das amazonas, que pensa o feminino para além de uma comparação à lógica masculina. As autoras argumentam que as histórias das amazonas apontam outros destinos sobre a construção de uma mulher. Nesse mito, as guerreiras queimam seus seios direitos para apoiar um arco de batalha. Conforme as autoras, o ato de queimar um seio

para segurar uma arma poderia ser comumente interpretado pela teoria da castração feminina freudiana e sua inveja do pênis. Numa leitura enviesada pela pluralidade de gênero, o arco no lugar do seio pode ser interpretado de outra forma. As Amazonas, por se inscreverem em um processo de constituição psíquica diferente da tradição ocidental, experienciariam a castração sem ter a nossa moral hegemônica como referência. As referências delas seriam os elementos característicos da sua sociedade matriarcal. Experimentaram, portanto, outra feminilidade por condensar aspectos ditos “masculinos” (guerras, arcos e flechas) e “femininos” (beleza, sedução e seios) e, mesmo assim, ser reconhecidas como mulheres. Esse estudo, tomado como referência, indica caminhos possíveis, pois se articula aos pressupostos freudianos, nesse caso a castração, mas os articulam para além de uma lógica falocêntrica e heteronormativa.

Os estudos citados nos apontam que as variabilidades do gênero produzidas no contraste com a heteronorma desestabilizam narrativas engessadas e resistências. A escuta das denominadas históricas, a subversão freudiana em questionar explicações meramente biológicas e depreciativas, pode ser problematizada e ampliada. Independentemente de corrente teórica, psicanalistas não precisam manter conceitualizações agressivas, estranhas ao classicismo de teorizar e escutar o inconsciente. Legitimar isso possibilita a construção de pontes de diálogo e o tecimento de novos saberes. Com efeito, é válido sinalizarmos os recalques da psicanálise referentes a determinadas concepções sem abolir por completo suas potências. A ilusão neurótica de uma verdade universal, isenta de furos, é totalmente contrária aos pressupostos do método psicanalítico, assim como em uma análise nem tudo o que é recalcado pode ser perlaborado. Apesar disso, as questões associadas ao gênero podem receber novas pesquisas e outros horizontes, podem provocar reavaliações de arranjos práticos e teóricos (Porchat, Françaia & Corsetto, 2018).

2.3.1 Pluralizar a prática clínica

O reconhecimento das contradições da herança freudiana torna-se fundamental devido aos excessos de transferência de psicanalistas com Freud e às contratransferências àquilo que tensiona verdades dogmáticas. A prática clínica pode ser introduzida na boca da cena quando reconhecemos o gênero como conceito passível de ser agregado à referência psicanalítica bem como, incorporado à problemática de pesquisas em psicanálise, dado que “[...] a clínica não é o lugar onde a teoria se

produz, mas sim o espaço no qual se levantam as questões que testam as teorias que sustentamos com convicção” (Bleichmar, 2021, p. 12-13).

Sublinho que a prática clínica não se resume ao território clínico tradicional ilustrado pela poltrona e pelo divã, expandida para inúmeros espaços onde a psicanálise consiga lançar seus efeitos. Para fundamentar a prática clínica em outros espaços diferentes do convencional, aproprio-me do conceito de “Enquadre Interior”. Esse conceito legitima a elasticidade da técnica, indicando que: “não são os móveis nem são as paredes da sala que a convertem em uma sala de análise [...]” (Figueiredo, 2021, p. 75). O enquadramento interior do analista se soma às transferências produzidas no seu encontro com a psicanálise e com seus analisantes. O analista, a partir do seu inconsciente e do seu estilo singular, convida o analisante a associar, brincar e sonhar; convida-o a uma relação que facilite o andamento do tratamento. Assim, seu enquadramento interior oferece condições para o trabalho de perlaboração e direciona o tratamento conforme as potências ofertadas pelo método psicanalítico.

Um psicanalista instaura uma prática clínica por onde circula. Obviamente, o contorno clássico representado pela poltrona e pelo divã possui seus méritos. Foi por ele que a psicanálise se enveredou. A formação de um analista atravessa esse enquadre convencional, pois é uma exigência indispensável para seu percurso. Entretanto, isso não impede que outros espaços possam ser pensados, habitados e transformados. Toda proposta que considere determinados pressupostos, como sexualidade infantil, repressão, resistência, transferência, entre outros, pode se denominar psicanálise, mesmo que encontre outras respostas diferentes daquelas postuladas por autores fundadores (Figueiredo, 2021).

Afunilando a expansão da prática clínica para as questões de gênero, com Débora Tajer (2013), constato que pluralizar as escutas pode fundamentar a atuação de um psicanalista perante uma série de desafios cada vez mais presentes nos debates e nas políticas públicas de países ocidentalizados, como:

- a) As transformações nas configurações das feminilidades e das masculinidades nas relações hierárquicas e ideais que as envolvem bem como nas conformações de desejo historicamente instituídas.
- b) As mudanças nas relações de poder entre os gêneros que criaram maiores liberdades, mas que apresentam novas formas de amar e sofrer.

- c) As ampliações de modelos familiares que tensionam a relação de um casal ideal e da parentalidade: famílias misturadas, divórcios, separações durante a gravidez, famílias homoafetivas, guardas compartilhadas, monoparentalidade por opção, entre outros.
- d) As expansões das práticas da diversidade sexual para além do padrão binário e heteronormativo, reconhecidas na sigla LGBTQIAP+.
- e) O reconhecimento da diversidade identitária de gênero, das transições entre os gêneros: pessoas trans, gêneros fluidos e gêneros não binários.
- f) As novas formas de procriação e das técnicas reprodutivas (fertilização assistida, barriga de aluguel, doação de óvulos e espermatozoides, entre outros), além das decisões reprodutivas: prolongamento da idade reprodutiva em mulheres, a opção pela monoparentalidade e o domínio da diversidade sexual, que permitem diferenciar o desejo de ter um filho biológico da existência de um casal formado exclusivamente na diferença sexual.

A autora argumenta que em vez de excluir e patologizar sem nem sequer ter um trabalho de questionamento sobre sua própria prática clínica, o principal desafio de um psicanalista está em conseguir pensar como os psiquismos se constituem em meio à diversidade de práticas sexuais e às relações de poder assimétricas entre os gêneros. Precisamos promover um trabalho que desapropriar a carga patologizante escutada na herança freudiana, tais como as associações de gêneros e sexualidades distantes da heteronormatividade vinculadas a funcionamentos não neuróticos, psicóticos e/ou perversos. Ofertando escuta às novas configurações presentes nos acordos civilizatórios, “a prática ‘desconstrói’ a teoria, ela deve ressubjetivá-la; a teoria deve ‘sobreviver’ e se refundar, se reinventar para se tornar uma teoria ‘a partir da prática’ – ou, até mesmo, uma teoria da prática” (Roussillon, 2019, p. 25).

Em funcionamentos mais psicóticos, é comum surgirem delírios e/ou alucinações associados às questões de gênero (desde o famoso caso Schreber [Freud, 1911/2010]), dada a centralidade dessas questões na formação do psiquismo. Entretanto, há diferença entre um funcionamento psicótico e uma performatividade distante da heteronorma, e essa diferenciação precisa ser demarcada nas teorizações e escutas. Em vez de padronizarmos a intervenção e o manejo clínico perante concepções engessadas, importa escutarmos os discursos dos sujeitos e as suas singularidades antes de qualquer diagnóstico. A escuta de uma psicanalista pode ir além de prescrições fundadas em lógicas patologizantes (Porchat, 2017).

Ao pensarmos o lugar do gênero na psicanálise, conseqüentemente, abordamos aspectos éticos. Para um psicanalista, importa pensar como o singular de cada sujeito se constitui perante as normatividades de gênero. Ao assumir uma psicanálise avessa aos naturalismos da sexualidade e trabalhar a partir da pluralidade de gênero, podemos escutar uma pessoa sem metas pré-estabelecidas:

[...] identificações cruzadas, identificações múltiplas ou mesmo a desidentificação fazem parte da diversidade de gênero [...] para a psicanálise, importa pensar como cada indivíduo, na sua singularidade, vive a diferença para além das definições prescritivas da heteronormatividade (Arán, p. 21, 2011).

A identificação é um conceito destacado, porque remete a uma condição para a formação do Eu. Esse processo está presente no segundo tempo da constituição psíquica e sexual do sujeito, necessário para a instauração do narcisismo. É, portanto, considerado uma espécie de apropriação inconsciente dos objetos externos ao Eu, possibilitando a criação de bordas e fronteiras, ou seja, limites entre o sujeito e o mundo que o cerca e a constituição do Eu a partir dos endereçamentos que o sujeito traduz. A identificação é um processo singular, volátil e elástico, diferente da estruturação maciça das identidades, remetendo sempre a outra coisa, que irrompe as brechas do psiquismo, denuncia as falhas da noção de totalidade/pertencimento do sujeito e que, em simultâneo, o permite existir (Bleichmar, 2015).

Além disso, torna-se fundamental destacarmos a importância dos movimentos e políticas sociais para essa mudança de ângulo nas práticas clínicas, assim como introduz Tajer (2013), movimentos como A Parada do Orgulho Gay de Nova York e de Chicago, o movimento Queer Nation, o voto de 1973 em favor da despsiquiatrização da homossexualidade nos Estados Unidos da América (EUA), entre outros. Foi muito por conta das resistências, dos protestos e das mobilizações desses movimentos sociais que as clínicas, as universidades e os espaços públicos se transmutaram, movimentos sociais esses próximos aos problemas de gênero, raça, classe e/ou quaisquer outras configurações apropriadas nas causas defendidas pelas denominadas minorias (Porchat, Françaia & Corsetto, 2018).

Historicamente, as noções de identidade e de movimentos sociais foram amplamente criticadas no campo psicanalítico por conta de dois fatores. O primeiro, relacionado à formação de

movimentos de massa pautados em significantes estritamente ligados às condições históricas e sociais de civilizações e de seus membros no século XX. Cenas²⁶ ligadas ao nazismo e ao fascismo envolveram movimentos de grandes massas, intensificando a alienação egoica e reforçando o pertencimento imaginário de discursos opressores e discriminativos. As constatações dos efeitos horrendos desses movimentos e de seus líderes tenderam a engessar a concepção de coletividade no arquivo psicanalítico como algo prejudicial e preocupante. O segundo é devido a um conceito fundamental: a identificação, que firma um contraponto à noção de identidade, conforme articulado anteriormente (Freire-Costa, 1986).

No entanto, mesmo considerando essas articulações teóricas, a ideia contrária de uma parcela da psicanálise com relação às identidades e aos movimentos sociais, sustentada a partir do conceito de identificação e das ressalvas sobre os coletivos, pode visualizar a possibilidade de que o funcionamento das massas possa operar nos seus membros de forma socialmente significativa. A noção de que a identidade tende a homogeneizar e calar as singularidades é apenas uma perspectiva, importante, mas não única. Parece que os horrores históricos das grandes guerras deixaram marcas profundas. Para distanciar essa hegemonia teórica e apresentar outras possibilidades, Tania Rivera (2020, s/p) aponta:

Em primeiro lugar, talvez seja importante conceber que os significantes estão em movimento, eles circulam, se interseccionam e atritam, e chegam eventualmente a alterar-se, historicamente – e “as massas”, no plural, estão igualmente em trânsito, em fluxos internos de divergência e convergência, constituindo-se em conflito e atrito, mais do que na rígida e completa identificação entre seus membros que teria como complemento, em sua configuração fascista, a negação e a busca do aniquilamento do outro.

Na escuta das movimentações dinâmicas e contraditórias dos coletivos estão as possibilidades de mudança do paradigma identitário a respeito das massas. Está em ação, na formação dos movimentos, vias plurais de concordâncias e discordâncias, semelhanças e dessemelhanças, nas quais o sujeito consegue subverter e transformar seu contexto por meio dos coletivos sem abandonar sua singularidade. As mudanças de paradigma na psicanálise sobre o

²⁶Os textos sociais de Freud, por exemplo, foram influenciados pela experiência do autor em um mundo colapsado pela guerra. Assim, fica nítida a importância de compreender o contexto histórico e social para a discussão de qualquer temática estudada em Psicanálise (Freire-Costa, 1986).

gênero ocorreram devido aos barulhos produzidos pelos movimentos sociais e a habitação de pessoas nos espaços públicos, e isso está totalmente associado ao fazer psicanalítico, uma vez que pensar a prática clínica também é pensar a cultura. Portanto, é possível fazermos as identidades de gênero trabalharem a ponto de não cairmos numa lógica identitária maciça, mas também não subjugarmos as contribuições socialmente significativas que elas produzem.

Mapear como o gênero aparece numa prática clínica, na e pela transferência bem como na e pela contratransferência, permite-nos perlaborar conteúdos recalcados de histórias pregressas e produzir interpretações mais condizentes com a realidade que nos cerca, atravessa e constitui. Permite-nos costurar outras linhas na malha discursiva da psicanálise, tornando viáveis outras alternativas de transmissão e formação. O que se escreve problematizando a teoria está associado a uma prática e vice-versa. No próximo capítulo, apresento o método operado nesta dissertação, ou seja, as estratégias de produção de conhecimento em psicanálise que consideram as problematizações até então produzidas para, assim, articulá-las com a prática clínica dos/as psicanalistas entrevistados/as.

3. Estratégias de Produção do Conhecimento

[...] toda descoberta é feita mais de uma vez, e nenhuma se faz de uma só vez.
(Freud, 1916/1996, p. 10).

Esta pesquisa foi desenhada a partir das pontes de diálogo possíveis à psicanálise na universidade, propondo entrevistas com psicanalistas. Prospeitei uma investigação pautada nas problematizações a respeito do gênero, prezando por uma psicanálise que escuta outras disciplinas para trabalhar com essa temática. O estudo abordou aspectos políticos e sociais do campo psicanalítico, assim como propôs o entrelace entre a singularidade do pesquisador, os discursos escutados e o corpo teórico para produzir conhecimento no contexto acadêmico. O termo “Estratégias de produção do conhecimento” foi empregado devido ao entendimento da psicanálise ser contrária a um método universalizante, que se repete ad infinitum. Considerando seus pressupostos, a pesquisa sustentada pela psicanálise pode e necessita apropriar-se de diferentes conceitos e estratégias para operar seus critérios de cientificidade (Mezan, 2002).

3.1 Pesquisa em psicanálise e entrevistas: repetir, perlaborar, assumir

Ressalto que uma pesquisa em psicanálise se diferencia de uma pesquisa sobre psicanálise. Conforme os apontamentos de Leandro Tavares e Francisco Hashimoto (2013), uma pesquisa sobre psicanálise pode ser escrita por qualquer investigante, apresentando cunho estritamente histórico, sociológico e literário. Em contrapartida, uma pesquisa em psicanálise suscita composições teóricas e de método formadas pelas experiências de analistas e/ou analisantes, apropriando-se do método psicanalítico de investigação e de seus conceitos fundamentais para produzir conhecimento.

Entre as especificidades mais nítidas de uma pesquisa em psicanálise está a concepção de sujeito dividido. As produções de conhecimento em psicanálise partem de pressupostos que consideram um sujeito dividido, marcado e fundado pelo inconsciente. Essa estratégia de pesquisa se debruça nas falhas, incoerências e contradições próprias desse sujeito constituído por aspectos singulares e universais presentes na clínica e nos contextos culturais. Nesse sentido, psicanalistas forjam uma gama de conceitos e práticas para dar conta de escutar, observar, elaborar e transformar,

produzindo pesquisas ante as mudanças do psiquismo que desestabilizam o escudo protetor da racionalidade (Figueiredo & Minerbo, 2006).

Portanto, uma pesquisa em psicanálise encontra sua fundamentação em outros caminhos que se distanciam da lógica das ciências duras e positivadas. Ao longo da história, há um esforço contínuo por parte da comunidade psicanalítica em criar, teorizar e rever os critérios de cientificidade da herança freudiana para explicar, desde Freud, as manifestações inconscientes na cultura e na clínica. Uma pesquisa em psicanálise, entre suas múltiplas possibilidades, questiona as cristalizações cartesianas sobre o sujeito da consciência, traça percursos singulares e produz efeitos nos contextos que se propõe a escutar. Assim, firmam-se territórios de estudo a partir de conceitos passíveis de transmissão sem deixar de construir trabalhos que ecoam as estilísticas singulares dos seus respectivos autores (Mezan, 2002).

Dessa maneira, o processo de pesquisa em psicanálise implica, em simultâneo, repetir, tensionar e ampliar conceitos. É uma transgressão que problematiza conceitos e tensiona paradigmas defendidos pelas ciências puramente racionalizadas e que também questiona concepções psicanalíticas, pois, como visto ao longo deste escrito, a herança freudiana não está isenta de normatividades. No entanto, é um ato de transgredir sem ser imprudente, negligente. Por isso a importância de tratar teses e ideias já consolidadas de forma elástica, sabendo das hipóteses do inconsciente e da sexualidade infantil, para ser possível nos atentarmos ao novo que não cessa de se inscrever, seja nas pesquisas e/ou nos atendimentos clínicos (Garcia-Roza, 1991).

Isso posto, ênfase a produção de conhecimentos qualitativos em uma pesquisa em psicanálise, pois a escuta do singular mapeia conteúdos exclusivos dos sujeitos e captura elementos compartilhados pelas coletividades que os atravessam (Mezan, 2002). Em outras palavras, a partir de determinados pressupostos, compõem-se saberes singulares — exemplares — que não se prestam somente à verdade universal, mas promovem releituras. Com relação aos conceitos que demarcam e promovem releituras, é imprescindível sublinharmos a transferência e a escuta psicanalítica. A seguir delineio esses conceitos para amarrá-los com a psicanálise extramuros e as entrevistas em psicanálise, firmando-os nas bases do método de pesquisa.

Ao longo da pesquisa, tratei a transferência para além de um fenômeno clínico puramente dito, escutando-a, em maior ou menor grau, nas relações cotidianas do sujeito. Legitimar a transferência em uma pesquisa significa reconhecer que os processos inconscientes fluem entre os campos de estudo. A transferência na clínica é escutada, interpretada e dissolvida, entretanto, nas

pesquisas associadas aos moldes universitários, necessita ser instrumentalizada para alavancar as engrenagens de um estudo psicanalítico. De acordo com Isac Iribarry (2003, p. 129), a transferência instrumentalizada seria:

[...] o processo por meio do qual o pesquisador se dirige ao dado de pesquisa situado pelo texto dos colaboradores e relaciona seus achados com a literatura trabalhada e procura, além disso, elaborar impressões que reúnem as suas expectativas diante do problema de pesquisa e as impressões dos participantes que fornecem suas contribuições na forma de dados coletados.

Em uma pesquisa em psicanálise, o pesquisador, trabalhando na e pela transferência, teórica ou empiricamente, não separa sujeito e objeto de pesquisa, escutando seus próprios desejos durante o processo de investigação, servindo-se deles e reconhecendo-os a fim de movimentar o estudo. As tradicionais e positivadas categorias de análise são subvertidas, e as interpretações são estabelecidas, de modo transferencial, apenas num segundo tempo, só depois do contato do pesquisador com os elementos pesquisados, num trabalho análogo ao processo de perlaboração de uma pessoa em análise (Iribarry, 2003).

Inseparável da transferência, a escuta psicanalítica caracteriza-se pela atenção dada aos conteúdos inconscientes que transbordam a razão, reconhecendo os furos dos discursos e dos conteúdos da consciência. Na clínica, é constituída, basicamente²⁷, na relação entre a associação livre do analisante (ato de se expressar sem regras ou enquadres fixos) e a atenção flutuante do psicanalista (ato de escutar as associações sem categorias ou interpretações pré-estabelecidas), também efetivando-se em um segundo tempo, quando o analista revisita os rastros da sua escuta (Freud, 1912/2010). Na pesquisa, como há um direcionamento prévio ao problema e aos objetivos da investigação, a escuta psicanalítica, assim como a transferência instrumentalizada, oferece flexibilidade ao pesquisador. A operação com a escuta psicanalítica envolve um saber inconsciente impossível de ser apreendido totalmente por uma questão ou por uma entrevista. Logo, uma pesquisa pautada nessa premissa é mais potente pela forma como produz e emprega questões do que pela temática ou campo pesquisado (Costa & Poli, 2006).

²⁷Basicamente, porque a escuta psicanalítica foi ampliada por diferentes matrizes teóricas e ramificou-se durante a história. Contudo, a associação livre e a atenção flutuante são as bases de praticamente todas as variações desse conceito na psicanálise. Para mais detalhes, sugiro o texto de Figueiredo (2014).

À vista desses conceitos, a pesquisa se materializou no território da psicanálise extramuros, uma perspectiva que propõe a expansão da escuta para outros campos, externos ao espaço tradicional representado pela imagética do divã e do caso clínico. Essa vertente do método psicanalítico possibilita que aspectos culturais, sociais, políticos e artísticos sejam escutados e interpretados segundo pressupostos psicanalíticos, uma estratégia que transporta psicanalistas até outras ligações do pulsional com o corpo social, sendo mais uma via possível à escuta psicanalítica, diferenciando-se de uma mera aplicabilidade de conceitos puramente clínicos em outros territórios (Laplanche, 1992).

A apropriação do conceito “psicanálise extramuros” é intencional e se dá por conta da transferência do pesquisador às proposições de Jean Laplanche, que agregam às composições do projeto. Essa delimitação é necessária, dados que os termos “psicanálise em extensão” e “psicanálise aplicada”, contextualizados por outros referenciais teóricos, são comumente associados às amarrações da psicanálise extramuros. Laplanche (1992), desconstruindo uma primazia “clínica tratamento” na articulação dos conceitos psicanalíticos, argumenta que o movimento extramuros sempre esteve presente em Freud, que nos primórdios da psicanálise se apropriou de obras artísticas e aspectos da cultura para defender suas ideias.

Suplementarmente, anoro-me em Martinez (2003, p. 60) para reforçar o porquê de a psicanálise propor a escuta extramuros: “[...] a cultura é feita de psiquismo, porque seus criadores são humanos, assim como o sofrimento humano toma forma nas diversas manifestações culturais, desde os sintomas até a arte, passando pela ciência”. Associando com a pesquisa efetuada por entrevistas em psicanálise, tirar o analisando de foco e direcionar a escuta extramuros do pesquisador aos analistas foi uma estratégia que desdobrou vias de interpretação a partir da escuta psicanalítica, principalmente no tocante às questões de gênero que atravessam estilos, escutas e formações na atualidade.

A entrevista em psicanálise é uma estratégia utilizada nos estudos dos fenômenos sociais e políticos que escuta as expressões inconscientes no e pelo laço transferencial, para além do enquadre clínico. Fundamentando-se na hipótese do inconsciente, o pesquisador abarca problemáticas presentes no tecido social. As entrevistas em psicanálise podem instigar a enunciação de pontos ainda não escutados nas histórias dos entrevistados, perlaborando temas por meio da associação livre e da atenção flutuante, apropriando-se da transferência do pesquisador

perante as narrações para costurar outros e novos saberes sobre a temática pesquisada (Rosa & Domingues, 2010).

Durante as realizações das entrevistas fora do contexto clínico, um impasse pode aparecer: a demanda do pesquisador sobrepor a demanda do entrevistado. Quer dizer: “Na clínica, a escuta do analista implica que este ocupe o lugar de ‘suposto-saber’ sobre o sujeito [...] Já nos contextos exteriores à clínica, há uma inversão do modelo, pois é o pesquisador quem supõe que o entrevistado saiba algo” (Rosa & Domingues, 2010, p. 186). Contudo, o entrevistado, ao responder e formular questões, está interpelado pelo seu inconsciente e nem sempre tem total compreensão dos enunciados endereçados ao pesquisador e vice-versa. A instrumentalização das entrevistas em psicanálise é viável, desde que o pesquisador sustente os pressupostos básicos da psicanálise, escapando às certezas da consciência.

Ainda acerca da relação do pesquisador com os entrevistados, resistências podem ser erguidas durante o processo de investigação por inúmeros motivos. As autoras citam como exemplo um pesquisador que se prende à teoria tentando encontrar as respostas que deseja escutar, ignorando os enunciados dos entrevistados e as aberturas para o novo. Além desse, exemplificam casos de resistência diante de realidades sociais diferentes das vividas pelo pesquisador, principalmente em casos de exclusão social em que o pesquisador pode se ater somente à condição social do sujeito e excluir a escuta de um sujeito cindido/desejante ou vice-versa. Se na clínica a resistência do analista trava o tratamento, na investigação o pesquisador pode ter dificuldade em colher os dados e/ou interpretá-los equivocadamente. Em ambas as situações, é recomendado respeitar o contexto social e político ao qual o sujeito está vinculado para escutar como o pesquisador se posiciona perante esse contexto. Nos estudos psicanalíticos, devem ser considerados os posicionamentos políticos do pesquisador diante das realidades abordadas, dadas as transferências e/ou as resistências manifestadas no ato de escutar e pesquisar (Rosa & Domingues, 2010).

Figueiredo (2000) relembra o cuidado necessário no emprego dos conceitos psicanalíticos nos estudos de fenômenos políticos e sociais. Para ele, pesquisas com meras replicações daquilo que já se sabe, pelos estudos sociais ou pela clínica, são empobrecidas. Quanto mais complexo o fenômeno estudado, mais rigor conceitual é necessário para abordá-lo contundentemente. A partir das bases fornecidas pela psicanálise, é imprescindível ao pesquisador escutar como os sujeitos são

enredados nas malhas sociais e políticas para traçar percursos singulares atrelados à problemática estudada e ser possível construir novos saberes teóricos e socialmente significativos.

3.2 Recortes do método: parcialidade e cientificidade

Assumindo as premissas acerca da pesquisa conforme apresentadas pelas referências acima, as entrevistas em psicanálise foram escolhidas propriamente para materializar as singularidades e as generalizações compartilhadas pelo campo psicanalítico para registrar como psicanalistas estão lidando com aspectos culturais e formativos atrelados às questões de gênero, além de identificar os movimentos políticos e sociais que atravessam práticas cotidianas, de modo a apontar outros sentidos nos planos individuais e coletivos da comunidade psicanalítica. Considerando esses aspectos, estruturei os procedimentos do método que deram o contorno às entrevistas e às etapas do estudo.

A escolha dos/das participantes ocorreu conforme os seguintes critérios de inclusão: pessoas que residissem no Brasil há pelo menos dois anos²⁸, que se reconhecessem como psicanalistas e habitassem espaços de inserção da psicanálise (universidades, clínicas, outras instituições e/ou escolas de formação) no mínimo há cinco anos. Também foram escolhidos/as, de preferência, psicanalistas que se reconheciam em diferentes espectros do gênero (cis, trans, gênero fluido, não binário...) e sexualidades (hétero, homo, bi...) e que eram de diferentes gerações de formação e idades. Seguindo tais balizas metodológicas, escutei e analisei discursos advindos de diferentes contextos, práticas e apropriações da psicanálise. Com a premissa de escutar narrativas pluralizadas, tornou-se possível sustentar uma pesquisa voltada à singularidade e suas ressonâncias numa prática clínica sem desconsiderar determinadas coletividades compartilhadas pelo campo psicanalítico.

Ademais, como medida adotada para manter o sigilo da pesquisa, qualquer informação que pudesse identificar os/as participante foi omitida, bem como seus nomes foram alterados. Foi produzido o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice — A) e enviado ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para aprovação junto do projeto de pesquisa. O TCLE é um documento que contém a assinatura dos envolvidos,

²⁸Demarco analistas que residem no território nacional pelos seguintes motivos: dar um recorte à pesquisa devido às produções crescentes no país sobre psicanálise e gênero, conforme articulado na Introdução deste trabalho e pela importância de sustentarmos e divulgarmos saberes regionalizados condizentes com a realidade e a pluralidade da psicanálise no Brasil.

pesquisadores e participantes, com o intuito de registrar as responsabilidades do estudo. As entrevistas foram iniciadas a partir de algumas perguntas disparadoras (Apêndice — B) relacionadas ao problema e aos objetivos da pesquisa, mas a associação livre e a atenção flutuante foram priorizadas durante os diálogos para que, na transferência e pela escuta psicanalítica, o problema de pesquisa fosse trabalhado.

Cogitando um caráter qualitativo que respeitasse as exigências da psicanálise, após um levantamento bibliográfico, efetuei entrevistas com diferentes psicanalistas para escutar suas concepções sobre as questões de gênero e como essas concepções se imbricam com suas práticas cotidianas. As entrevistas foram realizadas virtualmente após a pandemia, além de gravadas e posteriormente transcritas. Cada entrevista durou um encontro por volta de uma hora e meia. Ao todo, fiz quarenta e dois convites para psicanalistas espalhados pelo Brasil, principalmente por e-mails e WhatsApp. Desses, cinco se concretizaram em entrevistas gravadas e transcritas, e dois foram marcados, mas não concretizados por questão do tempo para concluir a pesquisa. Entre os outros trinta e cinco convites, a maioria não foi possível por falta de resposta ou de disponibilidade, tendo acontecido algumas recusas diretas por questões de preferência por não participar de uma pesquisa sobre gênero.

Os/as participantes foram contatados/as considerando indicações de colegas de profissão e da pós-graduação bem como por meio de listas de contatos de instituições psicanalíticas. Os e-mails enviados aos/às participantes continham o convite à pesquisa e informações sobre o projeto de pesquisa, sua importância para sua área de conhecimento e suas responsabilidades éticas. Basicamente, os conteúdos das mensagens continham informações sobre a temática geral da pesquisa e sua proposta extramuros a partir de entrevistas com psicanalistas. Continham informações de como as concepções, as relações e os embates que temos sobre o gênero e a diferença sexual ressoam ou não na prática clínica de um/uma psicanalista. Foi explicitada a proposta de escutar mais sobre as suas respectivas práticas clínicas e como essa temática era vista e escutada, independentemente de escola de formação e/ou posicionamento.

As cinco pessoas que aceitaram participar da pesquisa estavam localizadas em quatro diferentes estados brasileiros: Rio Grande do Sul (duas pessoas), Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Houve um esforço para entrevistar analistas de outras regiões, como o Nordeste e o Norte, mas nenhum contato foi possível de ser concretizado. Além disso, participaram analistas de diferentes idades e tempos/escolas de formação: três com idades entre trinta e quarenta anos, um

com idade entre quarenta e cinquenta anos e um com idade entre cinquenta e sessenta anos. Sobre as escolas de formação, havia analistas próximos/as dos trabalhos de Freud, Lacan, Winnicott, Melaine Klein, Laplanche e referências associadas a esses autores. Nas análises, foram nomeados/as como Anna, Ernesto, Joana, Joaquim e Vicente.

Para mais, três se reconheceram como homens gays cis e dois como mulheres cis²⁹. Três comentaram ter proximidade direta com a temática de gênero, outros dois tinham interesse, mas consideraram não ter proximidade com estudos próximos ao gênero. Além das informações e dos critérios de inclusão presentes nas estratégias de produção do conhecimento, todos têm ou tiveram contato com instituições psicanalíticas e com universidades, especificamente com programas de pós-graduação, tendo três exercido/exercendo a docência em universidades de suas respectivas regiões. Os convites para participarem da pesquisa foram aceitos por livre e espontânea vontade dos participantes³⁰.

As imprevisibilidades inerentes a todo processo de pesquisa foram intensificadas pelos tempos de pandemia (COVID-19), e, nesse sentido, pesquisas com seres humanos precisaram ser pensadas considerando-se as mudanças nas organizações psíquicas e coletivas da sociedade brasileira. Com efeito, foi necessário um manejo nas entrevistas para evitar prejuízos físicos e/ou emocionais às pessoas escutadas, principalmente devido à doença COVID-19, bem como encontramos psicanalistas dispostos a participarem de uma pesquisa elaborada na pós-graduação. Falar sobre a relação entre gênero e prática clínica poderia mobilizar afetos e memórias, possivelmente desconfortáveis e/ou constrangedores, vinculados a temas da vida cotidiana, uma possibilidade de riscos e/ou dificuldades que precisou ser considerada na preparação e na condução das entrevistas. Além disso, existiu a possibilidade, mesmo que remota, de quebra de sigilo, ainda que involuntariamente e de forma não intencional, podendo acarretar possíveis consequências na vida pessoal e profissional dos participantes.

Prospectando essas possibilidades, as táticas que contornaram o surgimento de possíveis riscos e dificuldades foram: 1) utilização de instrumentos virtuais para efetivação das entrevistas, de modo a proteger ambos os envolvidos, pesquisadores e participantes, devido à pandemia da COVID-19 e seus limitantes com relação ao contato presencial; e 2) realização das entrevistas

²⁹No só depois, debrucei-me sobre as transcrições das entrevistas e constatei que as mulheres não descreveram sua sexualidade durante seus discursos, enquanto os analistas homens demarcaram suas sexualidades, como pode ser constatado nas análises que seguem no próximo capítulo.

³⁰Além disso, não houverem descrições dos/das entrevistados/as sobre outras categorias analíticas como raça e classe.

segundo o manejo e a escuta em psicanálise para acolher os entrevistados e conduzir os diálogos da forma proposta por essa teoria que fornece conceitos e um método próprio para isso.

Todos os gastos referentes à pesquisa foram custeados pelo pesquisador, a partir da bolsa recebida pela FAPESC – Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina, entre eles: internet para efetivação das entrevistas; “Zoom”, uma plataforma on-line para vídeo e gravação; e quaisquer documentos a serem gerados e/ou impressos. Identificação do orçamento: materiais de escritório, cópias de textos, livros, transporte, lanches, revisão gramatical e bibliográfica, impressões e ajuda de profissionais. Vale ressaltar os agradecimentos à FAPESC pelo tão importante e necessário incentivo a esta pesquisa.

Sobre as análises das entrevistas, reforço: a psicanálise lida com as imprevisibilidades das expressões humanas. Por isso, os saberes da pesquisa foram forjados segundo as intersecções entre o corpo teórico, as singularidades dos entrevistados/pesquisadores e as narrativas escutadas. Não há uma verdade universal a ser descoberta, muito menos um segredo a ser interpretado nos discursos escutados: “[...] a verdade de uma interpretação não pode ser tomada como definitiva, mas sempre provisória [...] é sempre uma verdade parcial, uma perspectiva selecionada do seu objeto” (Figueiredo & Minerbo, 2006, p. 275). Assim como na escuta das neuroses, é na parcialidade e na renúncia às ideias totalizantes que podemos articular os critérios de cientificidade da psicanálise. Nessa perspectiva, para produzir as análises, entrelaçaram-se os discursos transcritos com as teorizações da pesquisa e as minhas escutas/transferências.

4. Análises Acionadas por Transferências Comuns

[...] pois permanece o desejo de escapar à simples combinatória e de inventar coreografias incalculáveis.

(Christie McDonald & Jacques Derrida, 2019, p. 9).

A sexualidade e a finitude são duas das pedras angulares da humanidade (Freud, 1930/2010). Ambas aparecem constantemente neste capítulo referente às análises da pesquisa. Evocar o termo “gênero” durante as entrevistas teve ligação direta com as sexualidades — sabemos disso após um percurso teórico do imbricamento desses dois conceitos. Seria também o gênero uma pedra angular da existência humana? Constatamos que sim. Gênero num sentido plural e ampliado, que suscita dúvidas e perlaborações para além de escritos teóricos, pois também apareceram conteúdos atrelados às identidades de gênero dos/as psicanalistas entrevistados/as, e como esses conteúdos compõem as práticas clínicas deles/as³¹. Enigmas fundamentais que instigaram discursos carregados de afetos e memórias.

A finitude surgiu como um limite, um fim, uma borda que separa a psicanálise de outros saberes e de outras disciplinas. O finito pressupõe uma transitoriedade, uma constante mudança na forma de se apropriar das teorias, que escapa às certezas do saber psicanalítico quando o gênero é proposto como tema de uma entrevista. Deparar-se com a finitude me remeteu à potência de vida e de movimento em que ficar parado, centrado em certezas, significa a mortificação desse saber e de suas estratégias de teorização e de tratamento. Como lidamos com o que provoca uma ruptura nas nossas posturas e convicções? Quais os limites dos nossos saberes sobre os problemas de gênero que surgem na clínica e na cultura? Parece-me que é um pouco disso que apareceu entre as linhas das entrevistas.

Conforme os convites à pesquisa e as entrevistas foram se efetuando, também fui me deparando com algumas dúvidas e curiosidades. Compartilhando mais sobre isso em orientação e com alguns colegas de pós-graduação e de profissão, percebi que muitas dessas experiências não apareceriam nas análises das entrevistas propriamente ditas. Assim, decidi mesclar questões sobre os bastidores da pesquisa com os conteúdos das entrevistas, pois acredito ser fundamental para uma

³¹Reforçando: para me referir às pessoas que participaram das entrevistas, escolhi a linguagem genericada representada pelos pronomes “ele/ela”, “dele/dela” devido a elas próprias se nomearem como homens gays cis e mulheres cis.

pesquisa em psicanálise desdobrar alguns pontos experienciados pelos seus pesquisadores. De determinado modo e grau, só depois percebi que os bastidores prenunciaram os conteúdos articulados nas entrevistas.

Uma das inspirações de escrita deste capítulo está nos conteúdos dos contatos pré-entrevistas associados à escuta dos discursos dos/as entrevistados/as. Isso porque obtive mais entradas de trabalho com psicanalistas que estavam estudando questões de gênero e/ou assuntos satélites, por exemplo, as políticas públicas de assistência social, e que tinham alguma aproximação com programas universitários de pós-graduação. Para mais, todos/as os/as entrevistados/as se descreveram como homens gays cis ou mulheres cis durante o decorrer das entrevistas, quatro deles estabelecendo associações de suas identidades de gênero com o interesse sobre o tema de estudo colocado em cena. Os elementos descritos até aqui serão ampliados, articulados e somados a outros elementos nos próximos marcos de análise.

Enfim, como mencionado ao decorrer desta dissertação, os discursos escutados não serão tratados como se tivessem todas as respostas e verdades sobre o problema de pesquisa, mas, sim, serão tratados num caráter de construção em conjunto para problematizar e expandir ideias. Isso reflete na própria criação da dissertação e sua composição, pois os capítulos teóricos foram incorporados num só depois a partir dos contatos e os aprendizados com os/as psicanalistas entrevistados/as. Encontrei durante o meu percurso de pesquisa cinco psicanalistas dispostos/as a problematizar o gênero na psicanálise, a produzir respostas possíveis, mas também a assumir suas finitudes sobre essa temática. Foram nesses encontros de singularidades, marcados por transferências comuns com a herança freudiana, que essas análises se enveredaram por discursos e práticas clínicas.

4.1 Dois termos na mesma sentença

No início de cada entrevista, os/as entrevistados/as foram convidados/as a narrar os seus percursos, suas apropriações e suas habitações nos espaços de inserção prático-teórica. Despertou-me a atenção o percurso pessoal de cada psicanalista e como suas experiências se articulavam com suas concepções sobre as questões de gênero que aparecem entre suas práticas clínicas em diferentes tempos e espaços de formação e atuação. Apareceram relações com os seguintes espaços: instituições de psicanálise, universidades, clínicas particulares, clínicas-escola e serviços públicos

de saúde e assistência social. Essa amplitude de espaços habitados pelos/as entrevistados/as precisa ser demarcada, porque, conforme Tajer (2013), as discussões sobre o gênero envolvem trabalhos em diferentes esferas privadas e públicas, e a psicanálise do século XXI se propõe a estar em outros espaços para além do consultório particular.

Após as contextualizações de cada psicanalista, empreguei uma frase norteadora em todas as entrevistas: “O que lhe surge quando você pensa em psicanálise e gênero, esses dois termos juntos na mesma sentença?”. Essa foi uma pergunta criada na primeira entrevista a partir da transferência com aquele entrevistado. Conforme o discurso escutado nesse primeiro momento e lendo a transcrição só depois, decidi manter essa pergunta em todas as entrevistas e acompanhar os/as psicanalistas em suas associações. Dada a complexidade da relação entre esses dois termos, foi uma espécie de questionamento que me fiz inúmeras vezes desde que escrevi o projeto de qualificação para o mestrado. Algo simples, mas que convoca uma série de problemas quando precisa ser narrado.

Para Adela Stoppel de Gueller (2019), a presença do termo “gênero” complica as discussões do campo psicanalítico, mas ainda assim é fundamental ser evocado e debatido. Na argumentação dessa autora, mesmo não considerando o emprego desse termo potente para a psicanálise por ele escamotear questões sobre a sexualidade, o gozo e o desejo — o que discordo; talvez o ponto seja como introduzimos e operamos esse conceito na trama psicanalítica —, ela reconhece a instauração da sua força na nossa língua. Na sua linha argumentativa, o gênero está no foco das manifestações políticas, seja nas reivindicações de seus defensores, seja nos ataques de seus detratores³². É preocupante psicanalistas não escutarem esses barulhos. Reprimi-los é uma tentativa forçada de estar fora da cultura.

Os discursos ideológicos proferidos por membros do governo executivo de extrema direita e pelo presidente com exercício até 2022, Jair Messias Bolsonaro, são exemplos trágicos sobre a tentativa de repressão do gênero nos debates atuais. Entre tantos ataques, houve ordens de retirar essa palavra dos documentos e das resoluções da ONU no Brasil, uma medida que fere outros tratados internacionais assinados por governos brasileiros desde 1990 (Chade, 2019). Logo, “Absurdos como esse nos tornam imediatamente simpatizantes das questões de gênero, e não logramos sair desse engodo. Não podemos compactuar com a tentativa de abolir um termo que

³²Temos como exemplo as falácias, alucinações e distorções criadas pela extrema direita brasileira em torno de uma denominada “ideologia de gênero” propagada pela suposta esquerda e pelo suposto comunismo que buscariam perverter e destruir as crianças, os valores cristãos e conservadores da suposta família tradicional brasileira (Miskolci & Campana, 2017).

carrega uma luta política de segregação e extermínio histórico” (Gueller, 2019, p. 101). Assumir um posicionamento crítico se aproxima dos traços subversivos da herança freudiana e de suas interações políticas com a história que lhe é constituinte.

Só depois percebi que a decisão de destacar esse termo na primeira pergunta fez sentido para as entrevistas, justamente porque nesta pesquisa optei por diferenciar sexo, gênero e sexualidade e por escutar como cada psicanalista apreendeu (ou não) o gênero em seu percurso formativo. A ideia foi dar espaço para associações mais simples e brincar com interpretações mais corriqueiras sobre a junção entre “psicanálise” e “gênero”. Afinal, uma prática clínica também é forjada por questões corriqueiras. Dois principais pontos de interpretação surgiram a partir das primeiras respostas dos/as entrevistados/as: 1) dúvidas, inseguranças e receios sobre a presença das questões de gênero no campo psicanalítico; e 2) heranças ao pensar o gênero e suas expressões a partir da psicanálise. Os dois pontos possuem relações dinâmicas entre si, separados aqui apenas por critérios expositivos e didáticos.

Nesse momento, abro um parêntese, pois me parece importante fazer alguns comentários sobre a negativa da maioria dos convidados para participarem da pesquisa, considerando que inclusive alguns deles disseram não participar por conta do tema “gênero”. Considero importante pontuar alguns aspectos que me chamaram a atenção nesse percurso de convidar profissionais para realizarem as entrevistas e as respostas obtidas por entender que esses aspectos impactaram diretamente na própria elaboração da pesquisa. Conforme descrito no capítulo sobre o método, denominado 3 “Estratégias de Produção do Conhecimento”, indico que convidei quarenta e duas pessoas para serem entrevistadas, e a maioria delas não aceitou participar. Para exemplificar, segue abaixo uma das respostas que recebi:

Olá Pedro, tudo bem? Agradeço teu contato e convite. Pela tua descrição parece ser uma bela pesquisa, mas fico em dúvida sobre como poderia contribuir para ela. Embora reconheça a importância do tema e da necessidade de que a psicanálise esteja constantemente sendo repensada a partir de novas pautas de ressonância social, devo admitir que as questões de gênero não são para mim propriamente uma área de pesquisa. Também não saberia esclarecer em uma entrevista em que medida minha clínica foi afetada por essa discussão. Talvez pelo recorte restrito dos encaminhamentos que recebo, tenha sido pouco. Não sei como você chegou até meu nome em particular dentro da associação

da qual faço parte, mas há nessa instituição um grupo de colegas que vêm trabalhando com afinco sobre as relações entre psicanálise e gênero. Se for do teu interesse, posso te colocar em contato com essas pessoas, que certamente trarão contribuições mais interessantes do que eu para o teu mestrado.

Sobre esse ponto dos convites para as entrevistas, que estou denominando “bastidores”, de forma ampla, recebi outras negativas aos convites à pesquisa com os seguintes argumentos: “Talvez não possa te ajudar com essa temática, não vejo esse público aparecendo na minha clínica”; “Não sei como poderia contribuir com uma pesquisa que trabalhe com o gênero na psicanálise”; e “Você poderia me dizer como eu poderia te ajudar? Não consigo visualizar algo que possa pensar sobre essa temática”. O ponto aqui foi problematizar o alcance da pesquisa e as relações de psicanalistas com a proposta. Existem inúmeros elementos para que alguém se disponha a participar ou não de uma pesquisa universitária. Há aspectos que influenciam o aceite dos convites, como agenda, desejo, interesses de estudo, opinião, privacidade, confiança, autonomia de escolha, entre outros. Longe de generalizar posicionamentos, perguntei-me como a proposta foi lida e escutada, além de quem pôde se interessar por ela.

A primeira pergunta que me ficou com essas respostas foi: como questões de gênero não aparecem numa prática clínica, se mesmo a hétero-cis-sexualidade é produzida e compõe a constituição psíquica de um sujeito? (Butler, 2003). Outras perguntas que me fiz foram: o que esses psicanalistas concebem como questões de gênero? Acreditam que estão associadas somente ao movimento LGBTQIAP+? Mesmo que não recebam pessoas reconhecidas nessa sigla, quais os motivos de não chegarem aos consultórios particulares? E se em vez de gênero eu tivesse utilizado o termo “sexualidade”, as respostas seriam as mesmas? São problematizações pertinentes, sem a pretensão de obter respostas prévias, que auxiliaram a compor as ideias que seguem neste marco, pois, de certa forma, também aparecem na fala dos/as entrevistados/as.

Seguindo as postulações de Porchat (2018) e Lattanzio e Ribeiro (2018), penso os entraves ao legitimar o gênero na qualidade de um conceito e um tema passível de ser trabalhado por psicanalistas. Após entrar em contato com diversos psicanalistas, evocar o termo “gênero” e associá-lo a uma pesquisa em psicanálise levantou uma série de negações e recusas. Algumas por incompatibilidades de agenda e de desidentificação com a proposta, mas outras me pareceram carregar receios relacionados a esse assunto ainda considerado desconhecido, espinhoso, delicado

e pertencente a outros saberes (feministas, queer, estudos de gênero e sociologia) que se diferem do saber psicanalítico e, conseqüentemente, de suas práticas clínicas. Há, portanto, uma cisão na relação da herança freudiana a ponto de ser muito complexo e até mesmo impossível narrar algo sobre relações da psicanálise com o gênero.

Essa lógica discursiva de receio ao tema também aparece em determinados momentos entre as associações produzidas a partir das primeiras perguntas nas entrevistas. Ou seja, mesmo entre os/as psicanalistas que concordaram com participar das entrevistas, também localizamos esse entrave ao situar a questão da psicanálise e do gênero. Pairaram no ar dúvidas e questionamentos sobre como narrar algo sobre o trabalho com questões de gênero na psicanálise, por exemplo:

Ernesto: Acho que em um primeiro momento, na associação livre mesmo, me vem muita dúvida. Acho que essa talvez seja uma das grandes questões, tanto que a tua pesquisa é ótima por conta disso. É uma dúvida realmente. Como lidar com essas questões na psicanálise.

Joana: Sabe que até esses dias eu estava pensando nisso. Eu confesso que eu tenho um desconhecimento de algumas coisas em relação a isso. Mas eu confesso que eu ainda tenho esse desconhecimento em relação a alguns termos. Mas eu vi um evento que falava das questões de gênero de uma instituição psicanalítica que me chamou atenção, porque eu não lembro agora bem qual era o tema, mas era algo que parecia parecer preconceituoso, porque teria uma questão que seria normativa do que seria o gênero. Não sei se o termo foi preconceituoso ou eu que fui preconceituosa achando que era preconceituoso por desconhecimento meu.

Foi proposta uma primeira pergunta que exigia articulações e tensionava ideias. Somado ao contexto de entrevista gravada e à necessidade de formulação de uma resposta ao entrevistador, é compreensível a complexificação de trabalhar o assunto. Ao mesmo tempo, essas associações foram vinculadas à dúvida e ao desconhecimento de como falar sobre essa relação, mesmo os participantes tendo aproximações com os campos de gênero. Portanto, constatamos receios inerentes às questões de gênero, como se elas não fizessem parte desde o início das ideias freudianas, desde a escuta subversiva das denominadas histéricas e o rompimento com o tratamento

hegemônico sobre essas mulheres no século XIX, questões essas explicadas por outros termos, mas ainda assim explicadas (Ambra & Júnior, 2021). As dúvidas enunciadas por Ernesto e por Anna fazem-nos [re]pensar o quão importante é o desprendimento de um lugar de poder e saber para perlaborar essas problemáticas.

Sublinho serem dúvidas e receios legítimos que durante a pesquisa também experienciei enquanto pesquisador, dado que a dinâmica do campo psicanalítico e suas transmissões históricas culminaram numa espécie de Torre de Babel³³. É como se os psicanalistas estivessem experienciando um espaço onde poucos se entendem, e as conversas se perdem devido às múltiplas línguas manifestadas. São enfrentamentos e divisões que também podem ser encontrados em escritos que operam sobre o prisma das teorias e movimentos feministas e de gênero. O desentendimento entre línguas culmina na destruição dos saberes e receio ao incompreensível (Cossi, 2011). Esses embates entre os próprios psicanalistas e deles com outros campos e saberes são mais frequentes do que gostaríamos e também aparecem nas primeiras associações desse entrevistado:

Vicente: Surgem duas coisas. Uma é que, por um lado, eu tenho aproximação com muitos colegas próximos que pesquisam exatamente isso. Então por um lado eu tenho essa aproximação com pessoas muito próximas. Por outro, me vem também uma certa, uma certa psicanálise um pouco mais enrijecida ou mais conservadora que vai trazer muitas críticas. Como primeiro momento na associação livre, me surgiu que essas duas me parecem que estão sempre em embate. Mas isso me causa também uma outra questão, é que eu não sei se é só minha, enfim, que parece que me produz um cansaço ao mesmo tempo de um certo embate que já se esgotou. Talvez não precisasse ser tão bélico.

Particularmente, tenho uma proximidade e um lado nesse embate. Na minha concepção, a diferença está em que os estudos de gênero, os feminismos e as revisões psicanalíticas ampliam e desnaturalizam as escutas tanto das subjetividades quanto dos processos políticos e sociais. Quer dizer, fornecem ferramentas para combatermos as violências de gênero contra mulheres, pessoas

³³Um mito judaico-cristão que ilustra como surgiram diferentes línguas no mundo. Inicialmente, a Torre de Babel possuía apenas uma língua, e seus habitantes a construíram para alcançar os céus. Por punição divina, as pessoas falaram diferentes línguas e se confundiram. Assim, confundidas, incompreensíveis aos outros, pararam de construir e se espalharam por diferentes regiões da Terra.

reconhecidas na sigla LGBTQIAP+ e demais pessoas marginalizadas e historicamente invisibilizadas. Por isso, assim como Vicente, acredito ser crucial anunciarmos e problematizarmos esses embates para podermos apontar saídas, traduzir da melhor forma possível as diferenças e estabelecer pontes de diálogo, mesmo que permaneçam restos impossíveis de serem traduzidos nesses processos. No Brasil e na América Latina, temos atualmente uma série de referências, como: Ceccarelli et al. (2019); Ambra & Júnior (2021); Cossi (2019); Ambra (2022); Françaia, Porchat & Corsetto (2018); entre outros(as) que auxiliam a amenizar o belicismo e a dialogar a partir da diferença teórica.

Os receios com relação ao gênero são frequentemente produzidos por dogmatismos criados com o passar das décadas e certas hostilidades do campo psicanalítico com o estrangeiro. Isso se intensifica com ataques de outros profissionais e campos do saber à psicanálise, que replicam uma lógica de desvalidação do saber psicanalítico, algo que precisa ser problematizado da mesma forma. Christian Dunker (2019, p. 54), em resposta a Marcus do Rio Teixeira e suas críticas à Judith Butler e o trabalho com o gênero no campo psicanalítico, retrata a importância de lembrarmos histórias que possibilitaram a psicanálise existir, histórias por vezes esquecidas, recalçadas, assim como articulado nos marcos teóricos desta dissertação. Conforme o autor, Freud, Lacan e outros pós-freudianos mantiveram contato com o contraditório e o estrangeiro de suas transmissões, e isso foi extremamente potente para ora defender, ora reformular ideias:

Lembremos como Freud debateu com Deutch e Horney, que deram sustentação teórica ao movimento feminista de sua época. Lembremos como Lacan comenta as teses de Stoller [...]. Não vamos esquecer da relação mais visceral de Lacan com o Feminismo na figura de Luce Irigaray intervindo nos Seminários XII e XIV [...]. Rememoremos como ele enaltece a qualidade do trabalho Polylogue de Julia Kristeva, no Seminário XXIV [...]. Como se esse esquecimento não fosse o outro nome da ideologia.

Nesse texto, Dunker (2019) rebateu críticas sobre a chegada de Judith Butler ao Brasil e sua recepção junto de psicanalistas brasileiros num colóquio sobre democracia organizado pelo consórcio USP e pela Universidade de Berkeley em 2017. Em suma, as críticas respondidas se basearam na suposta incompatibilidade das teses de Butler bem como de outros estudos feministas e de gênero com os pressupostos psicanalíticos. Coincidentemente, a participação de Butler nesse

colóquio também foi atacada por apoiadores da extrema direita brasileira, acusando a organização do evento de perverter os valores cristãos, de destruir a suposta família tradicional brasileira, além de propagar uma suposta ideologia de gênero. Sabemos que Butler possui críticas à psicanálise, mas também trabalha a partir de alguns pressupostos dessa herança. Fica nítido com esse episódio o quanto a falência das instituições e da diferença sexual provoca ataques a sujeitos e movimentos, dentro e fora do campo psicanalítico, pautados em valores heteronormativos, binários, hierárquicos e hegemônicos, pois pretendem ser incontestáveis e suprimir a pluralidade.

A partir dessa discussão, fui me deparando com a ideia de problematizar sem precisar cair numa lógica binária de verdadeiro ou falso, legítimo ou ilegítimo. Existe uma diferença nítida entre a discordância de conceitos ou temáticas e a propagação de ideias que se aproximam diversas vezes de uma lógica fascista de exclusão e inviabilização da diferença em nome de uma supremacia, nesse caso, teórica e ideológica. Por mais que pareçam estar muito próximas, a diferença prático-teórica não pode justificar ataques às lutas históricas de combate às violências que suprimem pessoas (Gueller, 2019). Propagações violentas que, de acordo com Ayouch (2015), são produzidas devido ao desprendimento de uma parcela de psicanalistas das causas sociais somado à falta de análise contratransferencial perante os fantasmas em torno das figuras de parentesco, das teorias sexuais infantis e das capturas heteronormativas dos próprios psicanalistas com relação ao disruptivo. Sobre essa questão, compartilho da visão desse entrevistado:

Joaquim: Às vezes, acho que tem propostas de leituras teóricas que tentam colar expressões de gênero em estruturas psíquicas marcadas, estruturas psicanalíticas. Já vi, às vezes, aproximações de, por exemplo, da transexualidade e psicose, ou transexualidade e perversão, que são coisas que eu acho que empobrecem demais a possibilidade de análise dos casos. Acho que é um tema que até por tocar nos pilares da psicanálise, na epistemologia da diferença entre os sexos, tal, movimentada uma série de dúvidas e de angústias das pessoas com relação a isso, e eu penso que muitas vezes isso leva a uma rapidez em teorizar e generalizar sobre as experiências.

Articulando essa discussão com o segundo ponto de interpretação deste marco, escuto como as questões de gênero não são comumente associadas aos escritos, conceitos e documentos correspondentes ao que podemos denominar pressupostos freudianos/psicanalíticos. Pressupostos

como sexualidade infantil, diferença sexual, Complexo de Édipo, castração, entre outros, ainda carregam uma carga desenvolvimentista. Assim, o gênero seria uma “coisa” à parte desses conceitos, distante, e aproximá-lo do nosso saber infere refazer fundamentos das teorias que nos são tão comuns. Na tentativa de deslocar o gênero exclusivamente para o plano social, arriscamos trabalhar a sexualidade atravessada por ideias inatistas e universalistas, como nas fases do desenvolvimento a partir da relação linear entre as zonas erógenas nas últimas versões dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (Freud, 1905/2010).

No momento que resgatamos as noções freudianas em torno da sexualidade perverso-polimorfa, de conceber a elasticidade que marca o infantil entre a pulsão e o objeto, os elementos da vida psíquica do sujeito sobre a sexualidade são diferenciados de estruturas psíquicas binárias. A sexualidade infantil é conceitualizada radicalmente por seu anarquismo e imprevisibilidade perante os acordos civilizatórios. O ponto crucial dessa discussão é justamente se distanciar da classificação de práticas sexuais e objetos “normais”. O interesse do psicanalista precisa estar nos processos psíquicos que conduzem as práticas sexuais, os destinos dados à sexualidade infantil e as perlaborações desses destinos. Em outras palavras, o ponto está em legitimar a radicalidade do inconsciente e sua plasticidade perante a cultura vigente bem como as negociações e as traduções que o sujeito pode produzir no contato do seu corpo com o mundo externo e os outros. Interessante transportar essa mesma lógica para a temática desta dissertação para escutar as traduções plurais de gênero e os destinos da sexualidade tomados pelo sujeito a partir da constatação do sexo anatômico, sem destino prévio, e como isso opera na sua constituição psíquica e o movimenta no mundo (Arán, 2006).

A fala de Joaquim sobre a dinâmica apressada em teorizar denuncia os efeitos iatrogênicos possíveis de serem produzidos nas e pelas práticas clínicas. Sujeitos distantes da heteronorma podem ser condenados em nome de princípios teóricos. Ayouch (2015, p. 40) se apropria das homossexualidades para exemplificar esse processo discriminativo: “Será que faz sentido teorizar uma metapsicologia da homossexualidade enquanto organização psíquica particular distinta? Não é a escolha do objeto homo/hétero um elemento da organização subjetiva tão relevante como outros elementos e, portanto, incidente?”. A luta contra as violências no campo psicanalítico passa pela demarcação das diferenças políticas e sociais. Ao mesmo tempo, passa pela escuta do comum da vida psíquica, dado que as pessoas dissidentes da norma “não escapam às vicissitudes do inconsciente [...]” (p. 40).

As composições de Ayouch (2015) podem ser expandidas para outras identidades de gênero que dissidem da lógica heteronormativa. Quando compreendemos que a escolha de objeto e o gênero são elementos que podem dissidir da lógica binária e hierárquica na qual a herança freudiana hegemonicamente tendeu a ser transmitida, torna-se possível concebermos um espaço de escuta que possibilite a perlaboração da história singular do sujeito, de como ele a experiencia na época e na cultura em que está inscrito. Isso porque as vicissitudes do inconsciente ainda estarão presentes: o sofrimento psíquico; a incompatibilidade entre princípio do prazer e princípio da realidade; as negociações pulsionais; os dilemas sobre a castração e as teorias sexuais infantis; o estabelecimento ou não do recalque; e o mosaico de identificações.

Anna, por exemplo, produziu associações que se alinham à fala de Joaquim, comentando as mudanças que constatou com o passar das décadas em sua prática clínica:

Anna: Eu comecei a observar que isso estava diminuindo. Que as pessoas circulavam, se relacionavam uma hora com alguém nomeado como homem, outra com alguém nomeada como mulher, e isso parece que não era o que fazia questão como em outros momentos. Antes era um sofrimento, era uma desgraça. Meu deus, que que eu vou fazer com isso? Então isso foi a coisa que mais me chamou a atenção.

Também me desperta a atenção essa constatação de Anna, pois falar de gênero é historicamente associado ao binarismo e à hierarquia entre homem e mulher, masculino e feminino. Assim como é associado à violência de gênero e às pessoas que desviam da heteronorma (trans, não-binárias, homossexuais, intersexo, entre outras). Pesquisas nesse sentido foram e são necessárias para problematizar as relações históricas de poder (Lattanzio & Ribeiro, 2018). Entretanto, a partir das associações de Anna, escuto como na atualidade também se torna fundamental trabalhar com a ideia de plasticidade do gênero na formação dos psiquismos. Ou seja, como podemos transformar as questões de gênero, primeiro em uma temática central no vocabulário psicanalítico, segundo em uma temática que considere a plasticidade sexual e de gênero em todos os sujeitos, sem precisar deixar de demarcar características políticas e históricas vivenciadas pelas denominadas minorias.

As questões de gênero possuíram uma tendência em serem pensadas nos processos sociais e não trabalhadas na clínica como parte do psiquismo, como se não estivessem presentes desde o

início da constituição psíquica do sujeito. Neurose, psicose, perversão, histeria; temas denominados clássicos; são comuns de estarem na ponta da língua dos psicanalistas. Já o gênero parece coberto de nuvens duvidosas e permanentes, isolado das teorias e difícil de se apropriar, mesmo aparecendo a todo momento nas práticas clínicas de diferentes profissionais. Isso nos aponta para o quão necessário é desconstruir alguns estigmas e normalizar o emprego do “gênero” no campo psicanalítico. A partir disso, pergunto-me: como psicanalistas escutam suas próprias questões de gênero, e como isso reverbera na escuta do outro? E nas transmissões e formações, como as questões de gênero aparecem? Duas perguntas iniciadas neste marco e exploradas nos próximos.

4.2 Psicanalista tem gênero?

O sexual infantil, perverso-polimorfo, foi se tornando um pilar para esta pesquisa ao decorrer de sua produção, porque se imbricou com o gênero no percurso da pesquisa. Sabemos que a sexualidade infantil é caracterizada pela obtenção de prazer em decorrência de uma necessidade de satisfação, crivada pela moral conforme o infante se inscreve na cultura de seu tempo. Devido a isso, um psicanalista direciona seus esforços para escutar e intervir sobre as expressões recalçadas e inconscientes da sexualidade, e não pela materialidade da prática sexual (Freud, 1905/2016). Também sabemos que o gênero é uma tradução plural e singular possibilitada pelos endereçamentos dos outros na criança, hegemonicamente dual, masculino-feminino e o que se espera de cada um, devido à heteronormatividade compulsória que estrutura as sociedades ocidentalizadas (Butler, 2003; Laplanche, 2015).

Para mais, a partir das ideias de Ayouch e Bulamah (2013, p. 115), constatamos que a “hipótese que desenvolvemos é que uma visão meramente intrapsíquica do sexual-infantil, desvinculada da relação social e do contexto histórico, dá lugar a uma concepção normalizadora da sexualidade [...]”. Na concepção deles, uma ideia descolada do contexto histórico sobre a sexualidade tende a ser capturada pelas concepções hegemônicas de família nuclear e de binaridade/hierarquia de gênero. Essa lógica se repete quando pensamos a heterossexualidade compulsória, as relações de poder e saber sobre o gênero, que tem como referência o caráter anatômico do corpo, pênis e vagina, numa concepção universalizada principalmente após o século XVIII (Butler, 2003).

Com o desembolar da escrita, o foco no gênero e na sexualidade perverso-polimorfa foi transportado dos/das analisantes para os/as analistas; pois a partir de perguntas sobre a transferência e a contratransferência numa prática clínica, apareceram ideias de como esses/as psicanalistas perlaboram sua própria história quando se propõem a escutar os desejos e os sofrimentos dos outros. Nesta pesquisa, somente pessoas reconhecidas como mulheres cis e homens gays cis se dispuseram a participar das entrevistas. Aquilo que se pretende universal e inquestionável, falocêntrico, desapareceu do radar quando o gênero foi colocado em cena.

Mesmo com transformações em curso, parece-me que certas hegemonias de pensamento ainda operam no cenário brasileiro, de quem pode pensá-las e a quem é interessante pensá-las. Obviamente, são recortes de uma pesquisa qualitativa com tempo aproximado de dois anos para ser concluída. Os convites enviados e as associações produzidas são parciais, porém, as respostas obtidas estabelecem relações diretas com as referências apropriadas neste estudo. Por mais que tenha me distanciado de ideais identitários maciços, os bons encontros realizados durante a pesquisa me remeteram às falas de Preciado (2019, p. 12) e me mobilizaram múltiplas associações:

Seria preciso, isso sim, organizar um encontro sobre os homens brancos heterossexuais e burgueses na psicanálise. A maioria dos discursos psicanalíticos gira em torno do poder discursivo e político desse tipo de animal necropolítico que vocês tendem a confundir com o humano universal, e que é — pelo menos até o momento — o sujeito da enunciação central no discurso das instituições psicanalíticas da modernidade colonial.

Complementarmente, nos últimos dois anos, por onde circulei, escutei diversas aberturas sobre a temática de gênero, desde as entrevistas até congressos, conferências, disciplinas e grupos de estudo. Em contrapartida, ainda escutei traços de uma tradição hegemônica sobre os domínios das questões de gênero, em que assuntos específicos ainda carregam estigmas, limitações e influências de inscrições atreladas diretamente aos gêneros e às sexualidades de quem se propõe a pensá-los. Dessa maneira, constatamos o quanto traços da identidade de gênero dos/as entrevistados (e não entrevistados) participaram da execução desta pesquisa. Contudo, quando trabalhamos com pressupostos psicanalíticos, a identidade precisa ser problematizada e localizada perante o funcionamento inconsciente. Porchat (2019, p. 83) se apropria dos relatos de Freud sobre

ele “ser judeu”³⁴, para fazer trabalhar a premissa da identidade como uma ficção, afinando-a para identidade de gênero:

No que determinadas pessoas estão exatamente acreditando quando afirmam a sua identidade de gênero, dizendo serem homens ou mulheres? De que Natureza é essa verdade? Não estou aqui me referindo apenas a pessoas trans, porque também existem pessoas cisgênero, ou seja, que não são trans, e que creem e são convictas da verdade de sua identidade de gênero. O que está por trás da ideia de identidade como verdade? Ser judeu, homem, mulher, brasileira? São verdades, ou são ficções?

Nessa linha argumentativa, a identidade tem uma função no momento que compõe o psiquismo. No caso de Freud, Porchat (2019) aponta que ele é judeu para si e para mais alguém, pois uma descrição identitária demanda o reconhecimento de outro, demanda que o próprio sujeito e outros sujeitos também acreditem nessa identidade. É ficção no momento que não é natural, inerente e imutável; mas atravessada por uma série de elementos que compõem sua suposta substância. O ponto aqui é desprender da ideia hegemônica de conceber a identidade como totalidade do Eu, como aspecto exclusivamente explicado nos planos da consciência e da representação. Ela é um elemento da experiência subjetiva que cumpre uma função integradora de reconhecimento, mas a experiência subjetiva transborda essa ficção, pois o sujeito é descentrado, não todo, marcado pelo inconsciente, pelas pulsões e identificações.

Algumas ficções exercem funções vitais na vida psíquica e social de um sujeito, principalmente quando ele se propõe a relatar a si mesmo, a tecer associações sobre como percebe e descreve a própria história: “a identidade opera como função-ficção que propicia satisfação” (Porchat, 2019, p. 98). Esta pesquisa não diferiu; trago alguns recortes das entrevistas que nos auxiliam a fazer trabalhar essas ideias:

Joaquim: Assim, se a gente parar pra pensar, eu sou gay, eu sou um analista gay. Essas questões me atravessaram desde sempre. Eu estudo essas questões do homoerotismo há muito tempo. Então eu acho que eu não sei se todos os analistas estão próximos a esse

³⁴Podemos encontrar relatos do inventor da psicanálise e sua relação com o “ser judeu” em “Discurso na sociedade B’nai B’rith” (Freud, 1926/2014) e “Prefácio à edição Hebraica” (Freud, 1930/2012), por exemplo.

campo, quer dizer, de alguma maneira estejam tão atentos a essa questão como eu. Acho que esse é um campo de interesse teórico meu.

Vicente: Mas eu acho que tive a possibilidade de ter bons encontros com pessoas que também pensem diferente, bons encontros inclusive disso, de poder ser acolhido em análise, porque eu acho que tem esse detalhe também, eu sou gay. Então é uma questão que hoje não parece uma questão, mas já pode ter sido uma questão, como é um Édipo e como eu amo algumas questões, coisa que se questionava muito até nos anos noventa: será que um homossexual pode ser analista?

Ernesto: Exato, porque o que acontece é, acho que isso ainda tem, mas há um tempo atrás já tinha muito mais, um tipo de preconceito para com analistas. Então eu não sabia se realmente existe esse preconceito, mas eu escutei muito de muitas pessoas, inclusive de família mesmo, falando: você não pode falar que você é homossexual, porque se não as pessoas não vão se atender com você, é meio perigoso. Será que vai ter esse espaço para você? Tem muito preconceito, como é que quando uma pessoa sabe que você é gay? Elas não vão querer ir no analista por ser gay?

Os três entrevistados comentam que quando pensam no gênero, pensam nas suas próprias histórias, cada um da sua forma e com sua singularidade. Trabalhar com o gênero remete necessariamente à perlaboração de cada um sobre sua masculinidade. Constatamos, nessas associações, relatos de identidades de gênero dissidentes das imposições heteronormativas, traduzidas como “ser gay”. Lemos elementos políticos correspondentes às opressões em torno das práticas sexuais dos entrevistados, por conta dos preconceitos e das discriminações sofridas de como se identificam e se reconhecem, que os mobilizam a tecer associações sobre a temática de gênero. As questões político-sociais atravessam desde a possibilidade de pensar temas em torno de uma performatividade disruptiva até violências sofridas pelos entrevistados.

No caso das homossexualidades, questionamentos sobre um analista gay ocorrem desde 1921, após a criação da IPA - Associação Psicanalítica Internacional. Nessa época, houve discussões intensas referentes à aceitação de psicanalistas homossexuais, que resultou no rompimento do coletivo vienense representado por Rank e Freud com o coletivo berlinense representados por Jones e Abraham. De um lado, Rank e Freud se posicionaram a favor do direito

de homossexuais se tornarem psicanalistas, despenalizando-os. De outro, Jones e Abraham, figuras marcantes no início da psicanálise, posicionaram-se contra, criminalizando e repudiando a homossexualidade dentro e fora do campo psicanalítico. Conforme aponta o estudo de Bulamah (2014), os ataques de Jones, intensificados posteriormente por Anna Freud, filha de Sigmund Freud, foram tão intensos que ele instaurou uma regra não escrita de recusa de candidatos homossexuais na IPA, que permaneceu ativa por volta de oitenta anos após sua criação.

Diferente da visão desastrosa de Jones e Abraham, no século XXI, muito por conta da pressão dos movimentos sociais e dos barulhos das ruas, as novas práticas sexuais transformaram relações fixas: “A maior visibilidade da homossexualidade, a homoafetividade e o homoparentesco não deixam de endereçar várias perguntas aos modelos psicanalíticos que pretendem dar conta da homossexualidade (psíquica ou agida) do/as analisando/as e do/as analistas” (Ayouch & Bulamah, 2013, p. 116). Em outras palavras, possibilitaram a existência desses sujeitos sem tentar excluí-los da sociedade civil e do campo psicanalítico. Apropriei-me dos exemplos sobre as homossexualidades devido às suas emergências nas entrevistas, porém, as problematizações produzidas instigam a extensão das críticas para outros processos de apagamento subjetivo.

Mais associações surgem após a releitura da seguinte fala: “[...] falo, aqui, de um psicanalista trans ou não binário que tenha sido admitido entre vocês. Se existe, permitam-me enviar a esse mutante, desde já, o mais caloroso dos cumprimentos” (Preciado, 2019, p. 12). Rememorando os caminhos do mestrado, lembro-me da dificuldade de encontrar contatos de analistas trans e não binários. Infelizmente, dos poucos contatos estabelecidos, nenhum foi possível de ser efetivado em tempo para a conclusão da pesquisa.

A pergunta que me ficou foi: quanto o campo psicanalítico comporta receber gêneros outros no lugar de analisantes, sim, mas também de analistas? Sabemos que o campo psicanalítico, em grande medida, recebeu analisantes de variados gêneros, porém, tendeu a não reconhecer suas configurações psíquicas como associadas à diversidade de gêneros, bem como atribuiu as diferentes modalizações psíquicas às nomenclaturas de psicose, autismo, perversão (Porchat, 2010). No caso dos analistas, o campo se estreita ainda mais, pois localizamos uma suposta normopatia necessária ao exercício clínico. Trazendo para uma leitura de Butler (2003), encontramos ecos e ressonâncias da heteronorma atuando com força nesses movimentos tanto em relação aos analisantes quanto aos analistas.

As pessoas trans (e outras expressões para o gênero como as não binárias e intersexo) ocuparam o lugar patológico reservado às homossexualidades nos séculos XIX e XX (Arán, 2006). Quando resgatamos as ideias de Laplanche (2015) sobre o gênero como tradução da relação assimétrica e enigmática do infante com os outros, ou de Porchat (2019) tratando o gênero como ficção, concluímos que as heterossexualidades e cisgeneridades são traduções/ficções produzidas como qualquer outra expressão de gênero. Assim, restringir psicanalistas reconhecidos por outros gêneros fomenta violências ancoradas em pressupostos falocêntricos e heteronormativos. Violências justificadas por explicações teóricas desprendidas de pressupostos tão caros à psicanálise como a imprevisibilidade de negociação pulsional e a plasticidade do inconsciente. Violências que replicam atos destrutivos e produzem precariedade nas aberturas de pessoas plurais habitarem espaços de inserção da psicanálise, pois são frequentemente marginalizadas, excluídas pela teoria e pela materialidade³⁵, dificultando seus acessos às formações.

Essas problematizações também se aplicam para as relações das mulheres e dos feminismos com a psicanálise. Graças às ondas do feminismo e suas constantes lutas e reivindicações, mudanças ocorreram na cultura e no saber psicanalítico. Sabemos que associar os feminismos à psicanálise “trata-se de ‘escutar’ as autoras em seu desconforto perante uma teoria que, por vezes, consideraram misógina. É esse desconforto que continua a estimular a aproximação entre a psicanálise e as teorias de gênero” (Fejgelman & Knudsen, 2014, p. 24). Os desconfortos possibilitaram mudanças de paradigmas, desnaturalizaram a primazia do homem e direcionaram escutas para temas até então emudecidos.

As questões trazidas pelos feminismos são amplas e dizem respeito a variados aspectos, desde o campo epistêmico até o campo dos direitos humanos. Assim, essas questões questionam os pressupostos hegemônicos do conhecimento moderno que se assentam na ontologia, cognoscência, lógica formal e nos correlatos da substância, do contínuo, da identidade, linearidade, binarismo. Esses pressupostos modernos hegemônicos possibilitam a atribuição de predicados ao denominado masculino como racional, pleno, lógico, e ao feminino como afetivo, descontínuo, vazio. A atribuição do vazio ao feminino acompanha a desqualificação daquelas pessoas que se reconhecem a partir dessa marca subjetiva e diz mais respeito à dificuldade do modelo hegemônico

³⁵Por exemplo: por treze anos consecutivos, o Brasil foi o país que possui os maiores números de assassinato de pessoas trans e travestis em todo o mundo. Além disso, essas pessoas são submetidas a trabalhos precarizados por conta de simplesmente viverem sua vida da forma que desejam (Pinheiro, 2022). Assim sendo, o acesso dessas pessoas à psicanálise tende a ser limitado por elementos dos campos econômico, social e político.

de conhecimento que não lida, ou lida pouco, com os pressupostos expurgados do conhecimento hegemônico moderno como a não contradição, o paradoxo, o indecível, o vazio, o descontínuo, o negativo, dentre outros (Haraway, 2009; Souza, 2011).

Ainda, é importante mencionarmos que as três grandes ondas do feminismo contribuíram para transformar a forma como assuntos relacionados às mulheres são trabalhados bem como revelam-se potentes por fazerem trabalhar pressupostos e práticas ancoradas em misoginias e violências contra as mulheres (Lago, 2010). Lemos entre as associações desta entrevistada como os desconfortos de uma mulher produzem perguntas de pesquisa socialmente significativas:

Joana: Mas tem me chamado bastante atenção a questão da violência doméstica e dos abusos sexuais na infância, violência física e psicológica, mas também esse viés mais sexual tem me chamado atenção, abandono, negligência. Uma das coisas que refletem nos relacionamentos e nas relações de muitas dessas mulheres na vida adulta e como dá para tentar elaborar um pouco isso, tentar ressignificar.

As associações de Joana apresentam temas como: a violência sexual contra mulheres; os preconceitos com as práticas sexuais femininas; a terceira idade feminina e a maternidade. Temas que, segundo ela, interessam “após começar uma relação com os movimentos e as teorias feministas”. Logo, “[...] há ocasiões em que a linguagem da identidade é importante e necessária para marcar um certo tipo de posição junto a outras pessoas” (Fejgelman & Knudsen, 2014, p. 2). Falar de gênero, nesse caso, remete a assuntos atrelados ao feminino e ao combate às relações de poder patriarcais; diferente dos psicanalistas gays que focam nos dilemas sobre suas sexualidades. Essas associações me mobilizam a pensar a importância de abordar temáticas como a violência sexual e do lugar da mulher na sociedade, sem fixar discussões somente numa “metapsicologia da mulher”, ou num “Complexo de Édipo Feminino”; temas característicos da obra freudiana e que ainda precisam ser debatidos, mas que quando trabalhados isoladamente se desprendem dos processos políticos e de cenas cotidianas.

Sublinho que a ideia, nesse marco, é trabalhar com as capturas históricas das ficções dos/das psicanalistas sobre o gênero e a sexualidade e operar sobre as expressões dessas ficções nas suas respectivas análises e práticas clínicas. A teoria freudiana sempre falou sobre homens e mulheres, o que não constituía um impeditivo, uma dificuldade ao trabalhar os pares: homem analista analisar

mulher ou a mulher analista analisar homem. Com outras e novas expressões sexuais e de gênero entre os acordos civilizatórios, esse assunto precisa ser expandido e tal matemática pode abranger gêneros incalculáveis. Quando assumimos os pressupostos da primazia da pulsão perante o objeto, da radicalidade do inconsciente e sua plasticidade perante a relação com os outros e a cultura, retiramos as máculas presentes na articulação desses conceitos e no campo do qual fazemos parte. Trago um recorte deste entrevistado para ilustrar como isso aparece numa prática clínica:

Ernesto: Então na minha construção inicial tinha muito cuidado em relação a isso que parecia que eu não podia falar. Então a minha análise, por longos anos, foi justamente sobre isso. Pensava: nossa, não posso ser quem eu realmente sou, inclusive na frente do meu paciente. Eu sempre vejo muito entrelaçado com essa minha ideia, com essa minha construção sobre quem sou eu como analista, e aí parece que essas questões de gênero começaram a aparecer mais.

As indagações de Ernesto são procedentes não necessariamente por ele conceber o que é uma “questão de gênero”, mas antes disso, pois ele, psicanalista, afirma que na sua própria análise começa a se escutar e a lidar com sua própria sexualidade e sua masculinidade e como isso possibilitou a ele se perguntar como escutar as histórias dos outros. Encontramos na literatura que, quando o assunto é dissidência de gênero e/ou sexual, uma parcela considerável de analistas localiza estruturas e enquadres diagnósticos para situar o outro e seu sofrimento, entendendo que a partir daí podem lidar com o trabalho clínico (Bulamah & Kupermann, 2016). Esse recorte nos faz problematizar como um analista que não faz sua própria análise também não consegue escutar o sofrimento do outro, pois tende a replicar práticas dilaceradoras e mortíferas. A heteronorma imprime suas forças no processo formativo singular de cada psicanalista, cabendo a cada um desconstruí-la a partir das potências da herança freudiana e dos efeitos de análises e supervisões.

O fato de psicanalistas que se identificam na sigla LGBTQIAP+ e mulheres aderirem com mais afinco às discussões de gênero, reforça o argumento de que uma parcela considerável de profissionais reconhecidos na norma não está muito disposta a lidar com suas próprias questões, ou nem mesmo tem ciência da necessidade disso, de se reconhecer como cis, hétero, ou qualquer definição semelhante. Aliás, vemos que as questões de gênero aparecem nas práticas clínicas, inclusive aparecem nas análises pessoais dos/das psicanalistas. Isso não garante que pessoas

reconhecidas nesses espectros do gênero não possam replicar discursos problemáticos, mas que por suas experiências singulares em um cenário coletivo tendem a problematizá-los com mais frequência e intensidade. A seguir, essa discussão é direcionada a como essas ficções também configuram transferências e contratransferências produzidas numa prática clínica.

4.2.1 Naturalidades da transferência e da contratransferência

A transferência e a contratransferência foram dois conceitos que me nortearam desde o início do projeto de pesquisa para pensar os atravessamentos da psicanálise com as questões de gênero. Expandindo as problematizações sobre as premissas que naturalizam os gêneros inteligíveis, o binarismo e a hierarquia no campo psicanalítico, surgiram entre as minhas associações perguntas de como essa naturalidade opera nas relações dos/das psicanalistas com seus/suas analisantes. Como opera a transferência com analistas que se reconhecem como pessoas gays? A pergunta também pode ser outra: como opera a transferência com analistas que se reconhecem como pessoas héteros? Desconsiderar questões de gênero na relação transferencial é possível quando trabalhamos sobre o prisma do gênero como tradução/ficção? Como isso pode ser manejado? Pareceram-me perguntas fundamentais de serem abordadas nas entrevistas, pois remetem diretamente às dinâmicas de uma prática clínica.

Penso a transferência como um movimento de repetição e atualização do infantil que acontece nas relações cotidianas do sujeito em diferentes situações, sendo o espaço analítico uma invenção para escutar, perlaborar e dar outros destinos para essas novas roupagens do infantil a partir de uma relação entre analista e analisante. Transferir é uma condição humana: “Por meio do processo de transferência o desejo se manifesta, revelando a característica mais notável do inconsciente: sua extrema mobilidade” (Baratto, 2010, p. 238). Transfere-se ao analista, mas também aos escritos, às pessoas e aos espaços que o sujeito entra em contato ao longo de sua vida. A grande revolução de Freud foi justamente escutar como as transferências produzidas pelo sujeito podem ser motor de uma teoria e um método de tratamento das neuroses de sua época.

Conforme constatamos ao longo das análises desta pesquisa, os sujeitos, sejam eles analistas ou analisantes, são invadidos e ocupados pela lógica heteronormativa e falocêntrica em torno do masculino e do feminino (Souza, 2011). Sendo a transferência uma produção que o sujeito faz a partir das: linguagens, relações com os outros, normas culturais; é coerente argumentarmos que esses elementos também compõem o espaço analítico e atravessam ambos os envolvidos na

relação transferencial. Pensando nas questões de gênero, nada impede que a relação analítica se torne uma propagadora de violências e opressões presentes nos acordos civilizatórios. Cabe então a cada analista, a partir da sua formação teórica, análise pessoal e supervisão clínica; dar conta de escutar e perlaborar esses conteúdos. Para mais, cabe a cada analista realizar análises de suas contratransferências, apropriar-se delas, para então propiciar um espaço de tratamento.

Quer dizer, entre os encontros de uma análise, é possível aparecerem atravessamentos e intromissões das normatividades presentes ao longo da história do analisante. O reconhecimento acerca dos deslocamentos, das condensações, das identificações e das projeções desse analisante fornece condições para que o analista possa diferenciar e trabalhar questões conforme o desejo e o circuito pulsional singular. O analisante tende a não ter pleno conhecimento sobre seus transbordamentos, sendo o manejo da transferência do analista junto das análises da sua contratransferência os motores que movimentam um processo analítico. Para ilustrar essas problematizações, aproprio-me de uma fala de Joaquim quando perguntado sobre como escuta a transferência articulada às questões de gênero em sua prática clínica:

Joaquim: Por exemplo, me vem aqui, conversando agora com essa pergunta, me vem à cabeça duas pacientes. Uma paciente que é uma a mulher transexual, que já veio para análise depois de ter feito uma cirurgia de redesignação sexual tal; e ela vem por questões emocionais e angústias que ela queria trabalhar. E é óbvio que isso tudo, essas questões até atravessam a análise dela. São assuntos que mobilizam sintomas, mobilizam fantasias e eu acho que tem que estar preparado para acolher e receber isso. Então esse é um exemplo. Um outro exemplo é de uma paciente que veio sem nenhuma questão explícita sobre gênero. Ela vem como uma mulher cis, uma mulher tomada por questões psíquicas muito intensas, que muitos poderiam chamar de que ela teve um transtorno borderline e tal, mas que ao longo da análise vai aparecendo toda uma questão de uma fluidez de gênero, a ponto de que atualmente ela se diz homem, mas sem uma pressão nenhuma no corpo. Digo sem intervenção cirúrgica, hormonal. É até interessante como que vai surgir na questão da linguagem, de ser chamada de homem ou de mulher, como que isso vai sendo construído na análise, de uma maneira em que ela vai dizendo às vezes, eu mesmo me refiro a mim como mulher, às vezes como homem e já teve momentos em que a gente discutiu sobre isso na sessão, sobre o que ela esperava de mim. Ou o que ele espera de mim com relação a isso.

De acordo com Laplanche (1992), a escuta do inconsciente só é possível quando há duas condições basilares: um espaço interno/externo ofertado pelo analista que possibilita o trabalho de análise e a capacidade de investimento transferencial por parte do analisante dentro desse espaço. Apreendemos com Joaquim que a escuta do inconsciente e o manejo da transferência dependem dos posicionamentos do analista perante os conteúdos que lhe são endereçados. Nos dois casos mencionados por ele, estão em foco posicionamentos perante as questões de gênero desdobradas em cada uma das análises. O psicanalista também precisa se abster do seu lugar de poder e saber para conseguir escutar o singular de cada sujeito marcado por questões político-sociais. Oferecem-se condições intra e intersíquicas para que os analisantes se escutem e se analisem, não sendo o psicanalista aquele que possui as diretrizes de como o outro perlabora os seus enigmas.

Saber que um psicanalista não é neutro no manejo da transferência possibilita que os ruídos da contratransferência sejam minimizados e apropriados em favor do andamento de uma análise (Ferenczi, 1933/1992). Nesse sentido, a sustentação da posição de analista passa também pelo questionamento do próprio profissional sobre como ele está sendo representado na transferência; além dos questionamentos sobre como ele se reconhece e se escuta em sua própria sexualidade. Como o espaço analítico está sendo ofertado para o analisante? Em que condições e por quem está sendo ofertado? Que intromissões do contexto social e político acontecem numa análise? Trago dois recortes das entrevistas para ampliar as problematizações dessas perguntas:

Ernesto: Tanto que esses dias eu estava conversando com uma amiga minha. Eu falei, nossa, minha clínica está mudando muito. Ela: por que? Eu falei, nossa, eu tô tendo muita procura de pessoas da sigla, porque antes não existia tanto. Eu falei, olha, será que está acontecendo, não é? Falei bom, eu acho que talvez seja o fato de eu estar um pouco mais tranquilo comigo e aí, com isso, eu pude estar tranquilo para receber e lidar com esse tipo de sofrimento. Talvez em algum momento, escutar esse sofrimento fosse difícil porque pegaria algo em mim que não estivesse tão tranquilo. Quando fico mais tranquilo, parece que você tem abertura psíquica para esse outro.

Vicente: Então eu fiquei pensando também nos pacientes que chegam, porque chegam esses pacientes e não outros, né? Sei lá. É porque que nunca me chegou uns bolsonaristas, por exemplo, eu acho que são esses detalhes, mas então bom, por que que chegam também

pedidos: é eu quero um analista homossexual, que parece meio pra quê, mas ao mesmo tempo eu entendo esse pedido né, eu acho que, bom, eu não vou responder desse lugar porque enfim, a gente não vai ter uma relação, no sentido amorosa. Quer dizer, transferência é amor, mas no sentido de passagem ao ato. Mas eu entendo quando vem esse pedido porque também tem isso de essas pessoas passarem por muitas violações em muitos espaços.

Lemos como as relações de Vicente e Ernesto com seus respectivos analisantes são possibilitadas pelas indagações de ambos os psicanalistas sobre si, os outros e a cultura; cada um ao seu estilo. Nessa linha de pensamento, como constatamos com Preciado (2019), se a heterossexualidade compulsória possui uma tendência a ser naturalizada na psicanálise, caracterizada historicamente por perlaborações precárias de seu estatuto, vale a cada psicanalista se perguntar quais naturalidades também são ofertadas na relação transferencial e os prejuízos em não perlaborar seus fantasmas. Por vezes, no encontro com o disruptivo, essas naturalidades são tratadas como verdades e transmutadas em efeitos contratransferenciais mortíferos. Assim, os ruídos contratransferenciais podem ser minimizados e se abrem vias para acompanhar as vicissitudes do inconsciente sem tentar padronizá-lo, encarcerá-lo.

Um último assunto que eu não estava buscando diretamente, e surgiu com as associações dos/das entrevistados/as, foram casos clínicos de adolescentes trazidos à baila em todas as entrevistas. Esses casos foram enunciados para ilustrar manejos e mudanças constatadas na cultura sobre as identidades de gênero e o exercício da sexualidade dos sujeitos. Particularmente, as minhas trajetórias estão destinadas em grande medida ao trabalho com adolescentes. Também tenho escutado pontos fundamentais de serem trabalhos a partir da adolescência. Apareceram indícios de que as gerações atuais estão lidando de outras formas com as questões de gênero, possivelmente por conta, dentre outros aspectos, da luta dos movimentos sociais, no caso, movimentos feministas, antirracistas e LGBTQIAP+. Essa é uma problematização a ser explorada em estudos futuros, mas que acredito ser relevante sua menção neste momento das análises.

Assim como acredito ser necessário um processo de desconstrução de pressupostos freudianos falocêntricos e heteronormativos, também acredito ser necessário a desnaturalização da neutralidade do psicanalista e sua relação transferencial com seu analisante. A prática clínica que se depara com o disruptivo somente pode produzir efeitos analíticos a partir do momento que acolhe as pluralidades e os destinos desconhecidos desse disruptivo, seja ele de si mesmo, seja dos

outros. Assumindo o gênero caracterizado por sua pluralidade e pela tradução singular do sujeito perante o excesso do outro na sua constituição psíquica (Laplanche, 2015), cabe a cada psicanalista fornecer condições de análise aos seus analisantes. Logo, cabe a cada analista lidar com aquilo que desconhece em si para suportar o que desconhece no outro. Após abordar as articulações da transferência com as questões de gênero, no próximo marco tornou-se crucial especificar como essa articulação acontece nos processos de transmissão e formação em psicanálise.

4.3 Apropriações do gênero: transmissão e formação

As relações dos/das entrevistados/as com as instituições de psicanálise e as universidades públicas brasileiras foram constantemente enunciadas no decorrer das entrevistas. Todos/as têm ou tiveram participação/formação com instituições de formação em psicanálise³⁶ e com universidades em programas de pós-graduação; três tendo exercido/exercendo a docência em universidades de suas respectivas regiões. As relações deles/as com esses espaços de formação foram elementos de diferentes críticas e defesas quando o gênero foi colocado em debate. Este marco afunila a discussão sobre a necessidade de mapear esses espaços em meio aos temas abordados na pesquisa. Concomitante, os pilares das transmissões psicanalíticas que extrapolam os espaços citados também surgiram como aspectos passíveis de problematização.

Falando da presença do gênero nas transmissões psicanalíticas, como os sons que acompanham as ondas de rádio, escolho esses dois espaços que precisam ser descritos separadamente para depois serem articulados numa relação dinâmica entre si: as instituições de formação em psicanálise e as universidades. Cada espaço de formação possui suas especificidades. Cada especificidade é efeito de produções internas que possibilitam a existência e a demarcação dos espaços em relação a outros. Entretanto, sabemos o quanto é problemático fechá-los à diferença. No momento que conteúdos produzidos em cada espaço se cruzam, as suas transmissões podem variar de sons harmônicos até interferências, ruídos ou panes gerais. São os movimentos de confluência e choque sonoro que precisamos nos atentar.

A formação em psicanálise se difere das hegemônicas modulações de ensino. Uma das suas principais características é que essa formação é forjada a partir de duas modulações. Uma acontece

³⁶Utilizo o termo “instituições de formação em psicanálise” por preferência pessoal. Outros termos podem ser encontrados para falar sobre esses espaços de transmissão e formação, como: sociedades, associações, escolas, entre outros.

a partir de apreensões conscientes/pré-conscientes das teorias e dos métodos produzidos ao longo da história psicanalítica. Outra acontece a partir das apreensões inconscientes manifestadas nas e pelas múltiplas transferências que o sujeito estabelece ao longo da sua história singular. Ou seja, é uma transmissão efetuada nos estudos teóricos, nas supervisões e nas análises pessoais; que oportuniza a criação de um estilo conforme a singularidade de cada psicanalista. Essa modulação inconsciente fornece condições para que o enquadre interior do psicanalista seja construído e o movimento conforme as direções do método psicanalítico (Green & Urribarri, 2019).

O termo transmissão é empregado justamente porque remete a uma fórmula para além da formação e do ensino consciente/pré-consciente. Conforme Renata Udler Cromberg (2017, p. 7), o estilo singular de cada psicanalista é transmitido como algo que está sempre a se fazer, conduzido pelo desejo: “Ao transmitir um estilo, o analista transmite a sua singular relação com a psicanálise e também os modos pelos quais, intra e intersubjetivamente, regula a tensão entre prazer e gozo, fantasia e realidade, pulsão e desejo [...]”. É preciso que o psicanalista em formação seja afetado por essas transmissões e possa criar sua própria estilística singular. Portanto, para que os pressupostos da psicanálise fossem preservados e suas transmissões fossem endereçadas, foram criadas as instituições de formação em psicanálise.

Essas instituições estão presentes desde a invenção da psicanálise para formar e orientar psicanalistas. Uma das primeiras foi a Sociedade Psicanalítica de Viena, criada por Freud em 1908. São espaços formativos alheios às universidades que majoritariamente fundamentam as atividades dos seus psicanalistas em formação no tripé: ensino teórico, análise didática e supervisão clínica com psicanalistas mais experientes. Podemos encontrar instituições psicanalíticas presentes em países espalhados pelo globo. A Associação Internacional de Psicanálise (IPA) é um forte exemplo. Além disso, cada instituição tende a alinhar seus trabalhos a determinadas referências (Laplanche, Lacan, Klein, Winnicott, Green, entre outras) e escolas de formação (francesas, inglesas, americanas, entre outras) (Rocha, 2000).

Quando paramos para pensar sobre as questões de gênero, algumas referências citadas nesta dissertação nos apontam dogmatismos incrustados entre instituições [inter]nacionais. Referências como Ambra (2016), Bulamah (2014), Maya (2007), Preciado (2019), entre outras, problematizam as formas como as homossexualidades, bissexuais, as pessoas trans, não-binárias, intersexo, entre outras, foram tratadas nesses espaços. Concordo com Cromberg (2017, p. 7) quando ela afirma que

mesmo as instituições sendo espaços fundamentais para a existência e a transmissão da psicanálise, existem nelas restos que ainda precisam ser trabalhados:

Não é tão simples se livrar da parte que não queremos das heranças. Sabemos que isso diz respeito ao supereu e toda dialética narcísica, e sabemos o quanto o supereu atormentou Freud pelo tamanho de sua importância para o bem e para o mal. O que leva ao paradoxo das instituições psicanalíticas: organizadas em grupálicas de formação, pesquisa, produção escrita e oral, atendendo demandas variadas e mutantes da saúde mental na cidade, mas considerando fantasmas grupais ou da comunidade psicanalítica.

As instituições de formação em psicanálise prezam mais pelo exercício do tripé psicanalítico do que um diploma necessariamente dito, desde o início prezando pela transmissão da herança freudiana e pela abertura ao singular. São os espaços que oportunizam a formação de um psicanalista, conectando pares que trabalham num mesmo sentido. Entretanto, como nos aponta Cromberg (2017), a mesma coletividade que possibilitou a manutenção dos pressupostos freudianos, para preservá-los com o passar das décadas e dos séculos, é a mesma coletividade que por vezes impossibilitou a elasticidade das teorias e dos métodos. O que a autora traduziu como “supereu para o bem e para o mau”, remete aos contornos da herança freudiana adquiridos após a morte de seu inventor, que a diferenciou de outros saberes, mas também tendeu a engessá-la em seus próprios domínios.

Uma ideia semelhante a essa é a de “Excesso de Transferência”, postulada por Waldir Beividas (1999), quando desdobra como determinadas pesquisas em psicanálise, produzidas no Brasil, perdem potência pelos excessos transferenciais com autores fundadores, desembocando na precariedade de novas composições e no dogmatismo teórico e empírico. Conforme esse autor, houve uma tendência no campo psicanalítico a reprodução de ideias tecidas por autores fundadores como Freud e Lacan, mas que fundam trabalhos a partir de uma leitura do inconsciente sob eles, ao invés de ser uma leitura do inconsciente com eles. O caráter excessivamente transferencial das pesquisas e dos trabalhos citados pelo autor sinalizam o quanto o campo psicanalítico se fechou para verdades proferidas por referências passadas, com revisões precárias de pressupostos em nome dos portadores da verdade sobre o inconsciente. Nessa linha de pensamento, é fundamental

mantermos esses autores como um norte, mas também é preciso fazer suas ideias trabalharem segundo os problemas que encontramos na atualidade, afinal, o inconsciente transborda a razão.

Outra problematização associada às instituições psicanalíticas que surgiu foi as relações da universidade com a psicanálise brasileira. No Brasil, a psicanálise é introduzida na universidade em meados de 1950. Entretanto, é possível encontrarmos relações não formais entre ela e a universidade próximas do início do século XX, a partir de trabalhos psiquiátricos em escolas médicas. Com o passar das décadas, houve a fundação de instituições psicanalíticas e a expansão do campo psicanalítico brasileiro. Foi em meados dos anos 2000 que a presença de psicanalistas nas universidades se alavancou fortemente, tanto nas graduações quanto nas pós-graduações. Nesse período, também houve um aumento de produção acadêmica advindo da presença de psicanalistas nos programas de doutorado (Oliveira, 2002).

Ao longo do século XX, no Brasil e no mundo, psicanalistas foram instigados a se abrir e a dialogar com outros saberes, o que produziu uma série de possibilidades inexploradas, mas também acarretou questionamentos sobre os seus lugares nos espaços universitários. A nomeação de um docente-psicanalista e trabalhos acadêmicos geraram aversões por uma parcela de instituições formadoras de psicanalistas, que reprovaram a transmissão da psicanálise nas universidades brasileiras. Uma das principais justificativas se ancorava nas formulações lacanianas referentes ao discurso universitário e sua incompatibilidade com o saber psicanalítico. A universidade engessaria as transmissões e impossibilitaria a estilística singular (Coutinho et al., 2013).

Dessa maneira, as críticas de uma parcela de psicanalistas próximos das instituições brasileiras se prenderam a uma ideia de que o papel das universidades no processo de revisão e expansão dos pressupostos freudianos seria incompatível com a função das transmissões e instituições psicanalíticas. Esses posicionamentos sobre a diferenciação entre os dois espaços também foram justificados pelo escrito “Deve-se ensinar a Psicanálise nas universidades?”, em que Freud (1919/2010, p. 285) argumentou o seguinte:

No tocante à psicanálise, sua inclusão no currículo acadêmico seria motivo de satisfação para um psicanalista, mas, ao mesmo tempo, é evidente que ele pode prescindir da universidade, sem prejuízo para sua formação. Pois o que ele necessita teoricamente pode ser obtido na literatura especializada e aprofundado nas reuniões científicas das sociedades psicanalíticas, assim como na troca de ideias com os membros mais experientes. Quanto à

experiência prática, além do que aprende na análise pessoal ele a adquire ao tratar pacientes, sob aconselhamento e supervisão de colegas já reconhecidos.

É fundamental contextualizarmos essa fala, pois ela é correspondente a uma época em que Freud era excluído e criticado intensamente pelos médicos e pelos pesquisadores devido às suas ideias subversivas sobre a sexualidade infantil. Por isso, era comum ele assumir posicionamentos de confronto em suas conferências para demarcar seu lugar no debate acadêmico vigente. O autor deixou nítida a diferenciação necessária entre os dois contextos supracitados. Ainda assim, levantou a possibilidade de inserção da psicanálise em espaços universitários: “quanto às universidades, a questão depende de elas decidirem se estão dispostas a atribuir algum valor à psicanálise na formação de médicos e cientistas” (p. 285). Não houve, por parte do autor, uma exclusão total da possibilidade de a psicanálise ser introduzida na universidade.

Atualmente, constatamos que acadêmicos se apropriam de conceitos psicanalíticos para pensar questões fundamentais do humano e da cultura, e que a herança freudiana também é transmutada pelas apropriações acadêmicas sem perder suas forças. As pesquisas e os trabalhos em psicanálise nas universidades brasileiras extrapolam os cursos de Psicologia e de Medicina, talvez os dois cursos mais clássicos em se apropriarem da herança freudiana. A psicanálise está presente em outras áreas do conhecimento, como Educação, Direito, Saúde Pública e Coletiva, Sociologia, Filosofia, Letras, entre outras. Esses múltiplos campos do conhecimento se entrelaçam com sua transmissão, pensando em outros estatutos para sua existência. Por mais que ainda exista uma certa resistência em determinadas opiniões, a universidade se faz indispensável para a existência da psicanálise brasileira (Birman, 2016).

No caso desta pesquisa, após meu contato com os grupos de orientação e as disciplinas no mestrado, a leitura de Ambra (2016) sobre os posicionamentos próximos da universidade em trabalhar o gênero e a escuta das minhas experiências durante a organização das entrevistas, considero a universidade um espaço ímpar para poder pensar e falar sobre as questões de gênero na Psicanálise. Os ensinamentos, as pesquisas e os diálogos são constantemente tensionados por múltiplas perspectivas teóricas. Talvez trabalhos como este não seriam forjados em outros [con]textos sem as composições características dos espaços universitários. Demarcar as particularidades dos espaços universitários não significa desqualificar o trabalho das instituições, e vice-versa, mas

auxilia a escuta e o mapeamento dos trabalhos produzidos em cada espaço. Lemos, na fala de uma das entrevistadas, ideias que contribuem para essa problematização:

Anna: Então eu quis também voltar à universidade para pensar a sexualidade na psicanálise, para me interrogar, até porque eu comecei a ler algumas coisas do discurso de gênero e eu via críticas à psicanálise. E eu quis também pensar, pô, será que a psicanálise dá conta disso que a gente vive hoje em termos de sexualidade? Será que essa análise é ultrapassada? Enfim, então foi uma oportunidade de eu voltar, de eu ler, ler esses textos e ler também autores que discutiam com a psicanálise e faziam críticas.

A psicanalista comenta que, em experiências anteriores com a universidade, ela conseguiu entrar em contato com outras disciplinas e referências relacionadas aos feminismos e estudos de gêneros, principalmente após traçar um percurso em instituições psicanalíticas. Porchat (2018), como já mencionado nos capítulos teóricos, historiciza o trabalho de psicanalistas com o gênero, relatando como essa discussão demorou a chegar aos psicanalistas brasileiros, com avanços significativos apenas após o seu doutorado, por volta de 2010, tempo que se aproxima do relato de Anna sobre sua própria experiência com a temática. Assim, o espaço universitário se apresentou como fundamental para que ambas as psicanalistas mencionadas neste parágrafo pudessem expandir seus horizontes e transpô-los, levando-as a discutir essas questões em outros espaços.

Lemos no discurso de Anna como as críticas criadas pelos estudos de gênero e pelos feminismos a movimentaram, a tensionando para procurar novas referências, para rever e sustentar os pressupostos que a embasaram por anos de estudo e prática clínica. Assim como as indagações da entrevistada partiram também dos encontros com analisantes que narravam as questões sobre a sexualidade de uma maneira mais fluida e menos condizente com a normatividade. Constatamos, então, ondas que vibravam naquela época e despertaram o desejo dessa psicanalista sobre as questões de gênero, contribuindo para ampliar suas concepções sobre a escuta clínica, sobre seu cotidiano confrontado pela pluralidade. É, portanto, uma ilustração de como teoria e prática estão imbricados no mesmo fluxo de transmissão.

Outra problematização que me surge com as entrevistas, diz respeito a como as questões de gênero associadas à psicanálise não aparecem nos primeiros tempos de formação, seja nas instituições, seja nos cursos de graduação nas universidades. Mesmo os/as psicanalistas sendo de

diferentes idades e tempos de formação; e devido ao critério da pesquisa de convidar profissionais com mais de cinco anos de atuação; defrontamo-nos com a atualidade e incipiência dessas discussões nos espaços de inserção da herança freudiana. Foi comum escutar que eles/elas se depararam com debates sobre o gênero apenas após suas formações iniciais. Os contatos deles/delas com a temática foram possíveis a partir de encontros com textos, colegas de profissão e/ou conferências que os/as convocaram a pensar por outras vias. Trago três recortes para exemplificar essa característica dos espaços de inserção da psicanálise:

Ernesto: Acho que quando eu estava na graduação, não que não existisse esse tipo de discussão, mas era muito menos, é uma coisa muito mais atual. Eu acho que sei lá, de 2015 para cá, foi depois que eu me formei, que eu me lembro de ter muita mais movimentação em relação a discutir gênero na psicanálise, comparado ao que era antes. Tanto que começou quando começaram a ter essas discussões, eu falava: muito novas essas questões, muitos novos estudiosos aparecendo. Por que isso? Eu tentava explicar isso indo lá no Freud mesmo, no Complexo de Édipo, no pai, na mãe, no filho. Uma coisa muito simplista.

Joana: Fico me questionando um pouco sobre isso, do quanto a nossa formação passa por esses autores que têm uma visão mais falocêntrica e que isso interfere, eu acho também, na forma como a gente entende a subjetividade, o psiquismo.

Vicente: Na minha formação, em alguns momentos, teve momentos mais difíceis, de conversas mais difíceis, de diálogos mais difíceis, por exemplo: a gente volta, estuda textos clássicos o tempo todo e toma muitas vezes como a palavra divina. Então sei lá, pra discutir gênero, vamos trabalhar Freud na diferença anatômica do sexo, que por não faz muito sentido isso hoje. Sim, faz sentido historicamente, mas não faz sentido querer defender uma ideia a partir de um texto, talvez não é isso que eu entendo.

Psicanalistas trabalham com o gênero na psicanálise aproximadamente desde a década de 1960 com Stoller (1968), por exemplo. Considerando que essa temática é tratada no campo psicanalítico de forma incipiente quando comparada à sua história no Brasil, fica nítido como tanto elementos sociais quanto elementos contratransferenciais travaram, recalcam esse tema. Quando

um dos pilares de transmissão e formação em psicanálise é o estudo teórico, vale problematizar quais referências estamos entrando em contato nas formações em psicanálise, em cursos de graduação e pós-graduação, justamente para ampliar as vias de acesso para outras interpretações sobre o sexo, o gênero e a sexualidade. A ideia é parar de reproduzir mais do mesmo e se apropriar de escritos que conversem com as problemáticas que nos são impostas, para assim forjar uma prática clínica singular distante de conceber discursos discriminatórios.

As referências apropriadas nesta dissertação são exemplos para podermos pensar por outras vias, bem como indicam que o próprio Freud pode ser lido em seu caráter mais desnaturado em determinados momentos. As discussões sobre o gênero na psicanálise podem ser ampliadas e o resgate dos textos freudianos podem passar por um crivo histórico, trabalhados conforme os problemas impostos à psicanálise contemporânea. Assim, torna-se possível produzir [re]leituras potentes e tensionar ideias que atualmente são problemáticas, assumindo essa herança de forma social e politicamente implicada. A ideia é nos distanciarmos de saberes isolados, a-históricos e universalizantes sobre a extrema plasticidade e imprevisibilidade humana.

Constatamos como a inserção dos/as entrevistados/as em instituições formadoras e graduações contribuíram para seus percursos singulares, pois são espaços de extrema potência para a construção de um estilo singular e de uma prática clínica; assim como foi no meu percurso até chegar no mestrado. O ponto está em problematizar como o gênero foi (ou não foi) introduzido nesses espaços, bem como essa categoria analítica pode aparecer nas instituições, nas supervisões, nos cursos de graduação e pós-graduação. A partir dos escritos que encontramos nesta pesquisa, essa introdução se transforma em algo possível e necessário, dadas as emergências desses assuntos nas clínicas, nas pautas sociais e nas organizações coletivas.

A abertura às novas categorias analíticas para além de modelos e estruturas definidas auxiliaram na ampliação de horizontes. Conforme os/as entrevistados/as, começamos a ter cursos nas universidades e nas instituições de formação em psicanálise que recorrem à categoria analítica de gênero, bem como às referências que a operam para além de prescrições patologizantes. Mesmo com resistências, as portas estão se abrindo, e uma parcela de psicanalistas passa a se dar conta disso. Aproveitando a discussão sobre a ampliação de horizontes nos temas e nas transmissões, acredito ser válido também ampliarmos, mesmo que de forma furtiva, como problematizar o trabalho com o gênero implica problematizar a presença de outras categorias analíticas nos discursos e nas práticas clínicas. Segue nos próximos parágrafos mais ideias sobre isso.

4.3.1 *Interseccionalidades entre inconsciente, gênero, raça, classe e...*

Inconsciente, gênero, raça, classe e...³⁷ são categorias analíticas impossíveis de serem separadas rigidamente. Em diversos momentos das entrevistas os discursos deslizam do gênero nas formações para pautas raciais e classistas, deslizos que considero legítimos e relevantes de serem trabalhados, mesmo que a temática central fosse outra. Falar das instituições e das universidades também se articulou a outras categorias analíticas. A interseccionalidade se apresenta como ideia crucial para conseguirmos escutar e intervir sobre a complexidade humana. O descentramento de conceitos e de disciplinas fornece outras e novas composições, aponta para os perigos de trabalhar com teorias isoladas e amplia as vertentes prático-teóricas com a categoria analítica escolhida como foco de investigação.

A ideia de interseccionalidade remete às relações de poder dinâmicas e interdependentes entre gênero, raça, classe e quaisquer outras categorias analíticas. O termo foi empregado pela primeira vez por Kimberlé Crenshaw, mulher negra, jurista e pesquisadora feminista, que estudou sobretudo sobre as questões de raça e gênero. Ela produziu isso a partir da constatação de diferenças no tratamento entre mulheres brancas e mulheres negras. Ela constatou que estudar apenas a categoria de gênero sobre as relações opressivas contra mulheres não seria suficiente para explicar determinadas violências sofridas por mulheres negras. Nesse caso, gênero e raça estariam imbricados. Tal ideia contraria a lógica hegemônica de pensamento moderno sobre as produções de conhecimento que trabalham as categorias analíticas separadas e independentes, quando, na verdade, são categorias estreitas e inseparáveis (Canavez, 2020).

A interseccionalidade é comumente apropriada por estudos das Ciências Sociais, mas pode apontar considerações potentes para o campo psicanalítico. Conforme aponta Ayouch (2019, p. 183), “a prática psicanalítica não escapa a essas intersecções de gênero, cultura, raça e classe, embora ela não faça parte de um processo de comunicação e troca habitual”. Essas categorias analíticas fundam as relações de poder binárias e hierárquicas presentes em culturas ocidentalizadas. Pensando uma psicanálise atenta aos elementos históricos, políticos e sociais que lhe atravessam, é fundamental localizar os efeitos das interações entre inconsciente, gênero, raça e

³⁷“E...” é uma expressão apropriada das obras de Gilles Deleuze (2006). O termo “e” seguido de reticências remete a multiplicidade de elementos descritos, sem precisar limitá-los.

classe nas práticas clínicas, mesmo que os pressupostos psicanalíticos estejam voltados para o psiquismo de cada sujeito.

Na concepção de Fernanda Canavez (2020), o psicanalista tem como trabalho fazer o sujeito interrogar, simultaneamente, tanto a si quanto a realidade que o cerca. Nessa linha de pensamento da autora, a prática fechada apenas no sujeito e distante das questões interseccionais das sociedades “Não guardaria então a clínica o risco de se encerrar em uma visada totalitária, que poder ser chamada, a partir de Derrida, de tirania do Um?” (p. 93). A discussão sobre inconsciente, gênero, raça e classe articulada na clínica psicanalítica pode então criar formas de crítica e combate às opressões sofridas pelos sujeitos; opressões essas que operam a partir da capilaridade dos seus efeitos para além de uma única expressão. Uma prática clínica fechada e pautada em pressupostos falocêntricos e heteronormativos arrisca reiterar com força os processos de disciplina e controle impostos pela lógica neoliberal, colonial e eurocêntrica.

Para exemplificar a discussão e articulá-la com as problemáticas trabalhadas nesta dissertação, recorro uma associação escutada entre as entrevistas que partiu da temática de gênero para a de raça e de classe:

Joana: Algumas instituições psicanalíticas estão começando a pensar em cotas para negros. Vai fazer a formação, mas tipo, começando a pensar. Até que em um evento alguém falou bom, mas acho que já não precisa mais discutir, precisa fazer essa inserção. Nós temos, por exemplo, um psicanalista que é negro, que é o Inácio Paim, que a gente tem falado um pouco mais desses temas. Mas aí está assistindo eventos sobre racismo, sobre a própria questão da clínica e da teoria psicanalítica com psicanalistas brancos falando, falando de coisas que não que a gente não vivencia, e não vivenciou e não vai conseguir vivenciar. Pode estudar e tentar entender, enfim, mas a gente não sabe o que é na prática. [...] Então acho que a psicanálise está meia atrasada nesse sentido, pelo menos na questão do racismo. Fui saber faz pouco tempo que na história do Brasil temos psicanalistas pretas que foram superimportantes e que eu nunca tinha ouvido falar na minha graduação ou mesmo depois.

A pesquisa é sobre gênero, porém, pensamos o que o exemplo do negro e do racismo podem ilustrar. Essa fala da analista diz ter coisas que a gente (analistas brancos) não vivencia sobre o negro e não vai conseguir vivenciar, como se isso fosse dificultar lidar, na prática clínica, com a

negritude. Pensar categorias analíticas como a de raça é algo indispensável para uma prática clínica. Entretanto, parece-me que aqui a questão é outra, tanto em relação ao gênero, quanto em relação à negritude: “O fato de buscar a defesa de uma clínica que não reproduza quaisquer formas de opressão não nos livra, em absoluto, do risco de reproduzi-las” (Canavez, 2020, p. 94). O que precisa ser evidenciado é o tensionamento que a clínica produz e as associações do analisante, de modo a poder escutar e intervir sobre as manifestações singulares e universais que encontramos em contato no outro e em nós mesmos. O fato de não experienciar afetos e situações que uma pessoa negra experiencia não pode ensurdecer a escuta do inconsciente. Precisamos nos atentar às opressões justamente para poder manejá-las na transferência e perlaborá-las na contratransferência.

Para ilustrar as proposições descritas no parágrafo anterior, aproprio-me do escrito de Robenilson Barreto e Ceccarelli (2018) sobre o preconceito racial explicado à luz da psicanálise. Os autores apontam que, no Brasil, os efeitos da escravidão são recalcados e produzem sintomas singulares e coletivos. Em outras palavras, a constituição da pessoa negra é regida por uma dinâmica sistemática de discriminação devido à cor de pele. Essa dinâmica produz identificações nas quais elas tendem a possuir dificuldade de reconhecimento perante os acordos civilizatórios predominantemente regidos pela branquitude. Assim, a pessoa negra é tratada como avessa aos elementos culturais significativamente valorizados, desde o tratamento da vida cotidiana até produções artísticas e midiáticas. Tendem, dessa forma, a questionar questões do seu corpo e de suas ações por serem socialmente desvalorizadas. Esse é um exemplo de como o aspecto coletivo vivenciado por essas pessoas atua nas suas vidas psíquicas, cabendo ao psicanalista escutar e reconhecer esse processo em sua prática clínica, para além de ideais identitários maciços.

A mesma lógica se aplica às outras categorias analíticas como a de classe, mas uma lógica a ser especificada conforme as particularidades de cada caso e cada categoria enfatizada num estudo. Aproprio-me da fala de um entrevistado para desdobrar as vicissitudes da classe social e sua presença junto de outros elementos numa prática clínica:

Vicente: Bom, a maioria dos pacientes são brancos, há pacientes negros, mas na maioria dos brancos, a maioria ou está na graduação ou está em vias de, e às vezes se formou, enfim, mas tem uma circulação muito da Universidade Federal. Então tem também o modo de pensar, o modo de mais ou menos a mesma faixa etária assim com variações num grupo

mais amplo, então são pessoas que também trazem as questões, por exemplo, de gênero de um jeito muito mais fluido do que sei lá uma idosa de sessenta anos que vem com uma coisa muito mais impregnada de lugar da mulher, o lugar do homem.

O processo de produção de classes transborda o sujeito e “está diretamente ligado, de um lado, à experiência de exploração, repressão, carestia, desigualdade e, de outro, à solidariedade, partilha e comunidade” (Munhoz, 1997, p. 158). Quando Vicente começa a reconhecer questões de gênero, raça e classe presentes no seu consultório predominantemente habitado por pessoas brancas com condições materiais de realizar uma graduação e habitar seu consultório, começa também a obter ciência das equações que compõem sua clínica. Ele escuta elementos culturais que também o marcam enquanto sujeito. O ponto não é defender uma escuta da consciência/pré-consciência do sujeito perante essas questões interseccionais que geram sofrimento e demandam acolhimento, mas é principalmente ampliar a escuta de como os inconscientes dos analisantes são produzidos, além de onde e em que condições materiais são produzidas.

Atualmente, há cursos nas universidades e nas instituições de formação em psicanálise que recorrem a psicanalistas e outras referências estrangeiras que operam a partir do prisma das interseccionalidades. As referências apropriadas em toda a dissertação são exemplos disso. Poderiam ser produzidas dissertações específicas sobre cada categoria analítica citada neste marco, bem como outras, voltadas às pessoas com deficiência, por exemplo. Entretanto, acredito ser fundamental demarcar discussões que envolvam as interdependências de categorias analíticas como inconsciente, gênero, raça e classe. Acredito que expandir os horizontes sobre essa discussão possibilita a prospecção de outras e novas amarrações que considerem a complexidade imposta a prática clínica, de modo a descentrá-la de capituladas conceituais.

Sublinho que este subtópico foi pensado para demarcar a relevância de estendermos as discussões de uma categoria analítica para outra. Sabemos, após um percurso teórico e analítico, que pensar de forma isolada limita a compreensão de uma categoria conceitual e instrumental, como o gênero. Uma perspectiva interseccional das análises das entrevistas foi possível, mesmo que furtivamente, para assim abrir mais portas sobre como pensar o gênero e a psicanálise. Poderiam ser produzidas pesquisas específicas sobre cada categoria mencionada e outras mais. No entanto, esta pesquisa possui um limite, e acreditamos ser válido trazer essas discussões à tona com o objetivo de gerar novas possibilidades de pesquisa, escrita e publicação num futuro próximo.

5. Considerações Finais

Despojou-nos de muitas coisas que amávamos, e revelou a fragilidade de
tantas outras que acreditávamos sólidas.
(Sigmund Freud, 1916/2010, p. 188).

Finalizo esta dissertação inspirado em Michel Foucault (2006) e suas problematizações. Uma das principais características da problematização foucaultiana é a historicização dos temas abordados. Isso fica nítido quando esse autor argumenta, em seus escritos, que a loucura nem sempre foi considerada uma doença mental e tratada da mesma forma, assim como argumenta que as estratégias de punição nem sempre passaram pelo encarceramento numa prisão. Para ele, problematizar significa interrogar questões presentes de acordo com posicionamentos críticos, considerando que as experiências e as verdades da humanidade estão localizadas historicamente. Em outras palavras, os conteúdos nos quais nos debruçamos não são tão dados quanto parecem, são mutáveis, estão em movimento, as verdades não são universais.

Somado à ideia de problematização, inspiro-me numa das falas de Vicente, um psicanalista entrevistado nesta pesquisa, sobre a obviedade: “Eu acho que vou começar, eu ia dizer óbvio, mas eu não sei se é óbvio, não sei se é tão óbvio assim”. Essa fala de Vicente é enunciada quando perguntado sobre como ele relaciona os termos gênero e psicanálise na mesma sentença. O reconhecimento da minha pergunta, e de que algumas ideias não são tão óbvias quanto parecem, permitiu que ele pudesse reformular as respostas, oportunizou direcionar seu discurso para algo que até então poderia não ter sido explorado. O óbvio por vezes pode ser confundido com o empobrecimento de ideias, discursos e apreensões. As obviedades numa pesquisa em psicanálise não podem ser naturalizadas, as invenções freudianas nos denunciam isso.

Partindo das concepções e experiências enunciadas por psicanalistas, sustentei uma pesquisa qualitativa fundamentada em uma psicanálise transmatricial preocupada com situações clínicas, políticas e sociais da atualidade. Com o desembolar dos impasses advindos durante a pesquisa, ficou nítido que trabalhar entre as fronteiras da psicanálise com o gênero era algo desafiador, passível de críticas constantes e de uma extrema exigência conceitual. A psicanálise pretendeu, desde a sua invenção, ocupar um lugar de saber e poder sobre o sexo, a sexualidade, o gênero; e problematizar o lugar ocupado hoje e que percursos podemos tomar a partir dele é

complexo. Contudo, é um trabalho coerente com o método psicanalítico, indispensável para a manutenção de sua existência e para a produção de saberes socialmente significativos.

Entre as articulações das ideias contidas nesta dissertação, procurei desnaturalizar a obviedade de determinados pressupostos psicanalíticos, bem como de discursos que balizam as formações de psicanalistas e suas práticas clínicas, a partir das seguintes perguntas de pesquisa: como as questões de gênero são concebidas no campo psicanalítico brasileiro? Quais são as ressonâncias dessas concepções numa prática clínica fundada na psicanálise? As desnaturalizações foram possíveis graças ao percurso de mestrado e ao contato com referências que assumem o gênero na psicanálise, assim como graças aos bons encontros com cinco psicanalistas que, de uma maneira geral, dispuseram-se a [re]pensar o óbvio. Diferentes posicionamentos puderam nos apontar saídas para dilemas envolvendo as questões de gênero da atualidade. No campo psicanalítico, a transformação de paradigmas relacionadas ao gênero é possível no momento que problematizamos como essa temática nem sempre foi concebida da mesma forma.

A escuta dos barulhos que as ruas e os movimentos sociais produzem podem promover ideias a respeito de elementos singulares e coletivos que circulam os campos psicanalíticos, de mudanças e/ou resistências, sobretudo após determinadas críticas e contribuições de outras disciplinas à psicanálise; e dos tensionamentos que a psicanálise também cria no momento que estabelece diálogo com essas disciplinas. Constatamos pelos referenciais apropriados e pelos discursos dos/das psicanalistas entrevistados/as que o debate na própria psicanálise sobre a categoria analítica de gênero nem sempre é fluido. Ao problematizar a história do movimento psicanalítico, também encontramos uma série de violências e discriminações sustentadas em pressupostos teóricos recheados de contratransferências. Assim, a aproximação de referenciais que legitimam o gênero e o articulam ao inconsciente torna-se necessária para acolhermos as demandas que surgem na clínica e na cultura.

Constatamos ao longo das análises que as práticas clínicas dos/as psicanalistas implicam manejos das questões de gênero, tanto suas quanto de seus analisantes. Por mais que o trabalho de um psicanalista não se fixe em aspectos identitários maciços, escutamos como algumas traduções/ficções demandam perlaboração, pois do mesmo modo que podem possibilitar o início de um trabalho, podem entrevá-lo. O ponto está justamente em sustentar escutas e intervenções que considerem o singular, o inconsciente e sua plasticidade, mas que também mapeiem causas identitárias, como as feministas e LGBTQIAP+, para diferenciá-las quando agregam às lutas

políticas e quando engessam discursos e convicções. Afinal, essas traduções/ficções estão presentes e não podemos banalizá-las arriscando replicar um discurso semelhante à direita fascista brasileira de mortificação da diferença, arauta falaciosa da moral sexual, da família tradicional e dos bons costumes.

Foi defendido que a prática clínica não se resume ao consultório particular, presencial ou online, e que as questões impostas neste estudo precisam ser pensadas e localizadas em outros espaços — saúde pública, assistência social, trabalhos com coletivos num geral. Planejei ampliar a noção de como o gênero e suas pluralidades tensionam uma prática clínica, além de contribuir para o trabalho cotidiano de diferentes profissionais que se aproximam da psicanálise, independentemente de perspectiva teórica e/ou geração de formação. Mudar como concebemos nossos pressupostos implica mudar como os articulamos na materialidade e vice-versa. Para isso, precisamos operar nos planos teórico e empírico, subjetivo e coletivo.

A proposta foi instigar a forja de outras e novas formas de escutar, atender e acolher, mas com aberturas para a invenção singular de cada leitor. Escutar psicanalistas a respeito do conceito de gênero também pôde, em certa medida, acrescentar às propostas atuais de transmissão e formação em psicanálise. Constatamos um avanço em discutir sobre gênero nas instituições de formação em psicanálise e nas universidades brasileiras, principalmente quando resgatamos e comparamos às discussões do século passado e da primeira década do século XXI. Ainda assim, sublinhamos como essa categoria analítica precisa ser mais explorada nesses espaços por discentes, docentes e supervisores, pois sua existência está totalmente relacionada aos dilemas atuais nos quais a psicanálise se propõe a intervir.

Da mesma maneira que as clínicas acolhem pessoas cada vez mais plurais, trabalhemos para que os estudantes e os psicanalistas também sejam; e que essa pluralidade seja ampliada para outras questões, como as de raça e classe. Ao longo desta dissertação, constatamos o quanto é prejudicial uma normopatia clínica; ela reflete as imposições heteronormativas e falocêntricas historicamente impostas aos sujeitos ocidentalizados. A psicanálise possui plenas condições de acolher as pluralidades, sendo coerente com sua proposta disruptiva de escutar e legitimar elementos dissidentes de imposições morais. Assim como constatamos a mudança nos analisantes que habitam os espaços de diferentes profissionais, sendo cada vez mais diversos, a figura de um psicanalista também pode começar a ser dissociada de um homem hétero, cisgênero e branco sentado atrás de seu divã.

Problematizar sobre o gênero me fez constatar, só depois, as transformações na minha escrita, na escuta dos meus casos, nas minhas experiências como pesquisador. Sendo um jovem analista, escutei ao longo do meu percurso como a formação inicial em psicanálise ainda é atravessada por pressupostos hegemônicos, binários, hierárquicos, heteronormativos, falocêntricos. Por entrar em contato desde o começo da minha formação com professores, textos e cursos que abraçam trabalhos críticos à psicanálise, sem cerceá-la ou abandoná-la por completo, constatei desde o início a potência de apresentar outras vias de interpretação para alguns conceitos e paradigmas clínicos. Leituras semelhantes a esta precisam ser didáticas, para podermos forjar ideias com mais leveza e propriedade.

Ao final deste percurso de pesquisa, materializado a partir de inúmeras transferências com escritos, pessoas e espaços, ficou o compromisso de defender uma psicanálise voltada à radicalidade singular do sujeito para além de prescrições dadas sobre o gênero, bem como o compromisso de localizar historicamente discursos e práticas clínicas que se imbricam nessa categoria analítica. A problematização de hegemonias, neste caso de gênero, permite-nos fazer trabalhar a herança freudiana e assumi-la em sua proposta de revolução, para que ela seja transmitida às gerações futuras sem perder sua intensidade, plasticidade e potência.

Todo texto tem um limite, uma borda, assim como quem o escreve. As análises tecidas nesta dissertação são parciais, são recortes a partir daquilo que consegui produzir no percurso de mestrado. Elas expandem problemas, mas não os esgotam. Com a finitude do texto, ficou o desejo de expandir em outra pesquisa como nos apropriamos da transferência para trabalhar com as questões de gênero, dadas as mobilizações produzidas nas relações transferenciais com os/as entrevistados/as, meus casos clínicos e minha própria análise. Finalizo este escrito com a mobilização de continuar tecendo saberes socialmente significativos a partir dos pressupostos psicanalíticos, de poder transformar e problematizar paradigmas com o intuito de proporcionar desenhos de outros e novos horizontes, compor em outros ritmos, repaginar o instituído.

6. Referências

- Aguiar, F. (2006). Questões epistemológicas e metodológicas em psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 105-131.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352006000100007&lng=pt&tlng=pt
- Amaral, M. G. T. (1995). Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições? *Psicologia USP*, 6(2), 63-84.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771995000200004&lng=pt&nrm=iso
- Ambra, P. (2016). A psicanálise é cisnormativa? Palavra política, ética da fala e a questão do patológico. *Revista Periódicus*, 1(5), 101-120.
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17179>
- Ambra, P., & Silva Jr., N. (2021). *Histeria e Gênero: sexo como desencontro*. São Paulo: nVersos Editora.
- Ambra, P. (2022). *O Ser Sexual e Seus Outros: Gênero, Autorização e Lacan*. São Paulo: Blucher.
- Arán, M. (2006). A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 9(1). <https://doi.org/10.1590/S1516-14982006000100004>
- Arán, M. (2011). A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. *Revista EPOS*, 2(2).
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2011000200002&lng=pt&tlng=pt
- Ayouch, T., & Charafeddine, L. B. (2013). A homossexualidade dos analistas: história, política e metapsicologia. *Percurso*, 51, 115-126.
- Ayouch, T. (2014). A diferença entre os sexos na teorização psicanalítica: aporias e desconstruções. *Revista Brasileira De Psicanálise*, 48(4), 58-70.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2014000400006&lng=pt&nrm=iso
- Ayouch, T. (2015). Da transsexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. *Percurso*, 54, 23-32.
- Ayouch, T. (2016). Quem tem medo dos saberes T.? Psicanálise, estudos transgêneros, saberes situados. *Revista Periódicus*, 1(5), 3-6.
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17171/0>
- Baratto, G. (2010). Genealogia do conceito de transferência na obra de Freud. *Estilos Clin.*, 15(1), 228-247. Retrieved from
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282010000100015&lng=pt&tlng=pt

- Barreto, R., & Ceccarelli, P. R. (2018). Considerações psicanalíticas sobre preconceito racial: um estudo de caso. *Estudos de Psicanálise*, (50), 145-154. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000200016&lng=pt&tlng=pt
- Beividas, W. (1999). O excesso de transferência na pesquisa em psicanálise. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(Psicol. Reflex. Crit., 1999 12(3)). <https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000300008>
- Birman, J. (2016). A leitura freudiana da política. *Psicologia Clínica*, 28(2), 55-68. Retrieved from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000200004&lng=pt&nrm=iso
- Bleichmar, S. (2015). *Do motivo da consulta à razão de análise e outros ensaios psicanalíticos*. São Paulo: Zagodoni.
- Bleichmar, S. (2021). *Clínica Psicanalítica e Neogênese*. Linear B. Editora.
- Bollas, C. (2014). [Entrevista]. In M. Selaibe & A. Carvalho (Orgs.), *Psicanálise entrevista*. vol. 2 (pp. 506-523). São Paulo: Estação Liberdade.
- Bosco, A. P., & Paiva, V. (2021). Gênero como categoria de análise... e da psicanálise? In P. Ambra & N. Silva Jr. (Eds.), *Histeria e Gênero: sexo como desencontro* (pp. 107-132). São Paulo: nVersos Editora.
- Brasil. (2023). Painel do Coronavírus. Retrieved from <https://covid.saude.gov.br/>
- Bulamah, L. C. (2014). História de uma regra não escrita: a proscrição da homossexualidade masculina no movimento psicanalítico. (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/D.47.2014.tde-27052014-161424
- Bulamah, L. C., & Kupermann, D. (2016). A psicanálise e a clínica de pacientes transexuais. *Revista Periódicus*, 1(5), 73-86. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i5.17177>
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (R. Aguiar, Trans.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Canavêz, F. (2020). Raça, gênero e classe social na clínica psicanalítica. *Tempo Psicanalítico*, 52(2), 79-102. Recuperado em 24 de fevereiro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000200004&lng=pt&tlng=pt.
- Ceccarelli, P. R., & Andrade, E. L. (2018). O sexual, a sexualidade e suas apresentações na atualidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 21(2), 229-250. Recuperado em 19 de outubro de 2020, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142018000200229&lng=en&nrm=iso.

- Ceccarelli, P. et al. (2019). *Psicanálise, sexualidade e gênero: um debate em construção*. São Paulo: Zagodoni.
- Cossi, R. K. (2011). *Transexualismo, psicanálise e gênero: do patológico ao singular* [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo].
- Cossi, R. K. (2019). *Faces do Sexual*. Aller. Costa, J. F. (1986). *Violência e psicanálise*. Graal.
- Costa, A., & Poli, M. C. (2006). Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em psicanálise. *Pulsional Revista de Psicanálise*, (188), 14-21. Recuperado em 11 de novembro de 2019, de www.editoraescuta.com.br/pulsional/188_02.pdf.
- Coutinho, D. M. B., Mattos, A. S., Monteiro, C. F. d. A., Virgens, P. A. d., & Almeida Filho, N. M. d. (2013). Ensino da psicanálise na universidade brasileira: retorno à proposta freudiana. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(1), 103-120. Recuperado em 24 de fevereiro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672013000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Cromberg, R. U. (2017). *Formação em psicanálise/Transmissão da psicanálise*. Lacuna: uma revista de psicanálise, São Paulo, n. -3, p. 7. Retrieved from <https://revistalacuna.com/2017/04/28/n3-07/>. Cunha, E. L., & Ambra, P. (2021). O trans imaginário de Miller (e de alguns outros). *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. -11, p. 7. Retrieved from <https://revistalacuna.com/2021/08/07/n-11-07/>.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1972). *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Deleuze, G. (2006). *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Derrida, J. (1995). *Salvo o nome*. (N. A. Bonatti, Trans.). Campinas: Papyrus.
- Derrida, J. (1999). *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva.
- Dunker, C. (2019). *Psicanálise sem gênero*. In: Ceccarelli, P. et al. *Psicanálise, sexualidade e gênero: um debate em construção*. São Paulo: Zagodoni, 1 ed, p. 47-54.
- Fejgelman, B. B., & Knudsen, P. P. P. (2014). A psicanálise apesar de Freud: uma releitura feminista ainda necessária. *Labrys*, v. 26, n. jul-dez. Retrieved from <http://hdl.handle.net/11449/125094>.
- Ferenczi, S. (1992). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: *Obras completas de Sándor Ferenczi* (v. 4, pp. 97-106). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)
- Figueiredo, L. C. (2000). Sobre pais e irmãos: mazelas da democracia no Brasil. In M. R. Kehl (Ed.), *Função fraterna* (pp. 145-170). Rio de Janeiro: RelumeDumará.
- Figueiredo, L. C., & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 39(70).

- Figueiredo, L. C. (2018). *Adoecimentos Psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise*. São Paulo: Blucher.
- Figueiredo, L. C. (2021). *A mente do Analista*. 2ª edição. São Paulo: Escuta.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Françoia, C., Porchat, P., & Corsetto, P. (2018). *Psicanálise e gênero: narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina*. Curitiba: Calligraphie.
- Freud, S. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2016). *Estudos Sobre a Histeria*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obras completas, 2). Original publicado em 1893 — 1895.
- Freud, S. (2019). *Interpretação dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obras completas, 4). Original publicado em 1900.
- Freud, S. (2016). *Os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obras completas, 6). Original publicado em 1905.
- Freud, S. (2015). *Sobre as teorias sexuais infantis*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obras completas, 8). Original publicado em 1908.
- Freud, S. (2010). *O caso Schreber*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obras completas, 10). Original publicado em 1911.
- Freud, S. (2013). *A Dinâmica da Transferência*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obras completas, 11). Original publicado em 1912.
- Freud, S. (2013). *Totem e Tabu*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obras completas, 11). Original publicado em 1913.
- Freud, S. (2010). *Os Instintos e seus Destinos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obras completas, 12). Original publicado em 1915.
- Freud, S. (2010). *A Transitoriedade*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obras completas, 12). Original publicado em 1916.
- Freud, S. (2014). *Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise (Parte III)*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obras completas, 13). Original publicado em 1916-1917.
- Freud, S. (1995). *Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de S.
- Freud. Rio de Janeiro: Imago. Volume XVII. Freud, S. (2010). *Deve-se Ensinar a Psicanálise nas Universidades?* São Paulo: Companhia das Letras. (Obras completas, 14). Original publicado em 1919.
- Freud, S. (2010). *Além do Princípio do Prazer*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obras completas, 14). Original publicado em 1920.

- Freud, S. (2011). *Psicologia das massas e análise do Eu*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obras completas, 15). Original publicado em 1921.
- Freud, S. (2011). *A organização genital infantil*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obras completas, 16). Original publicado em 1923a.
- Freud, S. (2011). *O Ego e o Id*. (Obras completas, 16). São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1923b.
- Freud, S. (2011). *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos*. (Obras completas, 16). São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1925.
- Freud, S. (2014). *Discurso na sociedade B'nai B'rith*. (Obras completas, 17). São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1926-1929.
- Freud, S. (2010). *O Mal-estar na civilização*. (Obras completas, 18). São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1930.
- Freud, S. (2010). *Sobre a sexualidade feminina*. (Obras completas, 18). São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1931.
- Freud, S. (2010). *A feminilidade*. (Obras completas, 18). São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1933.
- Freud, S. (2018). *Análise terminável e interminável*. (Obras completas, 19). São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1937.
- Freud, S. (2018). *Moisés e o monoteísmo*. (Obras completas, 19). São Paulo: Companhia das Letras. Original publicado em 1939.
- Garcia-Roza, L. A. (1991). *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Gomes, G. (2001). Os Dois Conceitos Freudianos de Trieb. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(3), 249-255. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722001000300007>
- Green, A., & Urribarri, F. (2019). *Do pensamento clínico ao paradigma contemporâneo*. São Paulo: Blucher.
- Greenson, R. (1998). Des-identificação em relação à mãe: sua especial importância para o menino. In: Breen, D. (Org.). *O enigma dos sexos*, 263-269. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967)
- Grisotto, A. (2010). Filosofia da diferença: apontamentos em torno da aprendizagem do pensamento em filosofia. *ETD - Educação Temática Digital*, 14(1), 179–198. <https://doi.org/10.20396/etd.v14i1.1246>
- Gueller, A. S. (2019). Dois homens podem ter um filho? Questões das crianças sobre gênero e sexualidade. In: Ceccarelli, P. et al. *Psicanálise, sexualidade e gênero: um debate em construção*, 93-109. São Paulo: Zagodoni.

- Haraway, D. (2009). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, (5), 7-41.
<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51046>
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6(1), 115-138. <https://doi.org/10.1590/S151614982003000100007>
- Knudsen, P. (2010). Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, 18(1), 161-170.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2010000100009&lng=en&nrm=iso
- Lacan, J. (1992). O seminário, livro 8: a transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1998). A significação do falo. In J. Lacan (Org.), *Escritos* (pp. 92-703). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original work published 1958)
- Lago, M. C. S. (2010). Feminismo, psicanálise, gênero: viagens e traduções. *Revista Estudos Feministas*, 18(1), 189-204. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2010000100012>
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da psicanálise* (4ª ed.). D. Lagache (Ed.). P. Tamen (Trans.). São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano*. São Paulo: Dublinense.
- Laplanche, J. (2016). A Revolução Copernicana Inacabada. *Revista Percurso*, 29(57/57), dez.
- Lattanzio, F. F. (2011). O lugar do gênero na psicanálise: da metapsicologia às novas formas de subjetivação (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Lattanzio, F. F., & Ribeiro, P. C. (2018). Nascimento e primeiros desenvolvimentos do conceito de gênero. *Psicologia Clínica*, 30(3), 409-425. <https://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n03A01>
- Leitão, L. G. (2003). Contratransferência: uma revisão na literatura do conceito. *Análise Psicológica*, 21(2), 175-183.
- Martinez, V. C. V., & Souza, I. S. F. (2014). O mito das Amazonas em cena: uma discussão psicanalítica sobre a feminilidade e o gênero. *Cadernos de Psicanálise*, 36(30), 171-197.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952014000100010&lng=pt&nrm=iso
- Martins, L. P. L. (2019). Sexualidade, gênero e identidade: questões para a psicanálise. *Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental*, 22(2). <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2019v22n2p215.4>

- Marx, K. (2012). *As lutas de classes na França*. São Paulo: Boitempo.
- Maya, A. (2007). O que os analistas pensam sobre a homossexualidade? *Psychê*, 11(21), 85-104. Recuperado em 24 de fevereiro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000200006&lng=pt&tlng=pt.
- Maya, A. C. L. (2008). *Homossexualidade: saber e homofobia*. (Tese de doutorado). UFRJ/ Instituto de Psicologia/ Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Rio de Janeiro.
- McDonald, C. V., Rodrigues, C., & Grenha, T. (2019). “Coreografias”: entrevista com Jacques Derrida. *Revista Estudos Feministas*, 27(1). <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n150638>
- Mezan, R. (2002). *Psicanálise e pós-graduação: notas, exemplos e reflexões*. In R. Mezan, *Interfaces da psicanálise* (pp. 395-435). São Paulo: Companhia das Letras.
- Miskolci, R., & Campana, M. (2017). “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade E Estado*, 32(3). <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008>
- Molina, J. A. (2011). *O que Freud dizia sobre as mulheres* (2ª ed.). São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Money, J. (1955). Hermaphroditism, gender and precocity in hyperadrenocorticism: psychologic findings. *Bulletin of the Johns Hopkins Hospital*, 96, 253-264.
- Munhoz, S. (1997). Fragmentos de um possível diálogo com Edward Palmer Thompson e com alguns dos seus críticos. *Revista de História Regional*, 2(2), 153-185.
- Percurso (1998). *Revista semestral de psicanálise*. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, (20), 1º semestre.
- Percurso (1988). *Revista semestral de psicanálise*. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, (1), 2º semestre.
- Freire-Costa, J. (1988). [Entrevista]. São Paulo: Estação Liberdade, pp. 48-54.
- Pinheiro, E. (2022, January 23). Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo. *Brasil de Fato*. <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>
- Porchat, P. (2017). Elementos para refletir acerca do trabalho psicanalítico com famílias que "saem do armário". *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(2), 103-116. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2017000200008&lng=pt&tlng=pt
- Porchat, P. (2018). Barulhos de gênero. In C. Françaia, P. Porchat, & P. Corsetto (Eds.), *Psicanálise e gênero: narrativas feministas e queer no Brasil e na Argentina* (pp. 36-42). Calligraphie.

- Porchat, P. (2019). O gênero do espelho: verdades e ficções da identidade. In R. K. Cossi (Ed.), *Faces do sexual* (pp. 79-98). Aller. Preciado, P. B. (2019). Um apartamento em Urano (Conferência) [C. Q. Kushiner & P. S. Souza Jr., Trans.]. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, (8), 12. <https://revistalacuna.com/2019/12/08/n-8-12/>
- Rivera, T. (2020). Por uma psicanálise a favor da identidade. *Revista Cult*. <https://revistacult.uol.com.br/home/por-uma-psicanalise-favor-da-identidade/>
- Rocha, P. S. (2000). Instituições psicanalíticas: uma política de avestruz? *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 3(2). <https://doi.org/10.1590/S1516-14982000000200009>
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 4(2), 329-348. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008&lng=pt&nrm=iso
- Rosa, M. D., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1). <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a21.pdf>
- Revista Periódicos. (2016). Corpo, política, psicologia e psicanálise: a produção de saber nas construções transidentitárias. 1(5). <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/issue/view/1278>
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 4(2), 329-348. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000200008&lng=pt&nrm=iso
- Roussillon, R. (2019). *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. Blucher.
- Rubin, G. (1975). The traffic in women: notes on the political economy of sex. In R. Reiter (Ed.), *Toward an Anthropology of Women* (pp. 157-210). Monthly Review Press.
- Scott, J. (1989). Gender: A useful category of historical analysis. In J. Scott (Ed.), *Gender and the Politics of History* (pp. 28-50). Columbia University Press.
- Souza, M. (2011). Vazio, feminino e restos. In M. de Souza, F. M. M. C. Martins, & J. N. G. de Araujo (Eds.), *Dimensões da violência: conhecimento, subjetividade, sofrimento psíquico* (pp. 67-83). Casa do Psicólogo.
- Souza, M. (2018). Cenas brasileiras, violências, subjetividades. *Esboços*, 25, 468-480. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2018v25n40p468>
- Stoller, R. (1968). A further contribution to the study of gender identity. *International Journal of Psychoanalysis*, 49, 220-226.
- Tajer, D. (2013). Diversidad y Clínica Psicoanalítica. Apuntes para un debate. In A. M. Fernandez & W. Siqueira Perez (Eds.), *La Diferencia Desquiciada. Géneros y Diversidades sexuales* (pp. 55-65). Biblos.

Tarelho, L. C. (2012). A teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche e o descentramento do ser humano. *Jornal de Psicanálise*, 45(83), 97-107.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352012000200009&lng=pt&tlng=pt

Tavares, L. A. T., & Hashimoto, F. (2013). A pesquisa teórica em psicanálise: das suas condições e possibilidades. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 166-178.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198382202013000200002&lng=pt&nrm=iso

Apêndice 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Área de concentração 2 – Psicologia Social e Cultura

Linha 2 – Processos de subjetivação, gênero e diversidades

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARTICIPANTE DE PESQUISA)

Prezado(a), você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), em uma pesquisa, a qual está pautada na Resolução 510/16 de acordo com o CNS (Conselho Nacional de Saúde). Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, poderá aceitar ou não fazer parte do estudo. E caso aceite, poderá desistir de sua participação a qualquer momento, sem ter que apresentar nenhuma justificativa ou motivo, podendo fazê-lo inclusive por telefone. Em caso de recusa ou desistência você não será penalizado(a) de forma alguma. Se concordar em participar assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. A identidade dos(as) participantes será mantida em absoluto sigilo. E os dados serão arquivados sob a responsabilidade do pesquisador e eliminados após cinco anos.

Título do estudo: Problematizando o Gênero na Psicanálise: Entre Discursos e Práticas Clínicas.

Pesquisadores responsáveis: **Pedro Valentim Eccher** – Mestrando em Psicologia vinculado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, **Profa. Dra. Mériti de Souza** – Professora Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Contatos:

E-mails: pceccher@gmail.com, meritisouza@yahoo.com.br

Contato telefônico direto com o pesquisador: (47) 99151-4052

Endereço institucional: Departamento de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n - Trindade, Florianópolis - SC, 88040-900.

Rubrica do pesquisador responsável pela obtenção do consentimento: _____. Rubrica do participante de pesquisa: _____. Página 1 de 4.

Referente ao CEPESH/UFSC: O CEPESH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. **Endereço:** Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, no 222, Trindade, Florianópolis. **Telefone para contato:** (48) 3721-6094.

Pretende-se, através da pesquisa, ampliar o conhecimento acerca da temática de gênero no campo psicanalítico brasileiro. O estudo tem por objetivo primário analisar discursos de psicanalistas a respeito do gênero, considerando as reverberações das suas concepções sobre essa temática nas suas respectivas práticas clínicas. O problema de pesquisa é: como o gênero é concebido no campo psicanalítico brasileiro? De forma específica: quais são as reverberações dessas concepções numa prática clínica fundada na psicanálise? A pesquisa será realizada por meio de entrevistas com psicanalistas que correspondem aos critérios de inclusão e exclusão do projeto. Busca-se escutar como as concepções sobre o gênero influenciam a prática clínica desses profissionais. Em outras palavras, busca-se escutar como os debates, as tensões e as pontes de diálogo sobre os problemas de gênero do nosso tempo chegam (ou não chegam) no território clínico de um psicanalista e o tensionam a pensar novas perspectivas teóricas e de método. Essa proposta está pautada em escritos extremamente atuais promovidos no campo psicanalítico brasileiro, alguns deles podendo ser encontrados no projeto de pesquisa dos pesquisadores. As entrevistas serão gravadas em áudio e posteriormente transcritas, sendo que nomes ou quaisquer dados que possam identificar as(os) participantes não serão utilizados.

Desta forma, com a sua ciência e autorização, utilizaremos o material obtido por meio das entrevistas para produções científicas que respondam às perguntas iniciais da pesquisa. Por sua vez, as transcrições das entrevistas e as divulgações científicas, não trarão, de forma alguma, dados que possam identificar os participantes respeitando o sigilo profissional e ético em pesquisa. A participação na pesquisa não é obrigatória, realizada por livre e espontânea vontade do participante.

Os diálogos obtidos nas entrevistas serão utilizados como fonte de informação, permitindo reflexões a respeito das práticas realizadas por psicanalistas atreladas às questões de gênero no atual campo psicanalítico brasileiro. Neste contexto, há possibilidade de você se deparar com conteúdo delicados e de difícil manejo, o que poderá mobilizá-lo(a) emocionalmente. Além disso, existe a possibilidade, mesmo que remota, de quebra de sigilo, mesmo que involuntariamente e de forma não intencional, podendo acarretar possíveis consequências na vida pessoal e profissional dos participantes.

Rubrica do pesquisador responsável pela obtenção do consentimento: _____. Rubrica do participante de pesquisa: _____. Página 2 de 4.

Desta forma, caso sinta algum tipo de desconforto ou constrangimento no decorrer da pesquisa e você não queira mais participar da pesquisa, o pesquisador compromete-se a interromper a sua participação. O participante da pesquisa receberá suporte psicológico e assistência integral, imediata e de forma gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa.

Desta forma, será garantida a assistência e o acompanhamento psicológico em todas as etapas dessa pesquisa. Desta forma, neste documento estão sendo disponibilizados meio de contato para que você entre em contato para quaisquer esclarecimentos e para você solicitar a exclusão da pesquisa, caso seja necessário.

Esclareceu-se que o uso das informações oferecidas está submetido às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Caso o participante tenha dúvida ou se sinta prejudicada(o), poderá contatar o pesquisador pessoalmente ou por meio do telefone (47) 991514052. Também foi garantido que o participante pode retirar seu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Esclareceu-se que o participante não terá nenhuma despesa advinda da participação na pesquisa, bem como não terá qualquer compensação financeira. Esclareceu-se que caso o participante tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa, poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada. Além disso, se houver custos referentes à participação estes também serão custeadas pelo pesquisador. Os dados fornecidos serão confidenciais, os nomes dos participantes não serão identificados em nenhum momento e o livre acesso às informações da pesquisa e dos dados coletados será garantido pelo pesquisador – Pedro Valentim Eccher – e/ou pela orientadora de pesquisa – Profa. Dra. Mériti de Souza. As informações serão utilizadas para elaboração da dissertação de mestrado e na publicação em livros, periódicos ou divulgação em eventos científicos.

O participante tem direito a indenização por eventuais danos, efeitos colaterais e reações adversas decorrentes da participação na presente pesquisa.

Declara-se que foram prestadas todas as informações necessárias e esclarecimentos quanto às dúvidas apresentadas e, por estar de acordo, rubrica-se em todas as páginas e assina-se o presente documento em duas vias de igual teor (conteúdo) e forma, ficando uma delas na posse do participante.

Rubrica do pesquisador responsável pela obtenção do consentimento: _____. Rubrica do participante de pesquisa: _____. Página 3 de 4.

Eu, _____, declaro, por meio deste termo, que concordei em participar na pesquisa referente ao projeto intitulado “Problematizando o Gênero na Psicanálise: Entre Discursos e Práticas Clínicas”, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para a realização da pesquisa.

Cidade: _____ Data: _____

Assinatura do Participante _____

Assinatura do Pesquisador

Pedro Valentim Eccher

Assinatura da Orientadora de Pesquisa

Profa. Dra. Mériti de Souza.

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEPESH-UFSC Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, no 222, sala 401 Trindade – Florianópolis/SC – CEP 88.040-400. Contato: (48) 3721-6094 – cep.propesq@contato.ufsc.br

Rubrica do pesquisador responsável pela obtenção do consentimento: _____. Rubrica do participante de pesquisa: _____. Página 4 de 4.

Apêndice 2 - Perguntas Disparadoras

Observação: As perguntas contidas neste apêndice foram pensadas previamente às entrevistas e estão relacionadas ao problema e aos objetivos da pesquisa. Entretanto, durante a execução das entrevistas, a livre associação e a atenção flutuante foram priorizadas, para que na transferência e pela escuta psicanalítica o problema de pesquisa fosse trabalhado. Logo, outras perguntas puderam ser produzidas para além das que estão abaixo.

- 1) Você poderia me contar mais sobre seu percurso em psicanálise? Poderia falar sobre sua formação, seus trabalhos, entre outras experiências?
- 2) Você considera que discussões em torno da temática de gênero podem agregar para seu percurso formativo e para sua prática clínica?
- 3) Você constata ressonâncias das questões de gênero da atualidade na sua prática clínica? São ressonâncias teóricas e/ou empíricas?
- 4) Como você considera que a temática de gênero está sendo abordada pelo campo psicanalítico brasileiro?
- 5) No início da sua formação, você teve contato com professores/supervisores/cursos que articulassem questões de gênero com pressupostos psicanalíticos?